

VIAGEM AO BRASIL
Hans Staden



VIAGEM AO BRASIL

Hans Staden

Prefácio: Alcmeno Bastos





Os Correios, reconhecidos por prestar serviços postais com qualidade e excelência aos brasileiros, também investem em ações que tenham a cultura como instrumento de inclusão social, por meio da concessão de patrocínios. A atuação da empresa visa, cada vez mais, contribuir para a valorização da memória cultural brasileira, a democratização do acesso à cultura e o fortalecimento da cidadania.

É nesse sentido que os Correios, presentes em todo o território nacional, apoiam, com grande satisfação, projetos da natureza desta Biblioteca Básica Brasileira e ratificam seu compromisso em aproximar os brasileiros das diversas linguagens artísticas e experiências culturais que nascem nas mais diferentes regiões do país.

A empresa incentiva o hábito de ler, que é de fundamental importância para a formação do ser humano. A leitura possibilita enriquecer o vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Assim, os Correios se orgulham em disponibilizar à sociedade o acesso a livros indispensáveis para o conhecimento do Brasil.

Correios



O livro, essa tecnologia conquistada, já demonstrou ter a maior longevidade entre os produtos culturais. No entanto, mais que os suportes físicos, as ideias já demonstraram sobreviver ainda melhor aos anos. Esse é o caso da Biblioteca Básica Brasileira.

Esse projeto cultural e pedagógico idealizado por Darcy Ribeiro teve suas sementes lançadas em 1963, quando foram publicados os primeiros dez volumes de uma coleção essencial para o conhecimento do país. São títulos como *Raízes do Brasil*, *Casa-grande & senzala*, *A formação econômica do Brasil*, *Os sertões* e *Memórias de um sargento de milícias*.

Esse ideal foi retomado com a viabilização da primeira fase da coleção com 50 títulos. Ao todo, 360 mil exemplares serão distribuídos entre as unidades do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, contribuindo para a formação de acervo e para o acesso público e gratuito em cerca de 6.000 bibliotecas. Trata-se de uma iniciativa ousada à qual a Petrobras vem juntar suas forças, colaborando para a compreensão da formação do país, de seu imaginário e de seus ideais, especialmente num momento de grande otimismo e projeção internacional.

Petrobras - Petróleo Brasileiro S. A.



Apresentação	xix
Prefácio – Alcmemo Bastos	xxi
Prefácio do tradutor	3
Dedicatória do autor	7
Prefácio de D. Dryander	11
PRIMEIRA PARTE	19
Capítulo I	21
Capítulo II	23
<i>Descrição da minha primeira viagem de Lissebona para fora de Portugal</i>	
Capítulo III	27
<i>Como os selvagens do lugar Prannenbucke se revoltaram e quiseram destruir a colônia dos portugueses</i>	
Capítulo IV	28
<i>De como eram suas fortificações e como eles combatiam contra nós</i>	
Capítulo V	31
<i>De como saímos de Prannenbucke para uma terra chamada Buttugaris; encontramos um navio francês e nos batemos com ele</i>	
Capítulo VI	34
<i>Narração da minha segunda viagem de Civilia, em Espanha, para a América</i>	

Capítulo VII	36
<i>De como chegamos à latitude de 28 graus na terra da América e não pudemos reconhecer o porto para onde íamos, e uma grande tempestade se desencadeou em terra</i>	
Capítulo VIII	39
<i>De como saímos outra vez do porto a procurar o lugar para onde queríamos ir</i>	
Capítulo IX	41
<i>De como alguns dos nossos saíram no bote para reconhecer o porto e acharam um crucifixo sobre uma rocha</i>	
Capítulo X	44
<i>Como me mandaram à nossa nau grande numa canoa cheia de selvagens</i>	
Capítulo XI	46
<i>Como chegou a outra nau da nossa companhia, que se tinha desgarrado e onde vinha o primeiro piloto</i>	
Capítulo XII	48
<i>Como deliberamos ir a São Vicente, que era dos portugueses, a arranjar com eles um navio para fretar, e terminar assim a nossa viagem; porém, naufragamos e não sabíamos a que distância estávamos de São Vicente</i>	
Capítulo XIII	51
<i>Como viemos a saber em que país de selvagens tínhamos naufragado</i>	

Capítulo XIV	53
<i>Como está situado São Vicente</i>	
Capítulo XV	55
<i>Como se chama o lugar donde lhes vem a maior perseguição e como está situado</i>	
Capítulo XVI	57
<i>Como os portugueses reedificaram Brickioka e depois fizeram uma casa forte na ilha de Santo Maro</i>	
Capítulo XVII	59
<i>Como e por que motivo tínhamos de observar os inimigos mais numa época do ano do que na outra</i>	
Capítulo XVIII	61
<i>Como fui aprisionado pelos selvagens e como isso aconteceu</i>	
Capítulo XIX	64
<i>Como queriam voltar e os nossos chegaram para me reclamar, e como voltaram para eles e combateram</i>	
Capítulo XX	66
<i>O que se passou na viagem para a terra deles</i>	
Capítulo XXI	69
<i>Como me trataram de dia, quando me levaram às suas casas</i>	
Capítulo XXII	71
<i>Como os meus dois amos vieram a mim e me disseram que me tinham dado a um amigo que me devia guardar e matar quando me quisessem comer</i>	
Capítulo XXIII	73
<i>Como dançaram comigo diante das cabanas nas quais guardam seus ídolos tammerka</i>	

Capítulo XXIV	74
<i>Como depois da dança me entregaram a Ipperu Wasu, que me devia matar</i>	
Capítulo XXV	76
<i>Como os que me capturaram estavam zangados e se queixavam de que os portugueses mataram a tiro seu pai, que eles queriam vingar em mim</i>	
Capítulo XXVI	78
<i>Como um francês que os navios deixaram entre os selvagens chegou para me ver e lhes recomendou que me devorassem, porque eu era português</i>	
Capítulo XXVII	80
<i>Como eu sentia fortes dores de dentes</i>	
Capítulo XXVIII	81
<i>Como me levaram ao seu rei supremo, chamado Konyan Bébe, e o que ali fizeram comigo</i>	
Capítulo XXIX	85
<i>Como as 25 canoas dos tuppín ikins vieram, como eu tinha dito ao rei, para atacar as cabanas onde eu estava</i>	
Capítulo XXX	86
<i>Como os chefes se reuniram de noite, ao luar</i>	
Capítulo XXXI	87
<i>Como os tuppín ikins incendiaram uma outra aldeia, chamada Mambukabe</i>	
Capítulo XXXII	88
<i>Como chegou um navio de Brickioka e perguntaram por mim. O que disseram a meu respeito</i>	

Capítulo XXXIII	89
<i>Como o irmão de Jeppipo Wasu chegou de Mambukabe e queixou-se a mim de que seu irmão, sua mãe e todos os outros estavam doentes e pediu-me que eu fizesse com que meu Deus lhes desse outra vez a saúde</i>	
Capítulo XXXIV	91
<i>Como o Jeppipo Wasu voltou doente</i>	
Capítulo XXXV	94
<i>Como voltou o francês que tinha recomendado aos selvagens que me devorassem e eu lhe pedi que me levasse, mas os meus senhores não me queriam deixar</i>	
Capítulo XXXVI	97
<i>Como devoraram um prisioneiro e me conduziram a esse espetáculo</i>	
Capítulo XXXVII	99
<i>O que aconteceu na volta, depois de terem comido o prisioneiro</i>	
Capítulo XXXVIII	101
<i>Como outra vez um navio foi mandado pelos portugueses à minha procura</i>	
Capítulo XXXIX	105
<i>Como eles tinham um prisioneiro que sempre me caluniava e que estimaria que me matassem, e como o mesmo foi morto e devorado na minha presença</i>	
Capítulo XL	108
<i>Como um navio francês chegou para negociar com os selvagens algodão e pau-brasil, para o qual navio eu queria ir, mas Deus não permitiu</i>	

Capítulo XLI	110
<i>Como os selvagens foram para a guerra e me levaram e o que aconteceu nessa viagem</i>	
Capítulo XLII	114
<i>Como, na volta, trataram os prisioneiros</i>	
Capítulo XLIII	117
<i>Como dançavam com os seus inimigos, quando pernoitamos, no dia seguinte</i>	
Capítulo XLIV	119
<i>Como o navio francês ainda lá estava, para o qual me tinham prometido levar quando voltassem da guerra, etc., como ficou referido</i>	
Capítulo XLV	120
<i>Como foi que comeram assado o primeiro dos dois cristãos, a saber: Jorge Ferrero, o filho do capitão português</i>	
Capítulo XLVI	121
<i>Como Deus Todo-Poderoso me deu uma prova</i>	
Capítulo XLVII	122
<i>Como uma noite fui pescar com dois selvagens e Deus fez um milagre por causa de uma chuva e tempestade</i>	
Capítulo XLVIII	123
<i>Como foi que comeram assado o outro cristão, chamado Hieronymus</i>	
Capítulo XLIX	124
<i>Como foi que me levaram para fazer presente de mim</i>	
Capítulo L	125
<i>Como os selvagens daquele lugar contaram que o navio francês tinha-se feito a vela de novo</i>	

Capítulo LI	126
<i>Como, logo depois de terem feito presente de mim, um outro navio chegou de França, chamado Catarina de Vattailla, o qual, por providência de Deus, me comprou, e como isso aconteceu</i>	
Capítulo LII	129
<i>Como se chamavam os comandantes do navio; de onde era o navio; o que ainda aconteceu antes de partirmos do porto, e que tempo levamos em viagem para França</i>	
Capítulo LIII	131
<i>Como em Depen eu fui levado para a casa do capitão do navio Bellete (Bel'Eté), que tinha deixado o Brasil antes de nós e ainda não tinha voltado</i>	
SEGUNDA PARTE	135
Capítulo I	137
<i>Como se faz a navegação de Portugal para o Rio de Jannero, situado na América, mais ou menos no 24º gradus do Tropici Capricorni</i>	
Capítulo II	139
<i>Como está situado o país América, ou Brasil, conforme em parte tenho visto</i>	
Capítulo III	141
<i>Sobre uma grande serra que há no país</i>	
Capítulo IV	143
<i>Como os selvagens tuppín inbá, dos quais fui prisioneiro, têm suas moradas</i>	
Capítulo V	145
<i>Como fazem fogo</i>	

Capítulo VI	146
<i>Onde dormem</i>	
Capítulo VII	147
<i>Como são destros em caçar animais e peixes com flechas</i>	
Capítulo VIII	149
<i>Que feição apresenta esta gente</i>	
Capítulo IX	150
<i>Com que eles cortam, visto não poderem adquirir ferramentas cristãs, como machados, facas e tesouras</i>	
Capítulo X	151
<i>Qual é o seu pão. Como se chamam os seus frutos, como eles plantam e como os preparam para comer</i>	
Capítulo XI	153
<i>Como cozinham a comida</i>	
Capítulo XII	155
<i>Que regime e ordem seguem em relação às autoridades e à justiça</i>	
Capítulo XIII	156
<i>Como se fabricam os potes e as vasilhas que usam</i>	
Capítulo XIV	157
<i>Como fabricam as bebidas com que se embriagam e como celebram essas bebedeiras</i>	
Capítulo XV	159
<i>Qual o enfeite dos homens, como se pintam e quais são os seus nomes</i>	
Capítulo XVI	162
<i>Quais são os enfeites das mulheres</i>	
Capítulo XVII	163
<i>Como dão o primeiro nome às crianças</i>	

Capítulo XVIII	164
<i>Quantas mulheres cada um tem, e comovive com elas</i>	
Capítulo XIX	165
<i>Como eles contratam os casamentos</i>	
Capítulo XX	166
<i>Quais são as suas riquezas</i>	
Capítulo XXI	167
<i>Qual é a sua maior honra</i>	
Capítulo XXII	168
<i>Em que creem</i>	
Capítulo XXIII	171
<i>Como eles tornam as mulheres adivinhas</i>	
Capítulo XXIV	172
<i>Como navegam nas águas</i>	
Capítulo XXV	173
<i>Por que um inimigo devora o outro</i>	
Capítulo XXVI	174
<i>Como fazem seus planos quando querem ir à terra de seus inimigos para os guerrear</i>	
Capítulo XXVII	176
<i>Qual é o seu armamento para a guerra</i>	
Capítulo XXVIII	177
<i>Com que cerimônia matam e comem seus inimigos</i>	
<i>Como os matam e como os tratam</i>	
Capítulo XXIX	181
<i>Descrição de alguns animais no país</i>	
Capítulo XXX	183
<i>Serwoy</i>	
Capítulo XXXI	184
<i>Há também muitos tigres no país, que matam gente e causam muitos prejuízos</i>	

Capítulo XXXII	185
<i>De uma espécie de insetos pequenos como pulgas pequenas que os selvagens chamam attun</i>	
Capítulo XXXIII	186
<i>De uma espécie de morcego do país e como de noite, durante o sono, ele chupa os dedos do pé e a cabeça da gente</i>	
Capítulo XXXIV	187
<i>Das abelhas do país</i>	
Capítulo XXXV	188
<i>Dos pássaros do país</i>	
Capítulo XXXVI	189
<i>Descrição de algumas árvores do país</i>	
Capítulo XXXVII	190
<i>Como crescem o algodão e a pimenta do Prasil, e também outras raízes mais, que os selvagens plantam para comer</i>	
Discurso final	191
<i>Ao leitor deseja Hans Staden a graça e a paz de Deus</i>	

A Fundação Darcy Ribeiro realiza, depois de 50 anos, o sonho sonhado pelo professor Darcy Ribeiro, de publicar a Coleção Biblioteca Básica Brasileira – a **BBB**.

A **BBB** foi formulada em 1962, quando Darcy tornou-se o primeiro reitor da Universidade de Brasília – UnB. Foi concebida com o objetivo de proporcionar aos brasileiros um conhecimento mais profundo de sua história e cultura.

Darcy reuniu um brilhante grupo de intelectuais e professores para, juntos, criarem o que seria a universidade do futuro. Era o sonho de uma geração que confiava em si, que reivindicava – como Darcy fez ao longo da vida – o direito de tomar o destino em suas mãos. Dessa entrega generosa nasceu a Universidade de Brasília e, com ela, muitos outros sonhos e projetos, como a **BBB**.

Em 1963, quando ministro da Educação, Darcy Ribeiro viabilizou a publicação dos primeiros 10 volumes da **BBB**, com tiragem de 15.000 coleções, ou seja, 150 mil livros.

A proposta previa a publicação de 9 outras edições com 10 volumes cada, pois a Biblioteca Básica Brasileira seria composta por 100 títulos. A continuidade do programa de edições pela UnB foi inviabilizada devido à truculência política do regime militar.

Com a missão de manter vivos o pensamento e a obra de seu instituidor e, sobretudo, comprometida em dar prosseguimento às suas lutas, a Fundação Darcy Ribeiro retomou a proposta e a atualizou, configurando, assim, uma nova **BBB**.

Aliada aos parceiros Fundação Biblioteca Nacional e Editora UnB, a Fundação Darcy Ribeiro constituiu um comitê editorial que redesenhou o projeto. Com a inclusão de 50 novos títulos,

a Coleção atualmente apresenta 150 obras, totalizando 18 mil coleções, o que perfaz um total de 2.700.000 exemplares, cuja distribuição será gratuita para todas as bibliotecas que integram o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, e ocorrerá ao longo de três anos.

A **BBB** tem como base os temas gerais definidos por Darcy Ribeiro: O Brasil e os brasileiros; Os cronistas da edificação; Cultura popular e cultura erudita; Estudos brasileiros e Criação literária.




Impulsionados pelas utopias do professor Darcy, apresentamos ao Brasil e aos brasileiros, com o apoio dos Correios e da Petrobras, no âmbito da Lei Rouanet, um valioso trabalho de pesquisa, com o desejo de que nos reconheçamos como a Nova Roma, porém melhor, porque lavada em sangue negro, sangue índio, tropical. A Nação Mestiça que se revela ao mundo como uma civilização vocacionada para a alegria, a tolerância e a solidariedade.

Paulo de F. Ribeiro
Presidente
Fundação Darcy Ribeiro

Quase nada se sabe da vida de Hans Staden além do que ele mesmo informa em seu *Duas viagens ao Brasil*, publicado pela primeira vez em 1557, na cidade alemã de Marburg. Dificilmente, porém, o resto de sua vida poderá superar em interesse o relato que lhe deu fama. O prefácio da obra, escrito pelo Professor Dr. Johann Eichmann, “chamado Dryander”, da Universidade de Marburg, atesta, ainda que de modo cautelar, a boa procedência familiar de Staden, filho de um homem que o próprio Dryander conhecera desde a infância, o que deveria confirmar o dito popular: “Se a maçã sabe ao tronco, pode-se esperar que o filho deste honrado homem se assemelhe ao pai em seu valor e piedade”.

Percebe-se que Staden, talvez por conta de diferença de idade, não era íntimo de Dryander, a quem pedira revisar seu trabalho, mas nenhuma restrição é feita à veracidade do relato. Antes, pelo contrário, o prefaciador destaca as numerosas referências que Staden fornece e que poderiam ser desmentidas, caso faltassem à verdade. Contudo, o prefácio serve bem mais à autenticidade do livro que à biografia do autor, pois nada é acrescentado à informação sobre a ascendência de Staden. Desse modo, tudo o que na biografia de Staden possa interessar ao leitor se restringe, realmente, aos aproximadamente nove anos tomados por suas *duas viagens ao Brasil*.

Os dois livros que compõem as *Duas viagens ao Brasil* são de teor bem distinto. No primeiro, Hans Staden conta como chegou a Portugal com o intuito de conhecer a Índia, mas teve seus planos modificados pelo fato de que “os navios do Rei, que se



destinavam às Índias, já haviam largado”. Embarcou, então, para o Brasil, como artilheiro de um navio mercador que, a despeito dessa função não beligerante, poderia também aprisionar navios de outras nacionalidades que comerciassem ilegalmente com os nativos da África ou da América. Em Pernambuco, ajudou os portugueses a combaterem os índios em revolta e voltou a Lisboa no mesmo ano. Já o Livro II narra a segunda viagem de Staden, dessa vez com destino ao Rio da Prata, partindo de Sevilha, na Espanha, em 1549. Antes de chegar a Assunção, porém, o navio naufragou nas costas de Santa Catarina, no Brasil. Staden e os sobreviventes ali permaneceram por cerca de dois anos, quando, enfim, parte deles decidiu viajar até São Vicente, onde pretendiam fretar um navio que os levaria a Assunção. Novo naufrágio, porém, nas proximidades de São Vicente, reteve Staden no Brasil. Em São Vicente, aonde os sobreviventes, com muito sacrifício, conseguiram chegar, a pé, serviu aos portugueses como artilheiro do Forte de Bertioga, até que, tendo-se afastado dos limites de segurança do forte, durante uma caçada, caiu prisioneiro dos índios tupinambás. Nessa condição permaneceu por nove meses, sempre sob ameaça de ser comido, já que seus captores eram antropófagos, até ser resgatado por um navio francês que o levou de volta à Alemanha.

Como informa Francisco de Assis Carvalho Franco na Introdução à edição brasileira de 1974, já tinham vindo a público “mais de cinquenta edições em alemão, flamengo, holandês, latim, francês, inglês e português” do livro de Staden. Entretanto, apesar da importância do relato para a melhor compreensão dos primeiros encontros de europeus e nativos da terra, a primeira tradução para o português, feita por Tristão de Alencar Araripe Junior, apareceu somente em 1892, na *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, com o título de “Relação verídica e sucinta



dos usos e costumes dos tupinambás por Hans Staden, traduzida em língua vernácula”.¹

Hans Staden ocupa uma posição singularíssima no quadro da chamada “literatura de informação” sobre o Brasil dos séculos XVI e XVII. Em primeiro lugar, pelo fato de ter sido o único a vivenciar, numa condição de completo desfavorecimento, a cultura do indígena brasileiro, pois foi prisioneiro e esteve ameaçado de morrer por mais de uma vez, escapando por muito pouco. Os demais cronistas pertenciam aos círculos do poder e estiveram isentos dos riscos que Staden correu. Em segundo lugar, Staden foi o primeiro europeu a publicar um texto sobre a terra e o indígena brasileiros com tão copiosas informações obtidas *in loco*, resultado, portanto, de experiência direta. Em terceiro lugar, o relato de Staden é praticamente isento de qualquer preconceito com relação ao indígena, até simpático, a despeito de não lhe faltarem motivos para pintar de seus “anfitriões” um retrato negativo.

A tradução tardia do texto para o português talvez explique o fato de que nas tentativas épicas do século XVIII que se ocuparam da figura do indígena – *O Uraguai* (1769), de Basílio da Gama, e *Caramuru* (1781), de Frei Santa Rita Durão – não há vestígios de Staden na bibliografia de apoio. Já no caso dos românticos Gonçalves Dias e José de Alencar, nomes tutelares do indianismo do século XIX, há indícios claros de leitura do livro de Staden. O primeiro, nas notas explicativas sobre alguns de seus poemas indianistas,² cita Staden oito vezes, ora em francês, provavelmente a partir de uma coletânea – “a coleção de Ternaux” –, ora

1 Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo LV, Parte I (1º e 2º trimestres), p. 264-357. Disponível em <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1892t00551c.pdf>.

2 DIAS, Gonçalves. *Poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. No texto, entre parênteses, estão feitas as indicações de páginas dessa edição.



em português, e quase sempre com indicação de páginas, o que atesta leitura direta do texto de Staden. Quanto a José de Alencar, nas numerosas notas explicativas aos seus romances indianistas *Iracema e Ubirajara*,³ há uma só menção a Staden, e ainda assim não direta, mas a partir da *História do Brasil (1810-1819)* de Robert Southey, a propósito do modo indígena de dar nome às crianças. Sobre a *antropofagia*, Alencar faz extensa nota ao Ubirajara, na qual contesta dever-se ela “à ferocidade, que transformava os selvagens em verdadeiros carniceiros” ou à gula, mas a “uma espécie de comunhão da carne; pela qual se operava a transfusão do heroísmo”, mas em nenhum momento cita Staden.

Não há exagero em dizer que o relato de Staden repercutiu entre os modernistas brasileiros de 1922. Raul Bopp, autor de *Cobra Norato* (1931), integrante da primeira geração modernista e participante da corrente antropofágica entre 1927 e 1929, conta que, certa noite, Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade “resolveram levar o grupo que frequentava o solar [de Tarsila] a um restaurante situado nas bandas de Santa Ana”,⁴ especializado em rãs. À chegada do prato, “entre aplausos”, “Oswald levantou-se e começou a fazer o elogio da rã, explicando, com uma alta percentagem de burla, a teoria da evolução das espécies”. Ao que Tarsila do Amaral, no clima jocoso da “explicação” de Oswald, comentou: “Em resumo, isso significa que, teoricamente, deglutindo rãs, somos uns... quase antropófagos.” Comenta Raul Bopp: “A tese, com um forte tempero de blague, tomou amplitude. Deu lugar a jogo divertido de ideias. Citaram-se logo o velho Staden e outros clássicos da Antropofagia: ‘Lá vem a nossa comida pulando.’” Alguns dias

3 ALENCAR, José de. *José de Alencar: obra completa*. Vol. II. No texto, entre parênteses, estão feitas as indicações de páginas dessa edição.

4 BOPP, Raul. *Movimentos modernistas no Brasil: 1922-1928*. Rio de Janeiro: São José, 1966. p. 70.



depois da *noite das rãs*, Tarsila do Amaral oferecia, para batismo pelo grupo, um quadro novo, chamado precisamente *O antropófago* (ou *Abaporu*, em tupi-guarani). Oswald de Andrade propôs, então, “desencadear um movimento de reação, genuinamente brasileiro”, para o qual redigiu um “Manifesto”.⁵

Como se pode observar pelo depoimento de Raul Bopp, o texto de Staden pode muito bem ter sido a fonte de inspiração do *Manifesto Antropofágico*, pelo menos no que diz respeito ao destaque dado por ele à antropofagia dos indígenas. A citação do “velho Staden” a que Bopp se refere evocava um dos suplícios a que Staden fora submetido, e que a despeito disso chegava a ser cômico. Staden, tendo as pernas amarradas em três lugares, era obrigado a caminhar pela choça aos pulos, causando riso nos que o observavam. O comentário dos indígenas, à visão do pobre Staden esforçando-se para não cair, era vazado no mais legítimo humor negro: “Aí vem pulando o nosso manjar!”, e não desonraria o gosto modernista pelo poema-piada. Também o estilo fluente do relato de Staden casa-se perfeitamente com os princípios modernistas de aversão ao empolado e retórico.

Como já dito, Hans Staden escreveu dois livros sobre sua experiência no Brasil. No “Livro Primeiro”, narra as viagens feitas, entre os anos de 1548 e 1555, seu aprisionamento pelos índios tupinambás e, por fim, seu resgate. Em “meados de janeiro de 1554”, Hans Staden caiu prisioneiro dos índios tupinambás. Tomado como português, e apesar de seus veementes desmentidos, tornou-se alvo do furor dos índios tupinambás, que odiavam mortalmente os lusitanos. Tendo dito que era amigo dos franceses, Staden foi colocado frente a frente com um francês, para reconhecimento e comprovação do que alegava. O infeliz Staden, porém, não conseguiu entender a fala do francês e acabou por ser “confirmado”

⁵ *Ibidem*, p. 71.



como “português legítimo”, pois, como alegavam os indígenas, “grita, apavora-se diante da morte”. O próprio francês recomendou aos tupinambás que o comessem. Numa segunda entrevista, tempos depois, mesmo tendo o francês reconhecido que se enganara na vez anterior, asseverando que Staden não era português, mas alemão, os índios tupinambás recusaram-se a pôr o prisioneiro em liberdade. Após diversas outras peripécias, incluindo uma tentativa gorada de fuga, uma expedição guerreira contra índios tupiniquins, um “milagre” obrado por Staden – a pedido dos índios, Staden rezou a *seu* deus para que a tempestade não atrapalhasse a pescaria, e, para sua sorte, tal aconteceu –, Staden foi, finalmente, libertado por um navio francês, não sem custo, pois foi indispensável uma teia ardilosa de fingimentos e promessas para que o prisioneiro pudesse escapar dos seus captores.

No “Livro Segundo”, sua atenção volta-se para a descrição da terra e dos indígenas que a habitavam. Nada lhe escapa: como se vestem (?) os indígenas, de que se alimentam, como dormem, sua destreza no manejo de armas, como produzem fogo, como são as árvores e os animais etc. Tal como acontece com todos os cronistas dos primeiros tempos, a começar por Caminha e sua *Carta* de 1500, Staden revela que os indígenas lhe causaram muito boa impressão, parecendo-lhe uma “gente bonita e de boa estatura, homens e mulheres igualmente”, sem prejuízo de a eles se referir também como “gente capaz, astuta e maldosa, sempre pronta para perseguir os inimigos e devorá-los”. Observa que os indígenas possuíam elevado senso de vida comunitária, eram absolutamente desapegados aos bens materiais e não cultivavam a propriedade particular, além de desconhecerem o dinheiro. Viviam sob um regime político *democrático*, até mesmo *anárquico*, pois não tinham “governo, nem direitos estabelecidos”. Também é altamente favorável a impressão que lhe causou a terra: “as árvores estão sempre verdes” e “em nenhum tempo do ano faz frio,



como aqui [na Europa], no dia de São Miguel, mas a terra ao sul do trópico é um pouco mais fria”.

A respeito da religiosidade dos indígenas, observa que “Com o verdadeiro Deus, que criou o céu e a terra, não se preocupam”, embora afirme ter notado entre eles uma memória residual de um tempo “bíblico”, quando teria havido “uma vastidão de águas na qual todos os seus antepassados morreram afogados”, à exceção de uns poucos. Staden conclui, naturalmente, “que deve ter sido o dilúvio”. Destaca ainda a função dos maracás, os quais, por interveniência dos pajés, “considerados por eles como aqui [na Europa] se consideram os adivinhos”, tornar-se-iam objetos mágicos, capazes mesmo de falar. Staden, que a princípio julgara poder tratar-se de “uma arte do diabo”, levado por agudo senso de realismo, percebe o truque – o pajé leva o maracá “bem junto à boca, chocalha-a e diz-lhe: Né cora, fala agora e faze-te ouvir, se aí estás”, e em seguida, “Profere após em voz alta e depressa uma palavra, de modo que não se pode bem distinguir se a emitiu ele ou a matraca” – e condói-se da ingenuidade dos indígenas: “pobre gente cega é esta!”.

Quanto aos costumes, atenta para a poligamia, destacando a posição subalterna da mulher, que não apenas a aceita – “vivem em harmonia umas com as outras” – como serve de objeto de troca: “é costume um dar de presente a outro uma mulher quando dela se enfada”. O mais relevante é, sem dúvida, a surpreendente compreensão que Staden demonstra do sentido cultural da antropofagia, sendo enfático ao dizer: “Fazem isso não para matar a fome, mas por hostilidade, por grande ódio”, pois não os move nenhuma espécie de ambição material, mas apenas o desejo de vingar os parentes e amigos que tenham sido vitimados pelos que agora são seus prisioneiros. No Capítulo 29 do “Livro Segundo” – A terra e seus habitantes, Staden deixa minuciosa descrição do ritual de execução do prisioneiro, num tom sereno e nem por isso



menos incisivo, que se coroa com a afirmação lapidar: “Tudo isso eu vi, e assisti.”, sem imprecações condenatórias, deixando claro tratar-se de uma prática aceita por todos (portanto, ritualística), inclusive pelo prisioneiro, que conhece perfeitamente o papel que lhe cabe desempenhar na cerimônia. O prisioneiro é bem-tratado, se vale o paradoxo, a ponto de lhe ser dada “uma mulher, que dele cuida, servindo-o também”, até o momento em que julgam estar tudo preparado, quando “determinam o tempo em que deve morrer o prisioneiro e convidam os selvagens de outras aldeias para que venham assistir”. Nos momentos finais da cerimônia, o prisioneiro retruca, altivo, aos últimos insultos, dizendo: “Quando estiver morto, terei ainda muitos amigos que saberão vingar-me”.

As Duas viagens ao Brasil de Hans Staden permanece um texto de grande interesse para o fascinante estudo das relações entre europeus e habitantes do Novo Mundo no primeiro século de convívio conturbado entre homens de etnias, línguas, valores e costumes tão diferentes. A circunstância, já aqui ressaltada, de tratar-se do depoimento de alguém que experimentou em condições tão desfavoráveis o que hoje se costuma chamar de “encontro de culturas”, ainda que se possa apor alguma reserva à veracidade dos acontecimentos narrados, só aumenta a necessidade de ser dado o devido valor às palavras do alemão que, não fora por isso, certamente não ocuparia lugar de relevo no acervo historiográfico sobre o Brasil.

ALCMENO BASTOS É PROFESSOR DE LITERATURA BRASILEIRA DA UFRJ – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. DOUTOR EM LETRAS PELA MESMA INSTITUIÇÃO.



VIAGEM AO BRASIL 
Hans Staden





A presente tradução do interessante livro de Hans Staden é a segunda em língua portuguesa. A primeira apareceu em 1892, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, volume 55, parte 1ª, e tem por autor o Dr. Alencar Araripe, que adotou a ortografia fonética. O original de que esta se serviu foi da edição francesa da coleção Ternaux Compans, que, provavelmente, por sua vez, foi traduzida da versão latina. Comparando as duas, vê-se que a tradução é fidelíssima, mas, como não foi o trabalho feito à vista do original alemão, não é de estranhar que se afaste bastante deste, principalmente no estilo que, de todo, foi desprezado com sacrifício daquele cunho característico, com que lembra a sua época.

Mas, além destas, há várias outras traduções e muitas edições, tanto do original como das versões; segundo o que conhecemos são elas:

1ª O original primitivo, publicado em 1557 na cidade de Marburg, em Hessen, na Alemanha.¹

¹ “A obra apareceu primeiramente em 1556 em Frankfurt sur Mein, “durch Weygandt Han”. Não há data no livro, mas o prefácio é de 1556 e é de supor que, sendo já Frankfurt grande centro bibliográfico, e outras edições futuras tendo saído dali, também o fosse esta. Como as provas foram revistas pelo Dr. Dryander de Marburg (o livro tem ilustrações em madeira que mal podiam ter sido preparadas ali), é de crer que, não se satisfazendo ele com as gravuras que, finas como eram, pouca ideia davam das aventuras de seu herói, procurasse fazer outra edição em Marburg mesmo, e com gravuras

2ª Segunda edição, impressa no mesmo ano, mas na cidade de Frankfurt sur Mein.

3ª Tradução flamenga, publicada na Antuérpia, em 1558.

4ª Nova edição alemã, publicada em Frankfurt sur Mein, em 1567, na terceira parte de um livro intitulado: *Dieses Weltbuch von Newen erfundene Landschaften durch Leb. Francke.*

5ª Outra edição, ainda em 1567, na mesma cidade, publicada na coleção das viagens de De Bry.

6ª A tradução em latim, em 1567, da coleção toda de De Bry.

7ª Nova edição latina publicada em 1560.²

8ª Em 1630 ainda uma terceira.

9ª Uma quarta edição alemã do original, in-fólio, torna a aparecer em 1593.

10ª Nova tradução, publicada em 1630, com o título de *Hans Staden van Homburgs Beschryringhe van America.*

11ª Reimpressa em 1640.

12ª Quinta edição alemã, publicada em Frankfurt sur Mein, em 1631.

13ª Mais uma sexta edição, em quarto, publicada em Oldenburg, no ano de 1664.

14ª Em 1686 houve outra edição holandesa, em quarto e ilustrada em xilografias, publicada em Amsterdã.

15ª Mais uma em 1706, numa coleção de viagens, publicada na cidade de Leyden por *Pieter Vanden Aa.*

mais verdadeiras, se bem que muito toscas. E assim o fez, em 1577". (J. C. Rodrigues, *Biblioteca Brasiliense*, Rio, 1907, p. 590). – A. P.

2 "... lastimo dizer que os números 5, 6 e 7 da bibliografia do Sr. Löfgren são mera fantasia". (J. C. Rodrigues, *Biblioteca Brasiliense*, Rio, 1907, p. 590).

"Em 1595 apareceu a primeira versão holandesa (não mencionada por Brunet ou Graesse) e foi reproduzida (sem prefácio) em 1627 e 1634 (Amsterdã...) nenhuma delas sendo acusada pelo Sr. Löfgren" (J. C. Rodrigues, *op. cit.*, p. 591). – A, P.

16ª Em 1714 seguiu-se a quinta edição holandesa, publicada em Amsterdã, em parte. Esta edição é mencionada por Bouche de Richarderie na *Bibliothèque Universelle de Voyages*. Tomo V, pág. 503, 1806.

17ª Uma tradução francesa foi publicada na coleção de viagens de Ternaux Compans; Vol. III, Paris, 1839, em oitavo.

18ª A sexta edição holandesa, in-fólio, foi publicada em Leyden, em 1727, como nova edição de *Pieter Vanden Aa*.

19ª A última edição alemã apareceu em Stuttgart em 1859, na *Bibliothek des Liberischen Vereins*, em Stuttgart. Vol. XLVII.

20ª Em 1874 a sociedade inglesa *The Hakluyt* publicou, em volume separado, uma tradução magistral, feita pelo Sr. Albert Tootal, com anotações do então cônsul inglês em Santos, Sir Richard P. Burton. Esta tradução foi feita sobre a segunda edição alemã de 1557 e é até hoje a melhor.

21ª Tradução brasileira na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, pelo Dr. Alencar Araripe.

• • •

Tendo o ilustrado Dr. Eduardo Prado adquirido em Paris um exemplar, original da primeira edição de Marburg, de 1557, começamos a comparar esse original com a tradução portuguesa e chegamos à conclusão de que talvez houvesse vantagem em dar uma nova edição desse livro tão interessante para a nossa história. Deliberamos então cingir-nos estritamente ao método e linguagem do autor, conservando integralmente a ortografia dos nomes próprios dos lugares, coisas e pessoas e, quanto possível, o próprio estilo simples, e narrativo, com todas as suas imperfeições, e quer-nos parecer que no nosso modesto trabalho não haja a menor omissão.

Por absoluta falta de tempo e, por julgar mais competente, pedimos ao nosso distinto amigo e consócio o Dr. Teodoro Sampaio

que se encarregasse das anotações e esclarecimentos relativos aos nomes e posições relatados pelo autor.

Na tradução inglesa, o Sr. Burton fez muitas anotações e deu várias explicações, porém, não sendo todas sempre acertadas, não as copiamos, julgando necessária uma revisão completa de todas elas.

As palavras “pela segunda vez diligentemente aumentada e melhorada”, que se acham no título, podiam fazer supor que se tratasse aqui de uma segunda edição e não da primeira ou original, mas essas palavras devem ser entendidas como “por duas vezes aumentada e melhorada”, porque o prefaciador Dr. Dryander tinha, certamente, auxiliado ao autor por ser este pouco versado na arte de escrever e compor. Acresce que esta edição é impressa em Marburg na casa de André Colben, o que por si só prova evidentemente ser a primeira edição conhecida, visto a segunda edição ter sido feita em Frankfurt sur Mein, ainda que no mesmo ano. Tendo o Dr. Dryander revisto o manuscrito para ser apresentado ao príncipe em 1556, é muito provável que, para a impressão, que só teve lugar em 1557, o revisse pela segunda vez e nessa ocasião talvez aumentasse alguma coisa, como diz o título.

Alberto Löfgren, F. L. S.
Janeiro de 1900.

Descrição verdadeira de um país de selvagens nus, feroces e canibais, situado no novo mundo América, desconhecido na terra de Hessen antes e depois do nascimento de Cristo, até que, há dois anos, Hans Staden de Homberg, em Hessen, por sua própria experiência, o conheceu e agora a dá à luz pela segunda vez diligentemente, aumentada e melhorada.

Dedicada a sua sereníssima alteza Príncipe H. Philipsen, Landtgraf de Hessen, Conde de Catzenelnbogen, Dietz, Ziegenhain e Nidda, seu Gracioso Senhor.

Com um prefácio de Dr. John. Dryander, denominado Eychman, Lente Catedrático de Medicina em Marburg.
O conteúdo deste livrinho segue depois dos prefácios.
Impressão em Marburg no ano de M. D. LVII.



*Ao sereníssimo e nobilíssimo Príncipe e Senhor,
Senhor Philipsen Landtgraf de Hessen,
Conde de Catzenelnbogen, Dietz, Ziegenhain e Nidda, etc.,
meu gracioso príncipe e senhor.*

Graça e paz em Cristo Jesus nosso redentor, Gracioso Príncipe e Senhor. Diz o Santo Rei Profeta, Davi, no salmo cento e sete.

“Os que se fazem ao mar em navios, traficando em grandes águas.

Esses veem as obras de Jeová e suas maravilhas no profundo.

A um aceno, Ele faz soprar tormentoso vento, que lhe ergue as ondas.

Sobem aos céus, descem aos abismos: suas almas se aniquilam de angústia.

Tropeçam e titubeiam como bêbedos: e toda a sua sabedoria se lhes foi.

Clamam, porém, por Jeová em suas aflições; e Ele os tira dos apertos.

Faz cessar as tormentas, e se aquietam as ondas.

Então se alegram, porque tranquilizados, e Ele os conduz ao desejado porto.

Louvem, pois, o Senhor pela sua bondade e pelas suas maravilhas, para com os filhos dos homens.

E o exaltem no seio do povo, e no conselho dos anciãos o glorifiquem.”

Assim, agradeço ao Todo-Poderoso, Criador do céu, da terra e do mar, ao seu filho Jesus Cristo e ao Espírito Santo, pela grande

graça e clemência de que fui alvo durante a minha estada entre os selvagens da terra do *Prasilien* (Brasil), chamados *tuppin imba*³ e que comem carne de gente, onde estive prisioneiro nove meses e corri muitos perigos, dos quais a Santa Trindade inesperada e milagrosamente me salvou, para que eu, depois de longa, triste e perigosa vida, tornasse a ver minha querida pátria, no principado de Vossa Graciosa Alteza, após muitos anos. Modestamente e com brevidade tenho narrado essa minha viagem e navegação para que Vossa Graciosa Alteza a queira ouvir, lida por outrem, de que modo eu, com auxílio de Deus, atravessei terras e mares e como Deus milagrosamente se mostrou para comigo nos perigos. E para que Vossa Graciosa Alteza não duvide de mim, como se eu estivesse a contar coisas mentirosas, queira oferecer a Vossa Graciosa Alteza, em minha própria pessoa, uma garantia para este livro. A Deus somente seja, em tudo, a Glória. Recomendo-me humildemente a Vossa Graciosa Alteza.

Datum Wolfhagen

A vinte de junho – Anno Domini. Mil quinhentos e cinquenta e seis.

De V. A. súdito Hans Staden, de Homberg,
em Hessen, agora cidadão em Wolfhagen.

³ *Tuppin imba* é mais uma das muitas formas com que se nos depara o nome tupi do gentio brasílico, dominador na costa ao tempo da conquista. Entre os portugueses dessa época escrevia-se *tupinambá*, nome que se vulgarizou. Entre os escritores franceses contemporâneos leem-se, porém *topinamboux*, *tapinambós*, *toupinambas* e até *tououpinambaoult* escreveu João de Levy, grafia que, apesar de estranha, foi considerada por Ferdinand Denis como a mais próxima da verdade. De tão grande diversidade de forma resulta a tão controvertida interpretação do vocábulo que a ninguém satisfaz. *Tuppin* ou *tupim* quer dizer tio, o irmão do pai; *imba* ou *imbá* = *aba*, homem, gente, geração. Também *tu-upi*, significa o *pai primeiro*, o progenitor. *Tu-upiabá*, a geração do progenitor.

PREFÁCIO DE D. DRYANDER

*Ao nobilíssimo Senhor H. Philipsen, Conde de Nassâu e Sarprück, etc.,
meu gracioso Senhor, deseja D. Dryander muita felicidade,
com o oferecimento de seus préstimos.*

Hans Staden, que acaba de publicar este livro-história, pediu-me para rever, corrigir, e, onde fosse necessário, melhorar o seu trabalho. A esse pedido acedi, por muitos motivos. Primeiro porque conheço o pai do Autor, há mais de cinquenta anos (pois que nascemos no mesmo estado de Wetter, onde fomos educados), como um homem que, tanto na terra natal como em Homberg, é tido por franco, devoto e bravo, e que estudou as boas artes, e (como diz o rifão), porque a maçã não cai longe da árvore, é de esperar que Hans Staden, como filho deste bom homem, deva ter herdado as virtudes e a devoção do pai.

Além disso, aceito o trabalho de rever este livro com tanto mais gosto e amor quanto me interesse muito pelas notícias concernentes às matemáticas, como à Cosmografia, isto é, a descrição e medição dos países, cidades e caminhos, tais como neste livro se deparam, mormente quando vejo os sucessos narrados com franqueza e verdade, e não posso duvidar que este Hans Staden conte e escreva com exatidão e verdade a sua narrativa e viagem não por tê-las colhido de outrem, mas de experiência própria, sem falsidade, e que ele daí não quer tirar glória nem fama para si, mas sim, unicamente, a glória de Deus, com louvor e gratidão por benefícios recebidos e pela sua libertação. O seu principal objetivo é tornar conhecida sua história a todos, para que se possa ver com que favor e como, contra toda a expectativa, Deus, o Senhor, salvou de

tantos perigos a Hans Staden, quando ele o implorou, tirando-o do poder dos ferozes selvagens (onde durante nove meses, todos os dias e horas, estava esperando ser impiedosamente trucidado e devorado), para lhe permitir, a ele, tornar à sua querida pátria, Hessen.

Por essa inefável clemência divina e pelos benefícios recebidos, queria ele agradecer a Deus no limite de suas forças, e em louvor de Deus comunicar a todos o que aconteceu. Nesta grata tarefa, a ordem dos acontecimentos levou-o a descrever toda a viagem com suas peripécias, durante os dois anos que esteve ausente da pátria.

E como faz ele esta descrição sem palavras pomposas e floridas, sem exagerações, tenho plena confiança na sua autenticidade e verdade, até porque nenhum benefício pode ele colher em mentir, em vez de contar a verdade.

Além disso, fixou-se ele agora com os seus pais nesta terra e não é dado a vagabundagem, como os mentirosos e ciganos, que se mudam de um país para outro, pelo que é fácil esperar que alguém de volta daquelas ilhas⁴ o possa acusar de mentiroso.

Sou de opinião e considero para mim valiosa prova de verdade o fazer ele esta descrição de um modo tão simples e indicar a época, o país e o lugar, em que Heliodorus, o filho do sábio e muito famoso Eoban de Hessen, o qual aqui foi tido por morto, esteve com Hans Staden naquele país e viu como ele foi miseravelmente preso e levado pelos selvagens. Esse Heliodorus, digo, pode, mais cedo ou mais tarde, voltar (como se espera que aconteça) e então envergonhá-lo e denunciá-lo como um homem sem valor, caso sua história seja falsa ou inventada.

Para então ressaltar e defender a veracidade de Hans Staden, quero agora apontar os motivos pelos quais esta e semelhantes histórias logram, em geral, pouco crédito e confiança.

⁴ Veja adiante a nota 6.



Em primeiro lugar, viajantes houve que, com mentiras e narrativas de coisas falsas e inventadas, fizeram com que homens honestos e verídicos, de volta de terras estranhas, não fossem acreditados, e então se diz geralmente: “quem quer mentir, que minta de longe e de terras longínquas”, porque ninguém vai lá para verificar, e antes de se dar a esse trabalho mais fácil é acreditar.

Nada, contudo, se ganha em desacreditar a verdade por amor de mentiras. É também para notar que certas coisas contadas e tidas pelo vulgo como impossíveis, para homens de entendimento não o são; e tomadas por verídicas, quando investigadas, mostram sê-lo evidentemente. Isto pode-se observar em um ou dois exemplos, tirados da astronomia. Nós, que vivemos aqui na Alemanha ou perto dela, sabemos de longa experiência a duração do inverno e do verão e das outras duas estações, a primavera e o outono. Também conhecemos a duração do maior dia de verão e do menor dia de inverno, bem como a das noites. Se alguém então disser que há lugares na Terra onde o sol não se põe durante meio ano, e que ali o dia maior é de 6 meses, isto é, meio ano, e que ao contrário a noite maior é de 6 meses ou meio ano, assim como há lugares no mundo onde as quatro estações são duplas, o certo é que dois invernos e dois verões lá existem.

É também certo que o sol e outras estrelas, por pequenas que nos pareçam, e mesmo a menor delas no firmamento, são maiores que toda a Terra e são inumeráveis.

Quando então o vulgo ouve essas coisas, desconfia, não acredita e acha tudo impossível. Entretanto, os astrônomos o demonstraram de modo que os entendidos nas ciências não duvidam disso.

Por isso não se deve concluir que assim não seja, apesar de que o vulgo lhe não dê crédito, e como não estaria mal a ciência astronômica se não pudesse demonstrar este *corpora* e determinar, por cálculos, os eclipses, isto é, o escurecimento do Sol e da Lua, como



indicar o dia e a hora em que eles se devem dar. Com séculos de antecedência podem ser preditos, e a experiência demonstra ser verdade, “Sim”, dizem eles, “quem esteve no céu para ver e medir isso?” Resposta: porque a experiência diária nessas coisas combina com as *demonstrationibus*. É, pois, necessário considerá-las verdadeiras, como é verdadeiro somar 3 e 2 são 5. E de certas razões e demonstrações da ciência acontece que se pode medir e calcular a distância celeste até a Lua e daí para todos os planetas e finalmente até o firmamento estrelado. Até o tamanho e densidade do Sol, da Lua e outros corpos celestes e da ciência do céu, ou astronomia, de combinação com a geometria, calculam-se a grandeza, a redondeza, a largura e o comprimento da Terra, coisas estas todas desconhecidas do vulgo e por ele não acreditadas. Essa ignorância por parte do vulgo ainda é perdoável por não estudar ele a filosofia; mas que pessoas importantes e quase sábias duvidem dessas coisas tão verdadeiras é vergonhoso e até perigoso, porque o vulgo tem confiança nelas e persiste no seu erro dizendo: se assim fosse, esse ou aquele escritor não teria refutado. *Ergo*, etc.

Que Santo Agostinho e Lactânio Firmiano, dois santos sábios, não somente em teologia, como também em outras artes versados, duvidaram e não quiseram admitir que pudesse haver antípodas, isto é, que houvesse habitantes no outro lado da Terra, que andam com seus pés voltados contra nós e, portanto, a cabeça e o corpo pendentes para o céu, isto sem cair, parece singular, apesar de que muitos outros sábios o admitam contra a opinião dos santos e grandes sábios, acima mencionados, que o negaram e o tiveram por inventado. Deve, porém, ser verdade, que aqueles que habitam *ex diametro per centrum terrae* são antípodas e *vera propositio* é que “*Omne versus coelum vergens, ubicumque locorum, sursum est*”. E não é necessário ir até o novo mundo a procurar os antípodas, pois eles existem também aqui no hemisfério superior



da Terra. Pois se compararmos e confrontarmos o último país do Oriente onde está a Índia, estas gentes extremas e habitantes terrestres são também quase uma espécie de antípodas.

Pretendem alguns santos teólogos com isso provar que se tornou verdade a súplica da mãe dos filhos de Zebedeu, quando rogou a Cristo, Senhor Nosso, que seus filhos ficassem, um ao lado direito e outro ao esquerdo dele. E isso de fato aconteceu, pois que São Tiago sepultou-se em Compostela, não longe de Finisterra, geralmente denominado Finstern Stern⁵ (estrela escura), onde é venerado, e o outro apóstolo na Índia, ou onde o sol levanta. Que, pois, os antípodas existiam há muito tempo sem ser notados, e que ao tempo de Santo Agostinho, quando o novo mundo da América, na parte inferior do globo, ainda se não descobrira, não deixaram de existir, é um fato. Alguns teólogos, especialmente Nicolau Lira (reputado, todavia, excelente homem), afirmam ter a parte firme do globo terráqueo uma metade apenas fora d'água, na qual flutua e onde habitamos, a outra parte oculta-se pelo mar e pela água, de modo que nela ninguém pode existir. Tudo isso, porém, é contrário à ciência da Cosmografia, pois que hoje está verificado pelas muitas viagens marítimas dos portugueses e dos espanhóis que a Terra é habitada por toda a parte. A própria zona tórrida também o é, o que nossos antepassados e escritores jamais admitiram. A nossa experiência de cada dia mostra-nos que o açúcar, as pérolas e produtos outros para cá vêm daqueles países. O paradoxo dos antípodas e a já referida medição do céu, mencionei-os aqui tão somente a reforçar o meu argumento, e podia ainda referir-me a muitas outras coisas mais, se não temesse aborrecer-vos com o meu longo prefácio.

5 Quer dizer *estrelas escuras* por uma espécie de trocadilho, só possível na língua alemã. (O tradutor.)



Muitos outros argumentos semelhantes, porém, podem ler no livro do digno e sábio Magister Casparus Goldtworm, diligente superintendente e pregador de Vossa Alteza, em Weilburgk, livro em seis partes, tratando de muitos milagres, maravilhas e paradoxos dos tempos antigos e modernos, e que sem demora se deve dar a imprimir. Para esse livro e muitos outros que descrevem tais coisas, como, p. ex., o seu *Libri Galeotti, De rebus vulgo incredibilibus*, etc., chamo a atenção do benévolo leitor desejoso de conhecer mais essas coisas.

Com tudo isso se prova que não é necessariamente uma mentira o afirmar-se coisa estranha e descomunal para o vulgo, como nesta história se verá, na qual toda a gente da ilha⁶ anda nua e não tem por alimento animais domésticos, nem possui coisas para sua subsistência das que nós usamos, como vestimentas, camas, cavalos, porcos ou vacas; nem vinho, nem cerveja, etc., e tem que se arranjar e viver a seu modo.

Quero, porém, para finalizar com este prefácio, mostrar em poucas palavras o que induziu a Hans Staden a imprimir as suas duas navegações e a viagem por terra. Certo, muitos hão de interpretar isso em seu desabono, como se quisesse ele ganhar glória ou notoriedade. Eu, porém, penso de outra forma e acredito seriamente que sua intenção é muito diversa, como se percebe em vários lugares desta história. Passou ele por tanta miséria e sofreu tantos reveses nos quais a vida tão a miúdo lhe esteve ameaçada que chegou a perder a esperança de se livrar ou de jamais voltar ao lar paterno. Deus, porém, em quem sempre confiava e invocava, não somente o livrou das mãos de seus inimigos como também por amor das suas fervorosas orações, quis mostrar àquela gente

⁶ Por esse tempo ainda se não tinha identificado o inteiro continente da *América*. Os novos descobridores, isolados ou destacados, consideravam-no ilhas. O Brasil de Hans Staden é ainda uma *ilha*.



ímpia que o verdadeiro e legítimo Deus, justo e poderoso, ainda existia. Sabe-se perfeitamente que a oração do crente não deve marcar a Deus limite, medida ou tempo; aprouve, porém, a Ele, por intermédio de Hans Staden, o demonstrar os seus milagres a esses ímpios selvagens. E isto não sei como contestar.

Sabe-se também como as contrariedades, as tristezas, desgraças e doenças fazem geralmente com que as pessoas se dirijam a Deus e que, na adversidade, nele acreditem mais do que antes, ou como alguns, segundo o costume católico, fazem votos a esse ou aquele santo de fazer romaria ou penitência, para que ele os livre nos apuros, cumprindo rigorosamente essas promessas, a não ser aqueles que pretendem defraudar o santo, como nos refere Erasmus Roterodamus, nos *Colloquiis* sobre o naufrágio de um navio de nome *S. Cristovam*, cuja imagem de dez côvados de alto, como um grande Polifemo, se acha num templo em Paris, navio em que vinha alguém que fizera a promessa a esse santo de oferecer-lhe uma vela de cera do tamanho do próprio santo, se este o tirasse das suas aperturas. Um companheiro, que estava ao lado nessa ocasião, conhecendo-lhe a pobreza, o repreendeu por tal promessa; pois, ainda que vendesse tudo quanto possuía no mundo, não seria capaz de adquirir a cera de que havia de precisar para tamanha vela. O outro, porém, respondeu em voz baixa, que o santo não ouvisse: “Quando o santo me tiver salvo destes perigos, dar-lhe-ei uma vela de sebo, do valor de um vintém!”

E a história do cavaleiro, que estava arriscado a naufrágio, é também outra: Esse cavaleiro, quando viu que o navio ia se perder, fez voto a São Nicolau, de que se ele o salvasse, lhe sacrificaria o seu cavalo ou seu pajem. O criado, porém, advertiu de que não o fizesse, porque em que havia de montar depois? O cavaleiro respondeu ao criado, baixinho, para que o santo não ouvisse: “Cala a boca, porque se o santo me salvar, não lhe darei nem a cauda



do cavalo.” E assim pensava cada um dos dois enganar o santo e esquecer o benefício.

Para que, pois, Hans Staden não seja taxado assim de esquecer a Deus que o salvou, assentou ele de o louvar e glorificar com o imprimir esta narrativa, e com espírito cristão divulgar a graça e obra recebidas, sempre que tiver ocasião. E se essa não fosse a sua intenção (aliás honesta e justa) podia ele poupar-se a esse trabalho e economizar a despesa, não pequena, que a impressão e as gravuras lhe custaram.

Como esta história foi pelo autor humildemente dedicada ao Sereníssimo e de elevadíssimo nascimento Príncipe, e Senhor, Philipsen, Landtgraf de Hessen, Conde de Catzenelnbogen, Dietz, Ziegenhain e Nidda, seu Príncipe e gracioso Senhor, e em nome de sua Alteza o fez público, e tendo ele sido, muito antes disso, examinado e interrogado por Vossa Alteza em minha presença e na de muitas outras pessoas sobre a sua viagem e prisão, que eu já por diversas vezes tinha contado a Vossa Alteza e a outros senhores, e como eu, há muito, tinha visto e observado o grande amor que Vossa Alteza manifestou por estas outras ciências astronômicas e cosmográficas, desejava humildemente escrever este prefácio ou introdução para Vossa Alteza, e lhe pedir de aceitar este mimo, até que possa eu publicar coisa de maior importância em nome de Vossa Alteza.

Recomendo-me submissamente à Vossa Alteza.

Datum Marpurck,
Dia de São Tomé, ano MDLVI.

C onteúdo do livro

- 1 – Duas viagens de mar, efetuadas por Hans Staden, em oito anos e meio.
A primeira foi em Portugal, e a segunda da Espanha ao Novo Mundo – América.
- 2 – Como ele, no país dos selvagens, denominados *toppinikin* (súditos d’El-Rei de Portugal), foi empregado como artilheiro contra os inimigos.
Finalmente, feito prisioneiro pelos inimigos e levado por eles, permaneceu dez meses e meio em constante perigo de ser morto e devorado por eles.
- 3 – Como Deus livrou misericordiosa e maravilhosamente a este prisioneiro, no ano já mencionado, e como ele tornou a sua querida pátria.
Tudo para honra e glória da misericórdia de Deus, dado à impressão.




*De que vale à cidade o guarda,
E ao navio possante os mares,
Se Deus a eles não proteger?*

Eu, Hans Staden, de Homberg, em Hessen, resolvi, caso Deus quisesse, visitar a Índia. Com esta intenção, saí de Bremen para a Holanda e achei em Campen (Campon) navios que tencionavam tomar carga de sal, em Portugal. Embarquei-me em um deles e, no dia 29 de abril de 1547, chegamos à cidade de São Tuval (Setúbal) depois de uma travessia de quatro semanas. Daí fui a Lissebona (Lisboa), que dista cinco milhas de São Tuval.

Em Lissebona, alojei-me em uma hospedaria, cujo dono era alemão e se chamava Leuhr, o moço, onde fiquei algum tempo.

Contei-lhe que tinha saído da minha pátria e lhe perguntei quando esperava que houvesse expedição para a Índia. Disse-me que eu tinha demorado demais e que os navios d'El-Rei, que navegavam para a Índia, já tinham saído. Pedi-lhe então que me auxiliasse no intento de encontrar outro navio, visto que perdera estes, tanto mais que ele sabia a língua, e que eu estava pronto a servi-lo por minha vez.

Levou-me, para um navio, como artilheiro. O capitão desta nau chamava-se Pintyado (Penteado) e se destinava ao Brasil, para traficar e tinha ordens de atacar os navios que comerciavam com os mouros brancos da Barbaria. Também se achasse navios franceses em tráfico com os selvagens do Brasil devia



aprisioná-los, bem como transportar alguns criminosos⁷ sujeitos a degredo, para povoar as novas terras.

O nosso navio estava bem-aparelhado de tudo que é necessário para guerra no mar. Éramos três alemães, um chamado Hans von Bruchhausen, o outro, Heinrich Brant, de Bremen, e eu.

⁷ Era costume, nessa época, levar-se criminosos em degredo para as terras recém-descobertas, a fim de aprenderem a língua dos naturais e serem úteis depois ao comércio e à navegação.

*Descrição da minha primeira viagem de Lissebona
para fora de Portugal.*

Saímos de Lissebona com mais um navio pequeno, que também pertencia ao nosso capitão, e aportamos primeiro a uma ilha denominada ilha da Madeira, que pertence a El-Rei de Portugal, e onde moram portugueses. É grande produtora de vinho e de açúcar. Ali mesmo, numa cidade chamada Funtschal (Funchal), embarcamos mantimentos.

Depois disso, deixamos a ilha em demanda da Barbaria, para uma cidade chamada *Cape de Gel*,⁸ que pertence a um rei mouro, branco, a quem chamam Shiriffi (xerife). Esta cidade pertencia, outrora, a El-Rei de Portugal; mas foi retomada pelo Shiriffi. Nela pensávamos encontrar os mencionados navios que negociam com os infiéis. Chegamos e achamos, perto de terra, muitos pescadores castelhanos, que nos informaram que alguns navios estavam para chegar, e ao afastarmo-nos saiu do porto um navio bem carregado. Perseguimo-lo, alcançando-o; porém a tripulação escapou nos botes. Divisamos então em terra um bote vazio que bem nos podia servir para abordar o navio aprisionado, e fomos buscá-lo.

⁸ É o *Cabo de Gelo*, na costa do Marrocos, onde está a cidade e praça de Arzilla, cerca de trinta milhas distante de Tânger, e que esteve em poder dos portugueses até que D. João III a abandonou.

Os mouros brancos chegaram então a cavalo, a protegerem o barco; mas não podiam aproximar-se por causa dos nossos canhões. Tomamos conta do navio e partimos com a nossa presa, que consistia em açúcar, amêndoas, tâmaras, couros de cabra e goma-arábica, que levamos até a ilha da Madeira, e mandamos o nosso navio menor a Lissebona, a informar a El-Rei e receber instruções a respeito da presa, pois que havia negociantes valencianos e castelhanos entre os proprietários.

El-Rei nos respondeu que deixássemos a presa na ilha e continuássemos a viagem, enquanto Sua Majestade deliberava sobre o caso.

Assim o fizemos, e navegamos de novo, até o Cape de Gel, a ver se encontrávamos mais presas. Porém foi em vão; fomos impedidos pelo vento, que próximo da costa nos era sempre contrário. À noite, véspera de Todos os Santos, uma tempestade nos levou da Barbaria para o lado do Brasil. Quando estávamos a 400 milhas da Barbaria grande, um cardume de peixes cercou o navio; apanhamos muitos com o anzol. Alguns, grandes, eram dos que os marinheiros chamavam *albakores*. Outros, *bonitas*, eram menores, e ainda a outros chamavam *durados*.⁹ Também havia muitos do tamanho do arenque, que tinham asas nos dois lados, como os morcegos, e eram muitos perseguidos pelos grandes. Quando percebiam isso, saíam da água em grandes cardumes e voavam, cerca de duas braças acima da água; muitos caíam perto e outros longe a perder de vista; depois caíam outra vez na água. Nós os achávamos frequentemente, de manhã cedo, dentro do barco, caídos durante a noite, quando voavam. E são denominados na língua portuguesa *pisce bolador*.¹⁰

9 São *dourados*, nome de várias espécies de peixes *acanthopterygios*.

10 É o *peixe-voador*, como facilmente se depreende da narrativa.



Daí chegamos até a linha equinocial onde reinava intenso calor, porque ao meio-dia o sol estava exatamente a pino sobre as nossas cabeças. Durante algum tempo, de dia, não soprava vento algum; mas de noite se desencadeavam, muitas vezes, fortes trovoadas, acompanhadas de chuva e vento, que passavam rápido. Entretanto, tínhamos de velar constantemente, para que nos não surpreendessem, quando navegávamos a pano.

Mas, quando de novo soprou o vento, que se tornou temporal, durante alguns dias, e contrário a nós, julgamo-nos ameaçados de fome, se continuássemos. Oramos a Deus, pedindo bom vento. Aconteceu então, uma noite, por ocasião de forte tempestade, que nos pôs em grande perigo, aparecerem muitas luzes azuis no navio, como nunca mais tenho visto. Onde as vagas batiam no costado, lá estavam também as luzes. Os portugueses diziam que essas luzes eram um sinal de bom tempo que Deus nos mandava, para nos consolar no perigo. Agradecíamos então a Deus, depois que desapareciam. Chamam-se *santelmo*, ou *corpus santon*, essas luzes.

Quando o dia raiou, o tempo se tornou bom, soprando vento favorável, de modo que vimos claramente que tais luzes são milagres de Deus.

Continuamos a viagem através do oceano, com bom vento. A 28 de janeiro (1548) houve vista de terra, vizinha de um cabo chamado Sanct Augustin. A oito milhas daí, chegamos a um porto denominado *Prannenbucke*.¹¹ Contavam-se oitenta e quatro dias que tínhamos estado no mar sem ter avistado a terra. Ali os portugueses tinham estabelecido uma colônia, chamada

11 O nome atual Pernambuco, de procedência do tupi *Paranambuca*, que aos ouvidos do narrador soou *Pranenbucke*. (Vede *O tupi na geografia nacional*, de Theodoro Sampaio) Ed. Livraria Progresso Editora.



Marin.¹² O governador dessa colônia chamava-se *Arto Koelio*,¹³ a quem entregamos os criminosos; e ali descarregamos algumas mercadorias, que lá ficaram. Terminamos os nossos negócios neste porto, com intuito de prosseguir viagem a tomar cargas.

12 A Colônia aí fundada pelos portugueses era a Vila de Olinda, a que o gentio começou a chamar *mairy*, que quer dizer cidade ou povoação, como a construíam os europeus. Daí a corruptela *Mary* ou *Marim*, como Staden no-la transmite.

13 É o nome estropiado do primeiro donatário da capitania de Pernambuco. Staden, ignorando o português, teria escrito *Arto Koelho*, por Duarte Coelho. Os copistas fizeram o resto.

Como os selvagens do lugar Prannenbucke se revoltaram e quiseram destruir a colônia dos portugueses.

Aconteceu que os selvagens do lugar se tinham revoltado contra os portugueses, o que dantes nunca fizeram; mas agora o faziam, por se sentirem escravizados. Por isso, o governador nos pediu pelo amor de Deus, que ocupássemos o lugar denominado *Garasu*,¹⁴ a cinco milhas de distância do porto de Marin, onde estávamos ancorados, e de que os selvagens se queriam apoderar. Os habitantes da colônia de Marin não podiam ir em auxílio deles, porque receavam que os selvagens os viessem atacar.

Fomos, pois em auxílio da gente de *Garasu*, com quarenta homens do nosso navio, e para lá nos dirigimos numa embarcação pequena. A colônia fica num braço do mar, que avança duas léguas pela terra a dentro. Haveria ali uns noventa cristãos para a defesa. Com eles se achavam mais uns trinta mouros e escravos brasileiros¹⁵ pertencentes aos moradores. Os selvagens que nos sitiavam¹⁶ orçavam por oito mil.

Tínhamos ao redor da praça apenas uma estacada de madeira.¹⁷

14 É Igarassu (igara-assu), canoa grande, barco, em vez de Iguarassu, como erroneamente hoje se escreve.

15 Eram africanos e índios escravos.

16 Eram os caetés, moradores das matas, inimigos dos potiguaras, aliados dos portugueses.

17 Adotaram os portugueses no Brasil o mesmo processo de defesa usado pelo gentio nas suas aldeias, construindo estacadas ou *caïçaras* em torno dos povoados mais expostos à injúria dos selvagens.

CAPÍTULO IV

*De como eram suas fortificações
e como eles combatiam contra nós.*

Ao redor do lugar onde estávamos sitiados havia uma mata, na qual tinham construído dois redutos de troncos grossos, onde se recolhiam à noite; e quando nós os atacávamos, para nos guerrilhar. Quando atirávamos sobre eles, caíam todos por terra, pensando assim evitar o tiro. Tinham-nos sitiado tão bem que não podíamos sair nem entrar. Aproximavam-se do povoado; atiravam flechas para o ar, visando na queda nos alcançar; atiravam fogo com o fim de incendiar os tetos das casas e combinavam já de antemão o modo de nos devorar quando nos houvessem colhido.

Restava-nos ainda algum mantimento, mas este logo se acabou. Neste país é uso trazer diariamente ou de dois em dois dias raízes frescas de mandioca para fazer farinha ou bolos; mas os nossos não podiam se aproximar do lugar em que se encontravam essas raízes.

Como percebêssemos que nos havia de faltar mantimentos, saímos em dois barcos por um lugar chamado *Tamaraká*¹⁸ a buscá-los. Os selvagens, porém, tinham atravessado grandes troncos de árvores no rio e se postaram muitos deles nas duas

18 A ilha de Itamaracá, que o gentio da terra chamava *Ipãussu Itamaracá*, da capitania de Pero Lopes de Souza. Na ilha estava a Vila de Nossa Senhora da Conceição, cabeça da capitania, situada na parte meridional e cerca de meia légua acima da foz do rio Igarassu.





margens, com o intuito de impedir a nossa viagem. Forçamos, porém, a tranqueira e ao meio-dia, mais ou menos, estávamos de volta sãos e salvos. Os selvagens nada nos puderam fazer nas embarcações; arrumaram, porém, porção de lenha entre a margem e os barcos a que deitaram fogo, a ver se os incendiavam, e queimavam uma espécie de pimenta, que lá cresce, com o fim de nos fazer abandonar as embarcações por causa da fumaça. Mas não foram bem sucedidos, e, enquanto isso, cresceu a maré e nós voltamos. Fomos a Tamaraká, onde os habitantes nos forneceram os mantimentos.

Com estes voltamos, outra vez, para o lugar sitiado. No mesmo ponto em que antes haviam posto obstáculos, tinham os selvagens de novo derrubado árvores, como anteriormente; mas acima do nível d'água e, na margem, tinham cortado duas árvores de modo a ficarem ainda em pé. Nas ramagens, amarraram-lhes uns liames chamados *sippo*¹⁹ que crescem como lúpulo, porém mais grossos. As extremidades ficavam amarradas nas estacadas, e, puxando por elas, era seu intento fazer tombar as árvores caindo sobre as nossas embarcações. Avançamos para lá; forçamos a passagem, caindo a primeira das árvores para o lado da estacada e a outra na água, um pouco para trás do nosso barco. E antes que começássemos a chamar, em voz alta, gritaram os selvagens também, para que os nossos companheiros não nos ouvissem, visto que não nos podiam ver por causa de uma pequena mata interposta; mas tão perto estávamos que nos teriam decerto ouvido, se os selvagens não gritassem.

Levamos as provisões à povoação, e, como os selvagens viram que nada podiam fazer, pediram a paz e se retiraram. O cerco

¹⁹ É o vocábulo *cípó*, do tupi *çãpó*, que vale dizer *cordavara*, isto é, galho ou ramo em forma de corda. Os selvagens sabiam tirar partido dos cipós nas suas construções e no fabrico de utensílios domésticos.





durava havia quase um mês e vários dos selvagens morreram; nenhum, porém, dos cristãos. Uma vez pacificados os selvagens voltamos ao navio grande em Mearim, e aí tomamos água e também farinha de mandioca para servir de mantimento, e o governador da colônia de Mearim nos agradeceu.



*De como saímos de Prannenbucke
para uma terra chamada Buttugaris;
encontramos um navio francês e nos batemos com ele.*

Viajamos quarenta milhas para diante, até um porto chamado *Buttugaris*,²⁰ onde pretendíamos carregar o navio com pau-brasil e receber provisões em permuta com os selvagens.

Ao chegarmos, aí encontramos um navio de França, que carregava pau-brasil. Atacamo-lo para o aprisionar, mas cortaram-nos o mastro grande com um tiro, e se escaparam; alguns dos nossos morreram e outros ficaram feridos.

Depois disso, queríamos tornar para Portugal, visto que não conseguíamos vento favorável para entrar no porto, onde pensávamos obter mantimentos. O vento era-nos contrário, e assim fomo-nos embora, com tão poucas provisões que tivemos de padecer muita fome; alguns comiam couro de cabrito que tínhamos a bordo. Distribuía-se a cada um de nós por dia um copinho de água e um pouco de farinha de raiz brasileira (mandioca). Estivemos assim 108 dias no mar, e no dia 12 de agosto alcançamos umas ilhas chamadas Losa Sores (Los Açores), que pertencem a El-Rei de Portugal; aí lançamos âncora, descansamos e pescamos.

²⁰ Deve ser *Potiguares*, como diziam os portugueses, derivado de *Petiguara*, papa-camarões, apelido de uma nação dos tupis do Nordeste, inimiga dos caetés. Outros autores escrevem *Petiguaras*, caso em que o vocábulo se deriva de *Pety-guaras*, e então significa mascador de fumo, porque o selvagem desse nome, segundo A. Knivet, trazia habitualmente entre os lábios e os dentes uma folha de fumo, ou tabaco. – O local, chamado pelo narrador porto do *Buttugaris*, quarenta milhas germânicas para o norte de *Igaraçu*, deve ser o da Paraíba.

Ali mesmo vimos um navio no mar, ao qual nos dirigimos para ver que navio era. Manifestou ser navio de piratas, que se puseram em defesa; mas nós ficamos vitoriosos e lhes tomamos o navio. Escaparam nos escaleres para as ilhas. O navio tinha muito vinho e pão, com que nos regalamos. Depois encontramos umas cinco velas que pertenciam a El-Rei de Portugal e tinham de aguardar nas ilhas a vinda de outro navio das Índias, que veio para uma ilha chamada Tercera (Terceira), onde ficamos. Nessa ilha, tinham-se reunido muitos navios, todos vindos do novo mundo; uns iam para a Espanha, outros para Portugal. Saímos da ilha Tercera em companhia de quase cem navios, e chegamos a Lissebona (Lisboa) a 8 de outubro, mais ou menos, do ano 1548; tínhamos gasto dezesseis meses em viagem.

Depois, descansei algum tempo em Lissebona e fiquei com vontade de ir com os espanhóis para as novas terras que eles possuem. Saí por isso de Lissebona, em navio inglês, para uma cidade chamada porto *Santa Maria*,²¹ na Castilia (Castela). Ali queriam carregar o navio de vinho; daí fui para uma cidade denominada Civilia,²² onde encontrei três navios que se estavam aparelhando para irem a um país chamado *Rio de Plata*, situado na América. Esse país, a aurífera terra chamada de *Pirau*,²³ que, há poucos anos, foi descoberta, e o Brasil são tudo uma e mesma terra firme.

Para conquistar aquele território, mandaram, há anos, navios dos quais um voltara pedindo mais auxílio e contou como era rico em ouro. O Comandante dos três navios chamava-se Dom Diego

21 O porto e a cidade de Santa Maria em Espanha, fronteira a Cádiz, pouco acima da foz do Guadalete.

22 A cidade de Sevilha na Andaluzia.

23 O Peru, descoberto em 1524 e conquistado por Pizarro.

de Senabria e devia ser o governador, por parte d'El-Rei, daquele país. Fui a bordo de um desses navios que estavam muito bem equipados. Saímos de Civilia para *Sanct Lucas*,²⁴ por onde a gente de Civilia sai para o mar, e aí ficamos esperando bom vento.

²⁴ O porto de San Lucar de Barrameda, na foz do Guadalquivir.

CAPÍTULO VI

*Narração da minha segunda viagem de Civília,
em Espanha, para a América.*

No ano de 1549, no quarto dia depois da Páscoa, fizemo-nos de vela de São Lucas com vento contrário; pelo que aportamos a Lissebona. Quando o vento melhorou fomos até as ilhas Canárias e deitamos âncora numa ilha chamada *Palama* (Palma), onde embarcamos algum vinho para a viagem. Os pilotos dos navios resolveram, caso desgarrassem no mar, encontrarem-se em qualquer terra que fosse, no grau 28 ao sul da linha equinocial.

De *Palama*, fomos até *Cape-Virde* (Cabo Verde), isto é, a ponte verde, situada na terra dos mouros pretos. Aí quase naufragamos; mas continuamos a nossa derrota; o vento porém era-nos contrário e levou-nos algumas vezes até a terra de *Gene* (Guiné), onde também habitam mouros pretos. Depois, chegamos a uma ilha denominada São Tomé, que pertence a El-Rei de Portugal. É uma ilha rica em açúcar, mas muito insalubre. Aí habitam os portugueses com muitos mouros pretos, que lhes pertencem. Tomamos água fresca na ilha e continuamos a viagem; perdemos aí de vista dois dos nossos navios, que, por causa de uma tempestade, se afastaram, de modo que ficamos sós. Os ventos eram-nos contrários, porque naqueles mares têm eles a particularidade de sopraem do sul, quando o sol está ao norte da linha equinocial, e quando o sol está ao sul desta linha vêm eles do norte, e costumam então permanecer na mesma direção durante cinco meses, e

por isso não pudemos seguir o nosso rumo durante quatro meses. Quando, porém, entrou o mês de setembro, começou o vento a ser do norte, e então continuamos a nossa viagem de sul-sudoeste para a América.

CAPÍTULO VII

De como chegamos à latitude de 28 graus na terra da América e não pudemos reconhecer o porto para onde íamos, e uma grande tempestade se desencadeou em terra.

Um dia que era o 18 de novembro, o piloto tomou a altura do sol, que era de 28 graus, pelo que procuramos terra a oeste. No dia 24 do mesmo mês vimos terra. Tínhamos estado 6 meses no mar; algumas vezes em grande perigo. Aproximando-nos de terra, não reconhecemos o porto nem os sinais que o primeiro oficial nos tinha descrito. Também não podíamos nos arriscar a entrar num porto desconhecido, pelo que cruzamos em frente à terra. Começou a ventar muito, de tal modo que temíamos ser atirados contra os rochedos, pelo que amarramos alguns barris vazios, nos quais pusemos pólvora, bem jungidos, e nelas amarramos as nossas armas, de forma que, se naufragássemos e alguns escapassem, teriam com que se defender em terra, porque as ondas levariam os barris para a praia. Continuamos então a cruzar, mas de balde, porque o vento atirou-nos contra os rochedos e parcéis com 4 braças de água, e à vista dos imensos vagalhões houvemento de aproar para terra, na persuasão de que todos íamos perecer. Quis Deus, porém, que ao chegarmos mais perto dos escolhos se nos deparasse porto, no qual entramos. Aí avistamos pequeno barco que fugiu de nós e se escondeu por detrás de uma ilha, onde não o podíamos ver, nem saber que barco era; porém não o seguimos. Deitamos aqui âncora, agradecendo a Deus que nos salvou; descansamos e enxugamos a nossa roupa.



Eram mais ou menos duas horas da tarde, quando deitamos âncora. De tarde, veio uma grande embarcação com selvagens, que queriam falar conosco. Nenhum de nós, porém, entendia a língua deles. Demos-lhes algumas facas e anzóis, com que voltaram. Na mesma noite, veio, mais uma embarcação cheia, na qual estavam dois portugueses. Estes nos perguntaram de onde vínhamos. Respondemos que vínhamos de Espanha. A isto replicaram que devíamos ter um bom piloto, que pudesse nos levar ao porto, porque, apesar de eles bem o conhecerem, com uma tempestade destas não poderiam ter entrado. Contamos-lhes então tudo e como o vento e as ondas quase nos fizeram naufragar; e quando nos julgávamos perdidos, ganhamos inesperadamente o porto. Foi, pois, Deus que nos guiou milagrosamente e nos salvou do naufrágio; e nem sabíamos onde estávamos.

Ao ouvirem isso, admiraram-se muito e agradeceram a Deus e nos disseram que o porto onde estávamos era Supraway²⁵ e que estávamos a 18 léguas de uma ilha, chamada São Vicente,²⁶ que pertencia a El-Rei de Portugal, e lá moravam eles e aqueles outros que tínhamos visto no barco pequeno a fugir por pensar que éramos franceses.

Perguntamos também a que distância ficava a ilha de Santa Catarina, para onde queríamos ir. Responderam que podia ser umas trinta milhas para o sul e que lá havia uma tribo de selvagens chamados *cariós* (carijós) e que tivéssemos cautela com eles. Os selvagens do porto onde estávamos chamavam-se *tuppin ikins* (tupiniquins) e eram seus amigos, de modo que não corriam perigo.

25 Hoje *Superaguy*, numa língua de terra à parte do norte de Paranaguá.

26 A ilha de São Vicente fica, em verdade, mais distante do que no-lo diz o narrador, se as suas léguas forem das de vinte ao grau. Dessas contam-se 48 entre os dois pontos.





Perguntamos mais em que latitude estava o lugar, e responderam-nos que estava a 28 graus, o que era verdade. Também nos ensinaram como havíamos de conhecer o país.

*De como saímos outra vez do porto
a procurar o lugar para onde queríamos ir.*

Quando o vento de es-sueste cessou, melhorou o tempo com o vento de nordeste. Levantamos então ferro e rumamos para a terra já mencionada. Viajamos dois dias, à procura do porto, mas não pudemos reconhecê-lo. Percebemos, porém, pela terra, que já tínhamos passado o porto, uma vez que, encoberto o sol, não podíamos fazer observações, nem voltar com o vento contrário.

Mas Deus é salvador nas necessidades. Ao fazermos a nossa oração vespertina, implorando a proteção de Deus, aconteceu que nuvens grossas se formassem ao sul para onde tínhamos avançado. Antes de terminada a reza, o nordeste acalmou, de modo a não ser mais perceptível, e o vento sul, apesar de não ser a época do ano em que ele reina, começou a soprar, acompanhado de tantos trovões e relâmpagos que ficamos amedrontados. O mar tornou-se tempestuoso, porque o vento sul, de encontro ao do norte, levantava as ondas e tão escuro estava que se não podia enxergar. Os grandes relâmpagos e os trovões atemorizavam a tripulação, de modo que já ninguém sabia o que fazer para colher as velas. Esperávamos todos perecer aquela noite. Deus, porém, fez com que o tempo mudasse e melhorasse; e voltamos para o lugar de onde tínhamos partido naquele dia, procurando de novo o porto, mas sem o conseguirmos, por causa das muitas ilhas próximas de terra firme.



Como chegássemos ao grau 28, disse o capitão ao piloto que entrasse por detrás de uma ilha e deitasse âncora, a fim de ver em que terra estávamos. Entramos, então, entre duas terras, onde havia um porto excelente, deixamos a âncora ir ao fundo e deliberamos tomar o bote para melhor explorar o porto.



De como alguns dos nossos saíram no bote para reconhecer o porto e acharam um crucifixo sobre uma rocha.

Foi no dia de Santa Catarina, no ano de 1549, que deitamos âncora, e, no mesmo dia, alguns dos nossos, bem municiados, saíram no bote para explorar a baía. Começamos a pensar que fosse um rio, que se chama rio de São Francisco, situado também na mesma província, pois que, quanto mais entrávamos, mais comprido parecia.

Olhávamos de vez em quando, a ver se descobríamos alguma fumaça, porém nada vimos. Finalmente, pareceu-nos ver umas cabanas e para lá nos dirigimos. Eram já velhas, sem pessoa alguma dentro, uma ilha pequena na frente, para a qual nos dirigimos, a passar a noite, julgando haver ali um abrigo. Chegamos à ilha, já noite; não podíamos, porém, arriscar-nos a irmos a terra, pelo que alguns dos nossos foram rodeá-la ver se por ali havia gente; mas não descobriram ninguém. Fizemos então fogo e coramos uma palmeira, para comer o palmito, e ficamos ali durante a noite. De manhã cedo, avançamos pela terra adentro. Nossa opinião era que havia ali gente, porque as cabanas eram disso um indício. Adiantando-nos, vimos ao longe, sobre uma rocha, um madeiro, que nos pareceu uma cruz e não compreendíamos quem a teria posto ali. Chegamos a ela e achamos uma grande cruz de madeira, apoiada com pedras e com um pedaço de fundo de barril amarrado e, neste fundo, gravadas umas letras que não podíamos ler, nem adivinhar qual o navio que teria erigido essa cruz; e não sabíamos



se esse era o porto onde devíamos nos reunir. Continuamos então rio acima e levamos o fundo do barril. Durante a viagem, um dos nossos examinou de novo a inscrição e começou a compreendê-la. Estava ali gravado em língua espanhola – SI VEHN POR VENTURA, ECKY LA ARMADA DE SU MAJESTET TIREN UHN TIRE AY AUERAN RECADO (*se viene por ventura aqui lá armada de su magestad, tiren um tiro y haran recado*). Isso quer dizer: Se por acaso aqui vierem navios de sua majestade, deem um tiro e terão resposta.

Voltamos então sem demora para a cruz e disparamos um tiro de peça, continuando depois, rio acima, a nossa viagem.

Pouco depois, vimos cinco canoas com selvagens, que vieram sobre nós, pelo que aprontamos as nossas armas. Chegando mais perto, vimos um homem vestido e barbado que vinha à proa de uma das canoas e nos parecia cristão. Gritamos-lhe para fazer alto às outras canoas e vir com uma só a conversar conosco. Quando se nos aproximou, perguntamos-lhe em que terra estávamos; ao que nos respondeu que estávamos no porto de *Schirmirein*,²⁷ assim denominado pelos selvagens, e para melhor entendermos acrescentou chamar-se Santa Catarina, nome dado pelos descobridores.

Alegrou-nos muito isso, porque este era o porto que procurávamos, sem conhecer que já nele estávamos, coincidindo ser isso no mesmo dia de Santa Catarina. Vede, pois, como Deus socorre aquele que no perigo o implora com fervor.

Então nos perguntou ele de onde vínhamos, ao que respondemos que pertencíamos à armada do Rei da Espanha, em caminho para o rio de La Plata, e que havia mais navios em viagem, que

27 *Jurumirim*, nome dado pelos carijós, habitantes da ilha de Santa Catarina, à boca do norte do canal que separa essa ilha do continente. No tupi, – *jurumirim* se traduz boca pequena, barra. O navio de Senabria avistou primeiro e entrou a barra do sul do canal entre o continente e a ilha, onde ancorou. Navegou no canal como se fora um rio, cuja corrente subira em um bote, e já próximo da barra do norte é que se encontrou, no porto de Jurumirim dos carijós, com o europeu que lhe acudira ao sinal.





esperávamos, com Deus, chegassem logo para nos unirmos a eles. A isso respondeu ele que estimava muito e agradecia a Deus, porque havia três anos que tinha saído da província do Rio de La Plata, da cidade chamada La Soncion,²⁸ pertencente aos espanhóis, por ter sido mandado a Costa, cidade distante 300 milhas do lugar onde estávamos, para fazer com que os cariós, que eram amigos dos espanhóis, plantassem raízes que se chamam mandioca e suprissem as naus que disso precisassem. Eram essas as ordens do capitão que levava as últimas novas à Espanha e se chamava Salaser²⁹ e que agora voltava com outras naus.

Acompanhados então dos selvagens até as cabanas onde ele morava, ali fomos bem tratados.

28 A cidade de Assunção, no Paraguai, então acessível pelos portos de Santa Catarina, desde a primeira viagem de D. Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, governador daquela terra.

29 João de Salazar, um dos companheiros de D. Pedro de Mendoza, na fundação da cidade de Buenos Aires em 1534.



CAPÍTULO X

Como me mandaram à nossa nau grande numa canoa cheia de selvagens.

Pedi então o nosso capitão ao homem, que achamos entre os selvagens, que mandasse vir uma canoa, com gente que levasse um de nós à nau, para que esta também pudesse vir.

Ordenou-me que seguisse com os selvagens até a nau, ausentes dela como estávamos já três noites, sem que a gente de bordo soubesse que fim tínhamos levado.

Quando cheguei à distância de um tiro da nau, fez-se lá um grande alarido, pondo-se em guarda a maruja e não consentindo que mais perto chegássemos com a canoa. Gritaram-me, indagando o que havia acontecido, onde ficaram os outros e como é que vinha eu sozinho naquela canoa cheia de selvagens. Calei-me; não respondi, porque o capitão me ordenara que fingisse estar triste e observasse o que se fazia a bordo.

Como lhes não respondi, diziam lá entre si: “Aqui há coisa; os outros, decerto, estão mortos e estes agora vêm com aquele só, para armar-nos uma cilada e tomar o navio.” Queriam então atirar contra nós, porém chamaram-me ainda uma vez. Comecei então a me rir e lhes disse que ficassem tranquilos, pois que lhes trazia boas-novas, e com isso permitiram que me aproximasse. Contei então o que se tinha passado, o que muitos os alegrou, e os selvagens voltaram sozinhos. Seguimos logo com a nau até perto das cabanas, onde fundeamos, à espera das outras naus, que se tinham desgarrado por efeito da tempestade.

A aldeia onde moravam os selvagens chamava-se *Acuttia*,³⁰ e o homem que lá achamos chamava-se João Fernandes Biscainho, da cidade de Bilbao. Os selvagens eram *cariós* (carijós) e trouxeram-nos muita caça e peixe, dando-lhes nós anzóis em troca.

³⁰ É do tupi *Aguti*, ou *Acoti*, que hoje se diz *Cútia*, nome do conhecido roedor (*Dasyprocta*). O nome *aguti* ou *a-cuti*, no tupi quer dizer aquele que come de pé, de referência ao hábito do animal desse nome de tomar o alimento com as patas dianteiras, o que lhe dá, quando come, a atitude ereta.



CAPÍTULO XI

*Como chegou a outra nau da nossa companhia,
que se tinha desgarrado e onde vinha o primeiro piloto.*

Com cerca de três semanas de espera, chegou-nos a nau em que vinha o primeiro piloto; mas a terceira nau era perdida de todo e nada mais soubemos dela.

Aparelhamos, então, para sair e fizemos provisão para 6 meses, pois havia ainda cerca de 300 léguas de viagem por mar.

Quando tudo estava prestes, aconteceu-nos perder a nau grande no porto, o que impediu a nossa partida.

Ficamos aí dois anos no meio de grandes perigos e sofrendo fome. Tínhamos que comer lagartos, ratos de campo e outros animais esquisitos, que lográvamos colher, assim como mariscos que vivem nas pedras e muitos bichos extravagantes. Os selvagens que nos davam mantimentos só o fizeram enquanto recebiam presentes de nossa parte; fugiram depois para outros lugares, e, como não podíamos fiar-nos neles, dissuadimo-nos de aí continuar com perigo de arriscar nossas vidas.

Deliberamos, pois, que a maior parte dos nossos devia ir por terra para a província de *Sumption*,³¹ daí distante cerca de 300 milhas. Os outros iriam no navio que restava. O capitão conservava

³¹ A província do Paraguai, cuja capital, Assunção, era então o mais próspero estabelecimento dos espanhóis no rio da Prata, depois do malogro de Mendoza em Buenos Aires. O caminho por terra para Assunção continuou praticado desde a viagem que por ele fizera D. Álvaro Núñez Cabeza de Vaca em 1541.



alguns de nós, que iriam por água com ele. Os que iam por terra levavam mantimentos e alguns selvagens. Muitos deles, é certo, morreram de fome no sertão; mas os outros chegaram ao seu destino como depois soubemos; entretanto, para o resto dos nossos homens o navio era pequeno demais para navegar no mar.

CAPÍTULO XII

Como deliberamos ir a São Vicente, que era dos portugueses, a arranjar com eles um navio para fretar, e terminar assim a nossa viagem; porém, naufragamos e não sabíamos a que distância estávamos de São Vicente.

Os portugueses têm perto da terra firme uma ilha denominada São Vicente (*Urbioneme*,³² na língua dos selvagens). Essa ilha se acha acerca de 70 milhas do lugar onde estávamos. Era nossa intenção irmos até lá, a vermos se possível era havermos dos portugueses um barco de frete e seguirmos até o rio de La Plata, pois que o que tínhamos era pequeno demais para nós todos. A esse fim, alguns dos nossos partiram com o capitão Salazar para a ilha de São Vicente; mas nenhum de nós tinha lá estado, exceto um de nome Ramon que se obrigou a mostrar a ilha.

Saímos, pois, do forte de *Imbiassape*³³ que se acha no grau 28, ao sul do equinócio, e chegamos cerca de dois dias depois da nossa partida a uma ilha chamada *Alkatrases*,³⁴ mais ou menos a 40 milhas do lugar de onde saímos. Ali o vento se tornou contrário e nos

32 *Urbioneme*, se procedente do tupi, como diz Staden, deve ser muito provavelmente *Urpióneme*, que outros escrevem *Morpion*.

33 É vocábulo tupi que significa *porto*, lugar na extremidade sul do canal de Santa Catarina, onde ancorou a nau de Senabria. O forte de *Imbiassape* (*mbeaçã-pe*) deve ter sido alguma estacada para a defesa das palhoças em que, por dois anos, aí se abrigou a tripulação.

34 A ilha dos *Alcatrazes*, a atual, fica fronteira quase à ilha de São Vicente. O autor, porém, refere-se aqui a outra ilha muito mais ao sul, distante cerca de 40 milhas do porto donde partira a nau, que ficava a 28° latitude sul, e São Vicente, lhe ficava a 70. Guardada a devida proporção para as milhas alemãs, essa ilha dos Alcatrazes pode ser algum dos ilhéus na altura da barra de Paranaguá.





obrigou a ancorar. Na ilha havia muitos pássaros marítimos chamados *Alkatrases*, que são fáceis de apanhar. Era tempo da incubação. Desembarcamos para procurar água potável e encontramos cabanas velhas e cacos de panelas dos selvagens, que lá tinham morado. Também achamos umas pequenas fontes na rocha. Ali matamos muitos daqueles pássaros e lhes levamos os ovos para bordo, onde os cozinhamos. Acabada a refeição, assaltou-nos grande tempestade do sul que nos fez recluir largassem as âncoras e fosse a nau arremessada sobre os rochedos. Isso já pela tarde, e pensávamos ainda alcançar o porto chamado Caninee.³⁵ Mas anoiteceu antes de chegarmos e não pudemos entrar. Afastamo-nos então de terra com grande perigo, pensando a cada instante que as vagas despedaçassem o navio, pois que perto da terra são elas muito maiores do que ao longe no alto-mar.

Durante a noite tínhamos-nos afastado tanto que de manhã já não enxergamos mais a terra. Somente muito depois apareceu ela à vista, mas a tempestade era tamanha que pensamos não resistir. Então aquele dos nossos que já aqui tinha estado julgou reconhecer São Vicente, e aproamos para lá. Uma grande neblina, porém, nos não deixou reconhecer bem a terra e tivemos de alijar tudo que era pesado para aliviar o navio. Estávamos com muito medo, ainda assim avançamos com o intuito de encontrar o porto, onde moram portugueses, mas nos enganamos.

Quando enfim a névoa se dissipou um pouco, deixando ver terra, disse Ramon que se lembrava de estar o porto ali à nossa frente e bastava dobrar o promontório para o alcançarmos por detrás. Seguimos então; mas quando chegamos só vimos a morte,

³⁵ É o porto de Cananeia em São Paulo, bastante conhecido desde os primeiros tempos do descobrimento. Staden escreve *Caninee*, o que combina quase com *Canené* da grafia de Frei Vicente do Salvador na sua *História do Brasil* de 1627, o que faz supor que esse nome era de primitiva procedência indígena, isto é, *Canineo*, *Canané*, equivalente a *Canindé*, nome de uma espécie de arara.





porque não era ali o porto, o que nos obrigou a embicar para a terra e naufragar. As ondas batiam medonhamente contra a terra, e rogamos a Deus que nos salvasse a alma, fazendo o que os marinheiros costumam quando estão em perigo de naufrágio.

Ao chegarmos ao ponto onde as vagas arrebetavam, suspendiam-nos elas tão alto como se estivéssemos sobre uma muralha. Logo ao primeiro baque em terra a nau se despedaçou. Alguns saltavam no mar e nadavam para a costa, outros ali chegavam agarrados aos destroços do navio. Assim Deus nos ajudou a chegar vivos em terra, continuando o vento e a chuva, que quase nos enregelavam.

Como viemos a saber em que país de selvagens tínhamos naufragado.

Chegando à terra, demos graças a Deus que nos concedeu de alcançar vivos a costa, ainda que inquietos por não sabermos em que lugar estávamos, visto que o Ramon não conhecia aquela paragem, nem sabia se estávamos longe ou perto de São Vicente, ou se ali havia selvagens que nos pudessem fazer mal. Um dos companheiros, de nome Cláudio, que era francês, começou a correr pela praia para se aquecer, quando de repente reparou numas casas que ficavam por detrás do mato e que se pareciam com casas de cristãos. Dirigiu-se então para lá e deu com um lugar onde moravam portugueses e se chamavam *Itenge-Ehm*,³⁶ cerca de duas milhas distante de São Vicente. Contou-lhes então o nosso naufrágio e o muito frio que sofríamos sem termos para onde ir. Quando isso ouviram vieram correndo ao nosso encontro e nos levaram para suas casas, dando-nos roupas. Aí permanecemos alguns dias, até ganharmos forças.

Desse lugar, fomos por terra até São Vicente, onde os portugueses nos receberam bem e nos deram alimento por algum tempo.

³⁶ É a barra de *Itanhaém*, grafado o nome como soara aos ouvidos do narrador – *Itenge-Ehm*, na costa ao sudoeste de São Vicente, onde já, nesse tempo, havia um núcleo de colonos portugueses. O nome indígena procede de *itá nhaen*, que significa *bacia de pedra*, muito conforme com o aspecto da localidade que é deveras uma bacia rodeada de pedras, das quais na mais alta está a igreja de N. S. da Conceição.

Uma vez verificada a perda das nossas naus, mandou o capitão um navio português à busca dos outros companheiros nossos que tinham ficado em *Byassape*,³⁷ o que se realizou.

³⁷ É o mesmo porto de *Imbiassape*, donde saía a nau de Senabria para São Vicente. A grafia do autor é muito incerta nos nomes bárbaros. *Byasape* aqui, *Imbiassape* no capítulo antecedente. No tupi, como vimos, *mbeaçá-pe*, de que mais comumente se fez *peuçápe*, e significa literalmente, *no porto ou ao porto*.

Como está situado São Vicente

São Vicente é uma ilha muito próxima da terra firme e onde há dois lugares, um denominado em português São Vicente e na língua dos selvagens *Orbioneme*.³⁸ O outro, que dista cerca de 2 léguas chama-se *Ywawasupe*,³⁹ além de algumas casas na ilha que se chamam *ingenio*,⁴⁰ nas quais se faz açúcar. Os portugueses, que aí moram, têm por amiga uma nação brasílica de nome *tupin ikin*,⁴¹ cujas terras se estendem pelo sertão adentro, cerca de 80 léguas e ao longo do mar umas 40 léguas. Esta nação tem inimigos para ambos os lados, para o sul e para o norte. Seus inimigos para o lado do sul chamam-se *cariós* (carijós) e os do lado

38 *Orbioneme* ou *Urbioneme*, como no Cap. XII.

39 *Ywawasupe* parece corresponder ao vocábulo tupi *Iguaguasupe*, isto é, *íguá-guassú-pe*, que vale dizer *no lagamar grande*, querendo referir-se provavelmente ao canal ou braço grande, onde se ergueu depois a cidade de Santos.

40 *Ingenio* por engenho, fábrica de açúcar de propriedade do donatário que depois a arrendou a Jorge Erasmo Schoter e se chamou, por isso, *fazenda do trato*, de São Jorge dos Erasmos.

41 O gentio *tupiniquim* dominava, com efeito, nessa época, o litoral na maior parte de sua extensão, partindo ao norte com os *tupinambás* do Rio de Janeiro, e ao sul com os *carijós*. Desconhecida era a extensão do seu domínio no sertão; o autor, porém, avalia isso em oitenta léguas aproximadamente. Nesse âmbito se compreendiam os *guayanazes*, quer os do campo, quer os do mato, os quais se ligavam por vezes aos *tupiniquins* por laços consanguíneos, como no-lo transmite Anchieta. Os *guayanazes* não eram, porém, tupis.

do norte, *tuppin inbá*. Apelidam-nos *tawaijar*⁴² os seus contrários, o que quer dizer inimigo. Sofrem-lhes os portugueses muitos danos e ainda hoje eles se arreceiam.

⁴² *Tawaijar*, a significar contrário, ou *inimigo*, se escreverá no tupi *tobaiquara*, que vale dizer fronteiro, oposto ou literalmente indivíduo em face. *Tawaijar*, tomado como *tabayar* ou *tabayara*, quer dizer senhor de aldeias, aldeões moradores de aldeias.

Como se chama o lugar donde lhes vem a maior perseguição e como está situado.

A cinco milhas de São Vicente há um lugar denominado *Brikioka*,⁴³ onde os inimigos selvagens primeiro chegam, para daí seguirem por entre uma ilha chamada *Santo Maro*⁴⁴ e a terra firme.

Para impedir esse caminho aos índios, havia uns irmãos mamelucos, oriundos de pai português e mãe brasileira, todos cristãos e tão versados na língua dos cristãos como na dos selvagens. O mais velho chamava-se *Johan de Praga* (João de Braga), o segundo, *Diego de Praga* (Diogo de Braga), o terceiro, *Domingos de Praga* (Domingos de Braga), o quarto, *Francisco de Praga* (Francisco de Braga), o quinto, *Andréa de Praga* (André de Braga), e o pai chamava-se *Diego de Praga* (Diogo de Braga).

⁴³ *Brikioka* é corruptela do nome tupi *piraty-oca*, donde procede o atual – Bertioga, nome do canal que separa a ilha de Santo Amaro do continente. O autor teria escrito *Britioka* e o copista, *Brikioka*, o que deu asa a interpretações diversas. O canal é um excelente abrigo dos cardumes de tainhas (*piraty*), e o índio quis significar isso com o nome de *piratyoca*, que vale dizer paradeiro das tainhas. O vocábulo tupi *piraty* evoluiu na dicção portuguesa para *paraty*, donde depois vieram *party*, *barty*, *berty*, ou *berti*, que é como ora se vê na composição do nome Bertioga.

⁴⁴ Santo Amaro é o nome dado pelos portugueses à ilha vizinha de São Vicente, a que o gentio chamava *Guaybe* ou *Guaimbé*, e que foi o nome da capitania doada a Pero Lopes de Souza na zona do sul.

Cerca de dois anos antes da minha vinda, os cinco irmãos tinham decidido com alguns índios amigos edificar uma casa-forte para deter os contrários, o que já tinham executado.

A eles se ajuntaram mais alguns portugueses, seus agregados, porque era a terra boa. Os inimigos *tuppin inbás*, logo que isso descobriram se prepararam na sua terra, dali distante cerca de 25 milhas, e vieram uma noite com 70 canoas, e, como de seu costume, atacaram de madrugada. Os mamelucos e os portugueses correram para uma casa, que tinham feito de pau a pique e aí se defenderam. Os outros selvagens fugiram para suas casas e resistiram quanto puderam. Assim morreram muitos inimigos. Mas por fim venceram estes e incendiaram o sítio de *Brikioka*; capturaram todos os selvagens, mas aos cristãos, que eram uns oito mais ou menos, e aos mamelucos nada puderam fazer porque Deus quis salvá-los. Aos outros selvagens, porém, que tinham capturado, esquartejaram-nos e repartiram-nos entre si, depois do que voltaram para sua terra.

Como os portugueses reedificaram Brikioka e depois fizeram uma casa-forte na ilha de Santo Maro.


Depois disso pensaram as autoridades e o povo que era bom não abandonar este lugar, mas que cumpria fortificá-lo, pois que deste ponto todo país podia ser defendido. E assim o fizeram.

Quando os inimigos perceberam que o lugar lhes oferecia grande dificuldade de ataque, vieram de noite, mas por água, e aprisionaram a quantos encontraram em São Vicente. Os que moravam mais longe pensavam não correr perigo, visto existir uma casa-forte na vizinhança, pelo que sofreram muito.

Por causa disso, deliberaram os moradores edificar outra casa ao pé da água, e bem defronte de Brikioka, e aí colocar canhões e gente para impedir os selvagens. Assim tinham começado um forte na ilha; mas não o tinham acabado, à falta de artilheiro português que se arriscasse a morar ali.

Fui ver o lugar. Quando os moradores souberam que eu era alemão e que entendia de artilharia, pediram-me para ficar no forte e ajudá-los a vigiar o inimigo. Prometiam dar-me companheiros e um bom soldo. Diziam também que se eu o fizesse seria estimado pelo rei, porque este costumava ver com bons olhos aqueles que, em terras assim novas, contribuía com seu auxílio e seus conselhos.


Contratei com eles para servir quatro meses na casa, depois do que um oficial devia vir por parte do rei, trazendo navios, e



edificar ali um forte de pedra, para maior segurança; o que foi feito. A maior parte do tempo estive no forte com mais três e tinha algumas peças comigo, mas estava sempre em perigo dos selvagens, porque a casa não estava bem segura. Era necessário estar alerta para que os selvagens não nos surpreendessem durante a noite, o que várias vezes tentaram; porém, Deus sempre nos ajudou, e sempre os percebemos.


Depois de alguns meses, chegou um oficial por parte do rei, pois que lhe tinham escrito quão grande era o atrevimento dos selvagens e o mal que os mesmos lhe faziam. Também tinham escrito quão bela era esta terra e não ser prudente abandoná-la. Para então melhorar essas condições, veio o governador *Tomé de Susse* (Tomé de Souza) para ver o país e o lugar que queriam fortificar.

Contaram-lhe também os serviços que eu tinha prestado; e que eu tinha ficado na casa-forte, onde aliás nenhum português queria permanecer, por estar muito mal defendida.



Isso o agradou muito e ele disse que ia falar ao rei a meu respeito, se Deus lhe permitisse voltar para Portugal, com o que eu havia de aproveitar.

Acabou, porém, o tempo de meu serviço, que era de quatro meses, e pedi licença. O governador, com todo o povo, pediu-me que ficasse por mais algum tempo. Respondi que sim e que ficava ainda por dois anos; e, quando acabasse este tempo, tinham de deixar-me voltar no primeiro navio para Portugal, onde o rei havia de recompensar os meus serviços. Para este fim, deu-me o governador, por parte do rei, as minhas *privilegia* (patentes), como é de costume dar-se aos artilheiros reais, que as pedem. Fizeram a casa de pedras, puseram dentro alguns canhões, e ordenaram-me que zelasse bem da casa e das armas.



Como e por que motivo tínhamos de observar os inimigos mais numa época do ano do que na outra.

Era necessário estar mais alerta em duas épocas do ano do que no resto, quando os inimigos tratavam especialmente de invadir com forças o país. E estas duas épocas eram: primeiro, no mês de novembro, quando umas frutas de nome *abbati*⁴⁵ amadureciam, e das quais preparavam uma bebida chamada de *kaa wy*.⁴⁶ Além dessa há também uma raiz denominada *mandioka*, que misturam com o *abbati*, quando maduro, para fazer a sua bebida. Quando voltam de uma guerra, querem ter os *abbatis* para fabricar essa bebida, que é para quando comem os inimigos, se tiverem capturado algum, e durante o ano inteiro esperam com paciência o tempo dos *abbatis*.

Também em agosto devíamos esperá-los, porque nesse tempo vão à caça de uma espécie de peixe, que então sai do mar para a água doce, onde desova. Estes peixes chamam eles em sua língua *brati*⁴⁷ (parati), e os espanhóis lhes dão o nome de *lysses*. Nesse tempo costumam sair para o combate, com o fim de ter também mais abundância de comida. Os tais peixes, eles apanham com pequenas redes ou matam-nos com flechas, e levam-nos fritos

⁴⁵ *Abbati* ou *avaty* é o milho na língua do gentio tupi.

⁴⁶ *Kaa wy*, é o mesmo cauim, bebida preparada com o milho mastigado e fermentado.

⁴⁷ *Brati* é o mesmo *paraty* do gentio, que em português se chama tainha.

consigo em grande quantidade; também fazem deles uma farinha, a que chamam *pira-kui*.⁴⁸

⁴⁸ *Pirá-kui* é o vocábulo tupi *pirá-cui*, que se traduz farinha de peixe, porque fabricada com o peixe seco e moqueado.

Como fui aprisionado pelos selvagens e como isso aconteceu.

Tinha comigo um selvagem de uma tribo denominada *cariós*, que era meu escravo. Ele caçava para mim e com ele fui às vezes ao mato.

Aconteceu porém uma vez que um espanhol da ilha de São Vicente veio me visitar na ilha de *Santo Maro*, que fica a cerca de 5 milhas, e mais um alemão de nome Heliodorus Hessus, filho de Eobanus falecido. Este morava na ilha de São Vicente, num *ingenio*⁴⁹ onde se fabricava açúcar. Esse *ingenio* pertencia a um genovês que se chamava *Josepe Ornio*⁵⁰ (Giuseph Adorno) e o Heliodorus era caixeiro e gerente do negociante dono do *ingenio* (*ingenio* são casas onde se fabrica açúcar). Já conhecia esse Heliodorus porque quando naufraguei com os espanhóis estava ele com a gente que encontramos em São Vicente e ficou desde então meu amigo. Veio ele para ver-me, pois tinha sabido talvez que eu estava doente.

No dia anterior tinha eu mandado o meu escravo para o mato a procurar caça, e queria buscá-la no dia seguinte para ter alguma coisa que comer, pois naquele país não há muita coisa mais, além do que há no mato.

⁴⁹ Leia-se engenho, fábrica de açúcar no Brasil.

⁵⁰ É o nome estropiado do genovês Giuseppe Doria, de que entre os portugueses se fez José Adorno, homem empreendedor e tronco de família notável nos primeiros tempos da colônia.

Quando eu ia indo pelo mato, ouvi dos dois lados do caminho uma grande gritaria, como costumam fazer os selvagens, e avançando para o meu lado. Reconheci então que me tinham cercado e apontavam flechas sobre mim e atiravam. Exclamei: Valha-me Deus! Mal tinha pronunciado essas palavras quando me estenderam por terra, atirando sobre mim e picando-me com as lanças. Mas não me feriram mais (graças a Deus) do que em uma perna despindo-me completamente. Um tirou-me a gravata, outro, o chapéu, o terceiro, a camisa etc., e começavam a disputar a minha posse, dizendo um que tinha sido o primeiro a chegar a mim, e o outro, que me tinha aprisionado. Enquanto isso se dava, bateram-me os outros com os arcos. Finalmente, dois levantaram-me nu como estava, pegando-me um em um braço e o outro, no outro, com muitos atrás de mim, e assim correram comigo pelo mato até o mar, onde tinham suas canoas. Chegando ao mar vi, à distância de um tiro de pedra, uma ou duas canoas suas, que tinham tirado para terra, por baixo de uma moita e com uma porção deles, em roda. Quando me avistaram, trazido, pelos outros, correram ao nosso encontro, enfeitados com plumas, como era costume, mordendo os braços, fazendo com isso compreender que me queriam devorar. Diante de mim, ia um rei com bastão que serve para matar os prisioneiros. Fez um discurso e contou como me tinha capturado e feito seu escravo o *perot*⁵¹ (assim chamam aos portugueses), querendo vingar em mim a morte de seus amigos. E ao levarem-me até as canoas, alguns me davam bofetadas. Apressaram-se então em arrastar as canoas para a água, de

51 *Perot*, ou antes *peró*, é como o gentio chamava aos portugueses, e aos francês chamava *mair*. *Perô* querem alguns que seja uma corrupção do nome Pedro; querem outros, porém, que seja o mesmo vocábulo tupi *piro*, que vale dizer roupa de couro, porque os portugueses se encouravam para as suas lutas no sertão.

medo de que em Brikioka já estivessem alarmados, como de fato estavam.

Antes, porém, de arrastarem as canoas para a água, manieteram-me, e, como não eram todos do mesmo lugar, cada aldeia ficou zangada por voltar sem nada e disputavam com aqueles que me detinham. Uns diziam que tinham estado tão perto de mim como os outros, e queriam também ter sua parte, propondo matar-me imediatamente.

Eu orava e esperava o golpe; porém, o rei, que me queria possuir, disse que desejava levar-me vivo para casa, para que as mulheres me vissem e se divertissem à minha custa, depois do que matar-me-ia e *kawewi pepicke*,⁵² isto é, queriam fabricar a sua bebida, reunir-se para uma festa e me devorar conjuntamente. Assim me deixaram e me amarraram quatro cordas ao pescoço, fazendo-me entrar numa canoa enquanto ainda estavam em terra. As pontas das cordas a amarraram na canoa, que arrastaram para a água para voltar para a aldeia.

52 *Kawewi pepicke* é frase tupi, o mesmo que *caium pipig*, que quer dizer cauim ferve. O bárbaro quis dizer que mataria o prisioneiro com solenidade e o cauim havia de ferver.

CAPÍTULO XIX

*Como queriam voltar e os nossos chegaram para me reclamar,
e como voltaram para eles e combateram.*

Ao pé da ilha, na qual fui aprisionado, há uma outra ilha pequena, onde se aninham uns pássaros marítimos de nome *uwara*,⁵³ que têm penas vermelhas. Perguntaram-me os índios se os seus inimigos *tuppin ikins* tinham estado lá este ano, para apanhar os pássaros e os filhotes. Disse-lhes que sim, mas quiseram ver eles mesmos, pois estimam muito as penas daqueles pássaros, porque todos os seus enfeites são geralmente de penas. A particularidade desse pássaro é que suas primeiras penas são pardacentas, ficando pretas quando começam a voar, tornando-se depois encarnadas, como tinta vermelha. Foram então para a ilha pensando encontrar aí os pássaros. Quando tinham chegado a cerca de dez tiros de espingarda do lugar onde tinham deixado as canoas, voltaram-se e avistaram um bando de *tuppin ikins* e alguns portugueses entre eles, porque um escravo que me tinha acompanhado, quando fui agarrado, escapara e dera alarma quando me prenderam. Pensavam vir livrar-me e gritaram para os que me capturaram que viessem combater, se tinham coragem. Voltaram então com a canoa para os que estavam em terra e estes atiraram com zarabatanas⁵⁴ e flechas, e os da canoa responderam;

⁵³ *Uwara* é o vocábulo tupi *wará* ou *guará*, como o gentio chamava a ave de penas rosadas, a *ibis rubra*.

⁵⁴ Por engano Löfgren traduziu “*roré*” por “*zarabatana*”, arma de arremesso de seta hervada, por um tubo no qual se assoprava, desconhecida dos índios



desataram as minhas mãos, mas as cordas do meu pescoço continuavam fortemente atadas.

O *rei*,⁵⁵ que estava comigo na canoa, tinha uma espingarda e um pouco de pólvora, que um francês lhe dera em troca de pau-brasil. Ordenou-me que atirasse sobre os que estavam em terra.

Depois de terem combatido um pouco, ficaram com medo de que os outros tivessem canoas para os perseguir, pelo que fugiram. Três deles tinham sido feridos. Passaram a cerca de um tiro de falconete⁵⁶ de Brikioka, onde eu costumava estar, e quando passamos defronte fizeram-me ficar em pé, para que meus companheiros me vissem. Do forte dispararam dois grandes tiros, porém nos não alcançaram.

Enquanto isso, saíram algumas canoas de Brikioka para nos alcançar, mas os selvagens fugiram depressa, e, vendo os amigos que nada podiam fazer, voltaram.

da costa. *Espingarda* é o que é, que esses selvagens possuíam por troca com os franceses. Essa advertência que nos fez o Sr. Professor Roquette Pinto, e que aceitamos, confirma-se pela nota que o Prof. Wegner pôs nesta altura do texto fac-similar de Frankfurt: “*Rore*” – espingarda em cuja posse, ao que parece, estavam os tupis da costa, em diferentes casos isolados. A zarabatana não era usada pelos tupis da costa do Brasil. – A. P.

- 55 O narrador chama rei ao principal da tribo que o aprisionou. Entre os tupis, esse principal era o morubixaba ou tuxaú.
- 56 Por essa frase se vê que o narrador fora com efeito capturado em um ponto da ilha de Santo Amaro, para o lado de dentro dos canais e lagamares, sendo então conduzido pelos índios através da barra de Bertioiga, passando em frente do forte ou ao alcance de um tiro de falconete.



O que se passou na viagem para a terra deles.

Como havia mais ou menos sete milhas de caminho de Brikioka à terra deles, seriam, conforme a posição do sol, cerca de 4 horas de tarde desse mesmo dia quando me capturaram.

Foram a uma ilha e puxaram as canoas para terra, pretendendo ficar aí essa noite, e me tiraram da canoa. Uma vez em terra, nada podia enxergar porque me tinham ferido na cara, nem podia andar por causa da ferida da perna, pelo que fiquei deitado sobre a areia. Cercaram-me, com ameaças de me devorar.

Estando nessa grande aflição, pensava no que nunca tinha cogitado neste vale de lágrimas, onde vivemos. Com os olhos banhados em pranto, comecei a cantar do fundo do meu coração o Salmo: “A ti imploro meu Deus, no meu pesar, etc.” Os selvagens diziam então: “Vede como ele chora, ouve como se lamenta.”

Parecia-lhes, no entanto, que não era prudente ficar na ilha durante a noite, e se embarcaram de novo, para ir à terra firme, onde estavam umas cabanas que antes tinham levantado. Quando chegamos, era alta noite. Acenderam então fogueiras e conduziram-me para lá. Aí tive de dormir numa rede que na língua deles se chama *inni* e é a cama deles, que amarram a dois paus acima do chão, ou, quando estão no mato, a duas árvores. As cordas que eu tinha no pescoço, amarraram-nas por cima numa árvore e se



deitaram em roda de mim, caçoando comigo e me chamando *Schere inbau ende*:⁵⁷ “Tu és meu bicho amarrado.”

Antes de raiar o dia saíram de novo, remaram todo o dia e quando o sol descambou no horizonte faltavam-lhes ainda duas milhas para chegar ao lugar onde queriam pousar. Levantou-se então grande nuvem negra por detrás de nós, tão medonha que os obrigou a remar com toda a pressa para alcançar a terra, por causa do vento e dos bulcões.

Quando viram que já não podiam escapar, disseram-me: *Ne mungitta dee, tuppan do Quabe, amanasy y an dee Imme Ranni me sisse*,⁵⁸ o quer dizer: “Pede a teu Deus que a grande chuva e vento não nos façam mal.” Calei-me, fiz a minha oração a Deus, como pediram, e disse: “Ó tu, Deus Onipotente, que tens o poder na terra e no céu; tu que do começo auxiliaste aqueles que imploram o teu nome e que os escutaste, mostra a tua clemência a esses pagãos, para que eu saiba que tu ainda estás comigo e para que os selvagens, que te não conhecem, possam ver que tu, meu Deus, ouviste a minha oração.”

Estava deitado na canoa e amarrado, de modo que não podia ver o tempo, mas eles voltavam-se continuamente para trás e começavam a dizer “*O qua moa amanassu*”,⁵⁹ o que quer dizer: “A grande tempestade fica para trás.” Ergui-me então um pouco, olhei para trás e vi que a grande nuvem se dissipava. Agradei então a Deus.

57 *Schere inbau ende* é frase tupi alterada e que corresponde a *che remimbab ndé*, cuja tradução ao pé da letra é meu bicho de criação tu, isto para significar ao prisioneiro que ele dali em diante era bicho de criação e lhes pertencia.

58 A frase tupi é a seguinte: “*Ne monghetá ndé Tupan quaabe amanaçú yandê eima rana mocecy*”, cuja tradução é “Pede a teu Deus que aquela tempestade não nos faça mal”.

59 Corrigindo a frase tupi, diga-se: “*Oquara mō amanaçú*”, o que quer dizer a tempestade recolhe-se.



Como me trataram de dia, quando me levaram às suas casas.

No mesmo dia, a julgar pelo sol, devia ser pela ave-maria, mais ou menos, quando chegamos as suas casas; havia já três dias que estávamos viajando. E até o lugar onde me levaram, contavam-se trinta milhas de Brikioka,⁶⁰ onde eu tinha sido aprisionado.

Ao chegarmos perto das suas moradas, vimos que era uma aldeia com sete casas e se chamava *Uwattibi*.⁶¹ Entramos numa praia que vai abeirando o mar e ali perto estavam as suas mulheres numa plantação de raízes, a que chamam mandioca. Na mesma plantação havia muitas mulheres que arrancavam dessas raízes e fui obrigado então a gritar na língua: “*A Junesche been ermi vramme*,⁶² isto é: “Eu, vossa comida, cheguei.”

Uma vez em terra correram todos das casas (que estavam situadas num morro), moços e velhos, para me verem. Os homens iam com flechas e arcos para suas casas e me recomendaram às mulheres que me levassem consigo, indo algumas adiante, outras atrás de mim. Cantavam e dançavam uníssonos os cantos que costumam, como canta sua gente quando está para devorar alguém.

⁶⁰ A grafia do nome Bertioga varia nesta narração. *Brickioka, Brikioca* etc.

⁶¹ *Uwattibi*, ou melhor *Ubatyba*, de que por corrupção se fez Ubatuba.

⁶² A frase tupi restaurada é: “*Ayú ichebe enê remiurama*” que se traduz cheguei eu, vosso regalo, ou, em outros termos: “Aqui estou para vossa comida.”



Assim me levaram até a *ywara*,⁶³ diante de suas casas, isto é, a sua fortificação, feita de grossas e compridas achas de madeira, como uma cerca ao redor de um jardim. Isso serve contra os inimigos. Quando entrei, correram as mulheres ao meu encontro e me deram bofetadas, arrancando a minha barba e falando em sua língua: “*Sche innamme pepike a e*”,⁶⁴ o que quer dizer: “vingo em ti o golpe que matou o meu amigo, o qual foi morto por aqueles entre os quais tu estiveste”.

Conduziram-me, depois, para dentro de casa, onde fui obrigado a me deitar em uma *inni*. Voltaram as mulheres e continuaram a me bater e maltratar, ameaçando de me devorar.

Enquanto isso, ficavam os homens reunidos em uma cabana e bebiam o seu *kawi*, tendo consigo os seus deuses, que se chamam *tammerka*,⁶⁵ em cuja honra cantavam, por terem profetizado que me haviam de prender.

Tal canto ouvi durante uma meia horas e não apareceu um só homem; somente mulheres e crianças estavam comigo.

63 *Ywara* deve ser grafia errônea do tupi *ywirá* ou *ybirá*, que significa madeira, tranqueira, paus, material com que o gentio construía a caiçara, ou estacada, em torno das suas aldeias.

64 A frase tupi deve escrever-se *che anama pipike aé*, e se traduz: “meus parentes vingo em ti”, que é como se dissessem ao prisioneiro: “agora me pagarás os meus”.

65 *Tawerka*, ou antes, *itamaracá*, que quer dizer sino ou chocalho de ferro. O narrador decerto confunde o maracá com itamaracá. Este não era objeto do culto gentio, e sim aquele que era tido como sagrado e por isso o enfeitavam e o guardavam em sítio reservado.



Como os meus dois amos vieram a mim e me disseram que me tinham dado a um amigo que me devia guardar e matar quando me quisessem comer.

Não conhecia eu ainda seus costumes, tão bem como depois, e pensava agora que se preparavam para me matar. Logo depois vieram os dois que me capturaram, de nome *Ieppipo Wasu* e seu irmão *Alkindar Miri*,⁶⁶ e me contaram como me tinham dado ao irmão de seu pai, *Ipperu Wasu*,⁶⁷ por amizade. Este me devia conservar e matar quando me quisessem comer, e assim ganhar um nome à minha custa.

Como esse mesmo *Ipperu Wasu* tinha capturado um escravo, havia um ano, e por amizade dele fizera presente a *Alkindar Miri*, este o matou e ganhou com isso um nome. *Alkindar Miri* tinha então prometido a *Ipperu Wasu* de fazer presente a ele do primeiro que capturasse. Este era eu.

Os dois que me capturaram disseram-me mais: “Agora, as mulheres te levarão para fora, *Aprasse*.”⁶⁸ Não compreendi então esta palavra, que quer dizer dançar. Puxaram-me para fora, pelas cordas que ainda tinha ao pescoço, até a praça. Vieram todas as

⁶⁶ *Ieppipo Wasu*, *Alkindar Miri* são nomes um tanto alterados. *Wasu* pode ser uma leve alteração de *ye-pipo-uacu*, traduzindo-se “esguicho grande”. *Alkindar Miri* parece uma alteração de *aracundá mirim*, papagaio de meneios pequeno.

⁶⁷ *Ipperu Wasu* é o mesmo *ipiru guassu* do tupi, e significa o tubarão grande.

⁶⁸ *Aprasse* é alteração do vocábulo tupi *aporacê*, ou, simplesmente, *poracê* que quer dizer, “reunião para folguedo ou para dançar”.

mulheres que havia nas sete cabanas e me levaram, e os homens se foram embora. Umas pegaram-me nos braços, outras nas cordas que tinha ao pescoço, de forma que quase não podia respirar. Assim me levaram; eu não sabia o que queriam fazer de mim e me lembrava do sofrimento do nosso redentor Jesus Cristo, quando era maltratado inocentemente pelos infames judeus. Por isso, consolei-me e me tornei paciente. Conduziram-me até a cabana do rei, que se chamava *Uratinge Wasu*,⁶⁹ que quer dizer na minha língua “o grande pássaro branco”. Diante da cabana do rei, havia um monte de terra fresca, e ali me assentaram, enquanto algumas mulheres me seguravam. Pensei então que queriam matar-me e procurava com os olhos o *iwera pemme*,⁷⁰ instrumento com que matam gente, e perguntei se já me queriam matar. Não me responderam, mas veio uma mulher que tinha um pedaço de cristal em uma coisa que parecia um pau arcado, cortou-me com esse cristal as pestanas dos olhos e queria cortar-me também a barba. Mas isso não quis suportar e disse que me matassem com barba e tudo. Disseram então que me não queriam matar ainda e me deixaram com a barba. Porém, alguns dias depois, a cortaram com uma tesoura que os franceses lhes tinham dado.

69 *Uratinge Wasu* é alteração de *Uiratinga Uaçu*, que também se escreve *Guiratinga guaçu* e se traduz a garça grande.

70 *Iwera Pemme* é do tupi *ibirá-pema*, que quer dizer pau aplainado, ou clava achatada em forma de remo ou de espada. É o nome de um instrumento de guerra, a que o gentio chamava também *tangapema* ou, melhor, *tacapema*, para dizer o tacape chato.

Como dançaram comigo diante das cabanas nas quais guardam seus ídolos tammerka.

Depois conduziram-me do lugar onde me cortaram as pestanas para as cabanas, onde guardavam os seus *tammerka*, ou ídolos. Formaram um círculo ao redor de mim, ficando eu no centro, com duas mulheres; amarraram-me numa perna umas coisas que chocalhavam e na nuca colocaram-me uma outra coisa, feita de penas de pássaros, que excedia a cabeça e que se chama na língua deles *arasoya*.⁷¹ Depois começaram as mulheres a cantar, e conforme um som dado tinha eu de bater no chão com o pé, em que estavam atados os chocalhos, para chocalhar em acompanhamento do canto. A perna ferida me doía tanto que eu mal podia conservar-me de pé, pois a ferida ainda não estava curada.

⁷¹ *Arasoya* é o vocábulo tupi *araçoyá*, ou *aracoyaba*, espécie de turbante feito de penas multicores. Era, em verdade, o chapéu do selvagem em ocasiões solenes.

CAPÍTULO XXIV

*Como depois da dança me entregaram a Ipperu Wasu,
que me devia matar.*

Acabada a dança, fui entregue a *Ipperu Wasu*. Ali estava muito bem guardado. Tinha ainda algum tempo para viver. Trouxeram todos os ídolos que havia nas cabanas e colocaram ao redor de mim, dizendo que eles tinham profetizado a captura de um português. Disse eu então: “Estas coisas não têm poder nem podem falar, e é falso que eu seja português. Sou amigo e parente dos franceses e a terra de onde eu sou, chama-se Alemanha.” Responderam-me que isso devia ser mentira, porque se eu fosse amigo dos franceses nada tinha que fazer entre os portugueses; pois sabiam bem que os franceses eram tão inimigos dos portugueses, como eles mesmos.

Os franceses vinham todos os anos com embarcações e lhes traziam facas, machados, espelhos, pentes e tesouras; e eles lhes haviam dado em troca pau-brasil, algodão e outras mercadorias, como enfeites de penas e pimenta. Por isso, eram eles seus amigos; os portugueses assim nunca fizeram. Tinham vindo os portugueses há muitos anos a esta terra, e tinham, no lugar onde ainda moravam, contraído amizade com os seus inimigos. Depois, tinham-se dirigido, eles, aos portugueses para negociar, e de boa-fé foram aos seus navios e entraram neles, tal como faziam ainda hoje com os franceses; mas, quando os portugueses viram que havia bom número nos navios, os atacaram, amarraram e entregaram

aos seus inimigos, que os mataram e devoraram. Alguns tinham sido também mortos a tiros e muitos sofreram outras crueldades mais. Diziam que os portugueses tinham assim praticado, porque vieram guerreá-los, com seus inimigos.

CAPÍTULO XXV

Como os que me capturaram estavam zangados e se queixavam de que os portugueses mataram a tiro seu pai, que eles queriam vingar em mim.

E diziam mais que os portugueses tinham atirado no braço do pai dos dois irmãos que me capturaram do que veio ele a falecer; e essa morte do pai queriam vingar em mim. Eu repliquei que não deviam vingar-se em mim, porque eu não era português e tinha vindo, havia pouco, com os castelhanos; que eu tinha naufragado e por isso tinha lá ficado.

Entre os índios havia um moço que tinha sido escravo dos portugueses. Os selvagens, que moravam com os portugueses, tinham ido guerrear os *tuppin inbá* e tomado uma aldeia inteira. Os velhos foram comidos e os moços foram trocados por mercadorias com os portugueses. Esse moço era um dos que tinham sido vendidos e ficara perto de Brickioka com o seu senhor, que se chamava Antonio Agudin, um galego.

A esse mesmo escravo tinham capturado, uns três meses antes da minha captura.

Como era da mesma raça que eles, não o mataram. Ele me conhecia. Perguntaram-lhe quem eu era. Ele então disse que era verdade; que um barco tinha naufragado e os homens que nele havia chamavam-se castelhanos e eram amigos dos portugueses. Com eles estava eu, e nada mais sabia ele de mim.

Ouvindo agora como também antes que havia franceses entre eles e que costumavam vir embarcados, insisti no que tinha dito

e continuei: “que eu era amigo e parente dos franceses, que não me matassem, até que os franceses viessem e me reconhecessem”. Guardaram-me então muito bem, porque havia ali alguns franceses que os navios tinham deixado para carregar pimenta.

CAPÍTULO XXVI

Como um francês que os navios deixaram entre os selvagens chegou para me ver e lhes recomendou que me devorassem, porque eu era português.

Havia um francês a quatro milhas de distância do lugar das cabanas, onde eu estava. Logo que soube da notícia, veio para uma das cabanas em frente daquela em que eu estava. Vieram então os selvagens me chamar: “Está aqui um francês, queremos ver agora se és francês ou não.” Isso me alegrou, e disse comigo: “Ele é cristão, ele falará para o bem.”

Conduziram-me nu à sua presença. Era moço, e os selvagens o chamavam *Karwattuware*.⁷² Falou-me em francês, mas eu não podia entendê-lo bem. Os selvagens estavam presentes e escutavam. Como eu lhe não podia responder, disse ele aos selvagens na língua deles: “Matem-no e devorem-no, o celerado é português legítimo, vosso e meu inimigo.” Compreendi perfeitamente e pedi, por amor de Deus, que lhes dissesse que não me devorassem. Mas ele me disse: “Querem-te devorar.” Lembrei-me então de Jeremias, Cap. 17, onde diz: “Maldito seja o homem que nos outros homens confia.” E com isso, saí dali com grande pesar no coração. Nos ombros tinha um pedaço de pano de linho, que me tinham dado (onde o teriam adquirido?), tirei-o (o sol me tinha queimado muito) e o arremessei aos pés do francês, dizendo a

⁷² *Karwattuware* é alteração do tupi *karauatawara* (*karauatáwara*), que quer dizer comedor de gravatás, isto é, apreciador dos frutos dessa bromeliácea.

mim mesmo: “Se tenho de morrer, para que então cuidar em proveito dos outros da minha carne?” Conduziram-me então outra vez à cabana, onde me guardaram. Deitei-me na rede, e Deus sabe quanto me considerava desgraçado. Comecei a me lamentar, cantando o salmo:

*Roguem ao Espírito Santo⁷³
Que nos dê a verdadeira fé
Que nos guarde até ao fim.
Quando sairmos desta triste vida.
Kyrieleys*

Disseram, então: “É legítimo português, agora se lamenta e tem medo da morte.”

O referido francês ficou dois dias nas cabanas e no terceiro foi-se embora. Então determinaram que se fizessem os preparativos para me matar no primeiro dia, depois de tudo arranjado. Guardaram-me muito bem e escarneceram de mim, tanto os moços como os velhos.

⁷³ *Sanctum precemur Spiritum
Vera beare nos fide
Ut nos in hac reservet,
In fine nempe vitae
Hic quando commigramus
Doloribus soluti.*

Kyrie Eleison

CAPÍTULO XXVII

Como eu sentia fortes dores de dentes.

Aconteceu que, enquanto eu estava reduzido a esta miséria (e, como se costuma dizer, uma desgraça nunca vem só), um dente começou a doer-me tanto que quase desanimei de todo. O meu senhor veio a mim e me perguntou por que comia tão pouco. Respondi que me doía um dente. Voltou então com um instrumento de madeira e me quis extrair um dente. Disse-lhe que não doía mais, mas ele queria extraí-lo por força. Porém, opus-me tanto que ele me deixou; mas disse que, se eu não quisesse comer e engordar, matar-me-iam antes do tempo. Deus sabe quantas vezes eu pedi de coração que, se fosse a sua vontade, me deixassem morrer sem que os selvagens o soubessem, para que eles não satisfizessem o seu desejo em mim.

Como me levaram ao seu rei supremo, chamado Konyan Bébe, e o que ali fizeram comigo.

Alguns dias depois, levaram-me para uma outra aldeia que eles chamam *Arirab*,⁷⁴ para um rei, de nome *Konyan Bébe*,⁷⁵ que era o principal rei de todos. Ali se haviam reunido mais alguns em uma grande festa, a modo deles, e queriam me ver, pelo que me mandaram buscar naquele dia.

Chegando perto das cabanas, ouvi um grande rumor de canto e de trombetas, e diante das cabanas havia umas quinze cabeças espetadas; eram da gente sua inimiga, chamada *markayas*,⁷⁶ e que tinha sido devorada. Quando me levaram para lá, disseram-me que as cabeças eram de seus inimigos e que estes se chamam *markayas*. Fiquei com medo e pensei: “Assim farão comigo também.” Ao entrarmos nas cabanas, um dos meus guardas avançou e gritou com voz forte, para que todos o ouvissem: “Aqui trago o escravo, o português”, pensando que era coisa muito boa ter o inimigo em seu poder. E falou muitas coisas mais, como é de costume, conduzindo-me até onde estava o rei sentado, bebendo

⁷⁴ *Arirab*, grafia errada de *Ariroba* ou *Ariró*, nome da aldeia de Cunhambebe, para os lados de Angra dos Reis. No estado do Rio de Janeiro, há o rio Ariró e também uma serra com esse mesmo nome por aqueles lados.

⁷⁵ *Konyan Bébe* é o mesmo Cunhambebe, chefe famoso dos tamoios, inimigo dos portugueses.

⁷⁶ *Markaya* deve ser *maracayá*, nome de uma tribo inimiga dos tamoios, vocábulo tupi com que se designa o gato-do-mato.



com os outros, e estando já embriagados pela bebida que fazem, chamada *kawawy*. Fitaram-me desconfiados e perguntaram: “Viestes como nosso inimigo?” Respondi: “Vim, mas não sou vosso inimigo.” Deram-me então a beber. Já tinha ouvido falar muito do rei *Konyan Bébe*, que devia ser um homem grande, um grande tirano, para comer carne humana. Fui direto a um deles, que eu pensava ser ele, e lhe falei tal como me vieram as palavras, na sua língua, e disse: “És tu *Konyan Bébe*, vives ainda?” “Sim”, disse ele, “eu vivo ainda.” Então repliquei: “Tenho ouvido falar muito de ti e que és um valente homem.” Com isso levantou-se e, cheio de si, começou a passear. Trazia ele uma grande pedra verde atravessada nos lábios,⁷⁷ como é costume deles. Fazem também rosários brancos de uma espécie de conchas, que é o seu enfeite. Um desses, tinha-o o rei ao pescoço, e era de mais de 6 braças de comprimento. Por esse enfeite vi que ele era um dos mais nobres.

Tornou a assentar-se e começou a me perguntar o que planejavam seus inimigos, os *tuppin ikins* e os portugueses. E disse mais: “Por que queria eu atirar sobre ele, em Brickioka?” Porque lhe contaram que eu era artilheiro e atirava contra eles. Então respondi que os portugueses me tinham mandado e me obrigaram a isso. Disse ele então que eu também era português, porque o francês, que me levou isso e a quem ele chamava “seu filho”, lhe dissera que eu não sabia a sua língua por ser português legítimo. Eu disse então: “Sim, é verdade, estive muito tempo fora daquela terra e tinha esquecido a língua.” Ele replicou que já tinha ajudado a capturar e comer cinco portugueses e que todos tinham mentido. Só me restava então consolar-me e recomendar-me à vontade de Deus, porque compreendi que devia morrer. Tornou então a me perguntar o que os portugueses diziam dele e se tinham muito

⁷⁷ É o ornato de nefrita a que o gentio chamava *tembetá* isto é, *tembê-itá*, que vale dizer pedra do beijo.





medo dele. Eu respondi: “Sim, eles falam muito de ti e das grandes guerras que tu lhes costuma fazer; mas agora fortificam melhor Brickioka.” “Sim”, continuou ele, “queria de vez em quando capturá-los”, como me tinham capturado no mato.

Ainda mais contei eu a ele: “Sim, teus verdadeiros inimigos são os *tuppin ikins*, que preparam 25 canoas para virem atacar o teu país”, como realmente também aconteceu.

Enquanto ele me fazia perguntas, ficavam os outros em pé escutando. Em suma, perguntou-me muito e falou muito. Regozijava-se dos muitos portugueses e dos selvagens, seus inimigos, que tinham morto. Enquanto isso se passava comigo, os que estavam bebendo na cabana acabaram com a bebida que ali havia; passaram então todos a uma outra cabana na qual continuaram a beber, e por isso terminou a minha conferência com o chefe.

Nas outras cabanas, continuaram suas zombarias comigo, e o filho do rei atou-me as pernas em três lugares, obrigando-me a pular com os pés juntos. Riam-se disso e diziam: “Aí vem a nossa comida pulando.” Perguntei ao meu senhor que me levava até aí se era para me matar aqui. Respondeu-me que não, mas que era costume tratar assim os escravos. Tiraram-me então as cordas das pernas e me beliscaram, rodeando-me e falando; um disse que couro da cabeça era dele, outro que a barriga da perna lhe pertencia. Depois obrigaram-me a cantar e cantei versos religiosos. Queriam eles que eu os traduzisse. Disse então que tinha cantado ao meu Deus. Eles respondiam que meu Deus era excremento, isto é, na língua deles, *teuire*.⁷⁸ Tais palavras me magoaram e eu pensava: “Ó meu Deus bondoso, como podes sofrer isto com paciência?” Quando, no dia seguinte todos na aldeia já me tinham

⁷⁸ No tupi, excremento, *tipoty* ou *repoty*. É, porém, de supor que o vocábulo *teuire* seja alteração de *tebira*, que significa vil, corrupto, infame, ruim. Possível é, também, que proceda de *teũira*, que vale dizer o que é lançado ou tirado do corpo.



visto e descarregado todos os insultos sobre mim, Konyan Bébe disse aos que me guardavam que tomassem muito sentido comigo.

Levaram-me então outra vez para fora, para voltar a Uwattibi, onde me deviam matar. Gritavam atrás de mim que logo viriam à cabana de meu senhor para deliberarem sobre minha morte e me devorarem, mas meu senhor me consolou dizendo que tão cedo eu não seria morto.

Como as 25 canoas dos tuppín ikins vieram, como eu tinha dito ao rei, para atacar as cabanas onde eu estava.

Enquanto isso, aconteceu que as 25 canoas dos selvagens que eram amigos dos portugueses, como eu tinha dito, e estavam prontos para ir à guerra antes de eu ser preso, vieram uma manhã para atacar as cabanas.

Quando os *tuppín ikins* investiram contra as cabanas e começaram a atirar sobre elas, encheram-se de medo os de dentro, e as mulheres queriam fugir. Disse-lhes eu então: “Vós me tendes por português, vosso inimigo, dai-me um arco e flechas e deixai-me ir, quero ajudar-vos a defender as cabanas.” Deram-me um arco e flechas. Eu gritava e atirava ao modo deles o melhor que podia, e lhes dizia que tivessem ânimo, não havia perigo. Minha intenção era de atravessar a cerca ao redor das cabanas e correr para os outros, pois eles me conheciam e sabiam que eu estava na aldeia. Mas, vendo os *tuppín ikins* que nada podiam fazer, voltaram outra vez para suas canoas e se foram embora. Quando bem longe já estavam eles, prenderam-me de novo.

CAPÍTULO XXX

*Como os chefes se reuniram de noite,
ao luar.*

Na tarde do dia em os outros se foram, reuniram-se ao luar, na praça que fica entre as cabanas, e conferenciaram a respeito da época em que me deviam matar e me conduziram para o meio deles, maltratando-me e fazendo zombaria de mim. Eu estava triste, olhei para a lua e pensei: “Oh, meu Deus e Senhor, ajuda-me nesta aflição, para que me veja livre.” Perguntaram-me por que eu olhava para a lua. Então lhes respondi: “Vejo que ela está zangada”, porque a figura que está na lua parecia-me tão terrível (Deus me perdoe) que eu pensava que Deus e todas as criaturas deviam estar zangados comigo. Perguntou-me então o rei que me queria matar, o chamado Jeppipo Wasu, um dos chefes das cabanas: “Com quem está zangada a lua?” Respondi-lhe: “Ela olha para tua cabana.” Por causa dessas palavras, começou ele a falar áspero comigo. Para contradizer isso, disse eu: “Decerto não será com a tua cabana, ela está zangada com os escravos *cariós*”, (que também há uma raça que assim se chama).

“Sim”, disse ele, “sobre eles que venha a desgraça.” Ficou nisso e não pensei mais sobre essa conversa.

*Como os tuppin ikins incendiaram uma outra aldeia,
chamada Mambukabe.*

No dia seguinte chegou a notícia, de uma aldeia chamada *Mambukabe* (Mambucaba), de que os *tuppin ikins* tinham atacado, quando saíram do lugar onde eu estava cativo; e os moradores tinham fugido, exceto um menino que eles cativaram, e depois foram incendiadas as cabanas. Então o Jeppipo Wasu (que tinha poder sobre mim e que muito me maltratava) foi para lá, porque eram seus amigos e parentes e queria ajudá-los a fazer novas cabanas. Por isso, levou consigo todos os amigos de sua aldeia e teve a lembrança de levar a farinha de raízes (mandioca), para fazer a festa, e lá me devorarem. E quando se foi embora, ordenou àquele a quem me tinha entregue, chamado *Ipperu Wasu*, que me guardasse bem. Ficaram então fora mais de quinze dias e lá prepararam tudo.

CAPÍTULO XXXII

*Como chegou um navio de Brickioka e perguntaram por mim.
O que disseram a meu respeito.*

Nesse interim, chegou um navio dos portugueses de Brickioka, deitou âncora não longe do lugar em que eu estava cativo e disparou um tiro de peça,⁷⁹ para que os selvagens ouvissem e viessem falar com eles.

Quando perceberam isso, disseram-me: “Aí vêm os teus amigos, os portugueses, e querem talvez saber se tu ainda vives ou te comprar.” Disse eu então: “Decerto é meu irmão”, porque eu supunha que se o navio dos portugueses passasse por ali perguntariam por mim. Para que os selvagens não pensassem que eu era português, disse-lhes que tinha um irmão que também era francês e estava com os portugueses. Mas não queriam acreditar que eu não era português, e foram tão perto do navio que puderam chegar a fala. Os portugueses então perguntaram como eu passava. E eles responderam que não se importavam comigo. Quando eu vi o navio ir-se embora, sabe Deus o que fiquei pensando. Eles disseram entre si: “Temos mesmo o homem; já mandam navios atrás dele.”

⁷⁹ Era esse o costume naqueles tempos em que o tráfico com o gentio era o único negócio possível nesta parte da América. Os navios dos contratadores do pau-brasil como as simples naus de resgate, portuguesas ou estrangeiras, empregavam todas o mesmo processo.

Como o irmão de Jeppipo Wasu chegou de Mambukabe e queixou-se a mim de que seu irmão, sua mãe e todos os outros estavam doentes e pediu-me que eu fizesse com que meu Deus lhes desse outra vez a saúde.

Esperava eu todos os dias os outros que, como antes disse, estavam fora, preparando-se contra mim. Um dia depois ouvi alguém gritar na cabana do rei que estava ausente. Tive medo pensando que voltavam, porque é costume dos selvagens não se ausentarem mais de quatro dias. Quando então voltam, seus amigos gritam de alegria. Não muito depois dessa gritaria, veio um deles ter comigo e me disse: “O irmão do teu senhor chegou e diz que os outros ficaram doentes.” Fiquei alegre e pensei: “Aqui Deus quer fazer alguma coisa.” Pouco tempo depois veio o irmão do meu senhor à cabana onde eu estava, assentou-se ao pé de mim, começou a se lamentar e a dizer que seu irmão, sua mãe e os filhos de seu irmão todos tinham caído doentes, e seu irmão o tinha mandado a mim para me dizer que eu devia fazer com que meu Deus lhes desse saúde, e acrescentou: “Meu irmão está pensando que teu Deus está zangado.” Eu lhe disse que sim, que meu Deus estava zangado, porque eles me queriam devorar e tinham ido a Mambukabe a fazerem os preparativos. E lhe disse mais: “Vós dizeis que eu sou português, e eu não o sou.” E acrescentei: “Vai ter com teu irmão, para que ele volte à sua cabana, e eu falarei a meu Deus, para que ele fique bom.” Então respondeu-me que o irmão estava muito doente, e não podia vir; que ele sabia e tinha reparado que se eu quisesse ele ficaria bom lá mesmo. Eu lhe

respondi que ficaria tão bom que podia voltar para sua cabana, onde ele então havia de sarar completamente. Com isso, partiu ele com a resposta para *Mambukabe*, que fica a quatro léguas de *Uwattibi*, onde eu estava.

Como o Jeppipo Wasu voltou doente.

Depois de alguns dias, voltaram todos os doentes. Então mandou o rei me conduzir para a sua cabana e me disse como tinham todos ficado doentes e que eu bem o sabia, porque ele se lembrava ainda que eu tinha dito: “A lua estava zangada contra a sua cabana.” Quando ouvi estas palavras, pensei comigo: “Aconteceu pela providência de Deus que eu em a noite referida tivesse falado da lua.” Fiquei muito alegre e pensei: “Agora Deus está comigo.”

Então lhe disse mais que era verdade, por ele querer-me comer e eu não ser seu inimigo, e por isso lhe veio a desgraça. Ele disse então: que nada me fariam, se ele tornasse a levantar-se. Não sabia como melhor rogar a Deus. Disse comigo: “Se voltam outra vez à saúde, matam-me assim mesmo: se morrem, então dirão os outros: ‘vamos matá-lo antes que aconteçam mais desgraças por causa dele’, como já começavam a dizer. Seja como Deus quiser.” Ele (o rei) pediu-me muito para que ficassem bons. Andei em roda deles e lhes deitei a mão nas cabeças, como pediram. Deus porém não o quis, e começaram a morrer. Morreu-lhes uma criança, depois morreu a mãe do rei, uma mulher velha, a qual queria fazer os potes nos quais pretendiam fabricar a bebida quando tivessem de me devorar.

Alguns dias depois morreu o irmão do rei, depois mais uma criança, e mais um irmão, que era aquele que me tinha dado a notícia quando tinham ficado doentes.

Vendo então que seus filhos, sua mãe e irmãos tinham morrido, ficou muito triste, e temendo que ele e mais as mulheres também morressem, me pediu rogasse a meu Deus que não ficasse mais zangado e o deixasse viver. Eu o consolei como pude e disse que ele nada sofreria, e que não devia pensar em me devorar quando ficasse são. Respondeu-me que não e ordenou aos outros da sua cabana que não fizessem mais zombaria de mim, nem ameaçassem de me devorar. Assim mesmo continuou ainda doente algum tempo, porém ficou outra vez bom e também uma de suas mulheres, que estava doente. Mas morreram mais ou menos oito de sua amizade, os quais me tinham feito muito mal. Havia ainda dois outros reis em duas cabanas, um, Vratinge Wasu; outro, *Kenrimakuí*,⁸⁰ ficou bom. Vratinge Wasu tinha sonhado que eu tinha vindo e lhe dissera que ele havia de morrer. De manhã cedo veio ele ter comigo e se queixou. Eu disse que não, e que não havia perigo; mas que ele também não pensasse em me matar, nem que isso aconselhasse. Disse ele então que se aqueles que me tinham capturado não me matassem ele não me faria mal, e ainda que me matassem ele não comeria da minha carne.

Por sua vez, o outro rei, Kenrimakui, tinha também sonhado comigo, um sonho que muito o alarmou. Chamou-me a sua cabana, deu-me de comer e, depois, queixou-se a mim dizendo que tinha uma vez estado em guerra, onde capturara um português que ele matou com suas mãos e comeu dele tanto que seu peito ainda doía disso, e não queria comer mais ninguém. E tinha sonhado comigo sonhos tão horríveis que pensava também que ia morrer. Eu disse-lhe que não havia perigo se não comesse mais carne de gente.

⁸⁰ *Kenrimakuí* é alteração de *carimã-cui*, que quer dizer farinha de carimã, ou pó de carimã.

Também as mulheres velhas de algumas cabanas, as que muito me tinham maltratado com beliscões, pancadas e ameaças de me devorar, estas mesmas me chamaram então *scheraeire*,⁸¹ isto é, “meu filho, não me deixes morrer”. “Se te tratamos assim”, diziam, “foi porque pensávamos que eras português, e este nós detestamos. Temos também tido alguns portugueses, que comemos; mas o Deus deles não ficava tão zangado como o teu; por isso, vemos agora que tu não podes ser português”.

Assim, deixaram-me por algum tempo, porque não sabiam bem o que pensar de mim, se eu era português, ou se era francês. Disseram-me que se tinha barba vermelha, como os franceses, também tinham visto portugueses com igual barba, mas eles tinham geralmente barbas pretas.

Depois desse pânico, quando um dos meus senhores ficou bom, não falaram mais em me devorar, porém guardaram-me tão bem como dantes e não queriam me deixar andar sozinho.

81 *Scheraeire*, diga-se *che raíra*, que quer dizer meu filho.

*Como voltou o francês que tinha recomendado aos selvagens
que me devorassem e eu lhe pedi que me levasse,
mas os meus senhores não me queriam deixar.*

O tal francês Karwattuware, do qual já falei que se virou contra mim, como os selvagens que o acompanhavam e eram amigos dos franceses, veio para arranjar com os índios pimenta e uma espécie de penas.⁸²

Quando então estava de volta para o lugar onde os navios chegam, chamado *Mungu Wappe e Iterwenne*,⁸³ tinha ele de passar por onde eu estava. À saída do francês, não duvidei que me iam devorar, como ele o tinha recomendado; e como estive ausente algum tempo, não podia pensar que eu ainda estivesse vivo.

Chegando outra vez às cabanas, onde eu estava, falou comigo na língua dos selvagens; eu me agastei com ele porque me perguntou se eu ainda estava vivo. “Sim respondi, graças a Deus, que me conservou por tanto tempo.” Talvez tivesse ele ouvido dos selvagens como isso aconteceu, e o chamei para um lugar onde podíamos falar a sós, para que os selvagens não ouvissem o que eu lhe dizia. Aí lhe disse que bem podia ele ver que Deus me tinha

82 A pimenta (*kiinha*), chamada *cumuri*, valia então como uma especiaria da terra. As penas do guará, da arara, as penas de tucano e dos felinos eram então muito procuradas. O *trouchement* francês adquiria esses artigos e esperava o barco que os vinha buscar e levar para a Europa.

83 *Mungu Wappe* e *Iterwenne* são de difícil identificação. O primeiro parece ser alteração de *Mongaguape*, e o segundo, de *Iteruene* ou talvez *Iteronne*, mais aproximados de *Iteron*, que quer dizer água em seio, enseada. Aliás, na edição príncipe, lê-se: *Iterroenne*. V. nota 87.



poupado a vida; como também que eu não era português, mas alemão, e por causa do naufrágio dos espanhóis tinha chegado à terra dos portugueses; e pedi que contasse aos selvagens o que eu tinha dito a ele, dissesse-lhes que eu era amigo e parente dele, e que me levasse quando chegassem os navios. Porque eu tinha medo de que se ele o não fizesse os selvagens haviam de pensar que havia charlatanismo na minha parte, e, uma vez zangados, me matariam.

Fiz-lhe uma admoestação, na língua dos selvagens, e lhe perguntei se ele não tinha um coração cristão no peito e se não se lembrava que depois desta vida havia uma outra, para ele ter recomendado que me matassem. Começou então a se arrepender e me disse que tinha julgado que eu era português, gente tão má, que quando os índios apanhavam algum nas províncias do Brasil enforcavam logo; o que é verdade. Também me disse que eles, os franceses, tinham de respeitar os costumes dos selvagens, e faziam causa comum com eles porque eram inimigos tradicionais dos portugueses.

Conforme eu tinha pedido, contou ele aos selvagens que da primeira vez não me conhecera bem, mas que eu era da Alemanha e amigo deles, pelo que queria levar-me consigo quando chegassem os navios. Mas, os meus senhores responderam-lhe que não, que não me dariam a ninguém, só se viesse meu pai ou meu irmão, com um navio cheio de carga, com machados, espelhos, facas, pentes e tesouras, acrescentando que eles me acharam na terra dos inimigos e eu lhes pertencia.

Quando o francês ouviu isso, disse-me que estava convencido de que eles não me largariam. Pedi-lhe então, por amor de Deus, que me mandasse buscar para me levar à França no primeiro navio que chegasse. Isso me prometeu ele, e disse aos selvagens que me guardassem bem e que não me matassem, porque meus amigos haviam de vir à minha procura; e se foi embora.



Tendo partido o francês, perguntou-me um dos meus senhores, chamado *Alkindar Miri* (não o que estava doente), o que o *Karwattuwara* (que era o nome do francês, na língua dos selvagens) me tinha dado e se ele era meu patrício, respondi que sim. “Por que então”, dizia ele, “não te deu uma faca para tu me dares?” e ficou zangado. Mais tarde, uma vez restabelecidos, começaram de novo a murmurar a meu respeito e diziam que os franceses não valiam mais que os portugueses. Comecei a ter medo de novo.

Como devoraram um prisioneiro e me conduziram a esse espetáculo.

Aconteceu que alguns dias depois quiseram devorar um prisioneiro, numa aldeia chamada *Tickquarippe*,⁸⁴ cerca de seis milhas de distância do lugar onde me achava cativo. Alguns das cabanas onde eu estava foram para lá e me levaram também. O escravo que eles iam comer era de uma nação chamada *Marckaya*. Fomos para lá em uma canoa.

Quando chega o momento de se embriagarem, como é seu costume, quando devoram alguma vítima, fazem de uma raiz uma bebida que chamam *kawi*; bebem-na toda e matam o prisioneiro. Na noite seguinte, ao beberem à morte do homem, cheguei-me para a vítima e lhe perguntei: “Estás pronto para morrer?” Riu-se e me respondeu: “Sim.” A corda com que amarram os prisioneiros, *mussurana*, é de algodão e mais grossa do que um dedo. “Sim”, disse ele, “*estou pronto para tudo*.” Somente a mussurana não era bem comprida (faltavam-lhe cerca de seis braças). “*Sim, nós temos melhores cordas*”, disse ele, assim como quem vai a uma feira.

Eu tinha comigo um livro, em língua portuguesa, que os selvagens tiraram de um navio que aprisionaram com o auxílio dos franceses; fizeram-me presente desse livro.

⁸⁴ *Tickquarippe* é do tupi *Tyquarype*, composto de *tyquara-y-pe*, que se traduz por na água do poço.



Deixei o prisioneiro e li o livro, e tive muito dó dele. Voltei a ter com ele porque os portugueses têm esses *markayas* por amigos, e lhe disse: “Eu também sou prisioneiro como tu e não vim aqui para devorar a tua carne, foram os outros que me trouxeram.” Então respondeu que sabia bem que a nossa gente não come carne humana.

Disse-lhe mais que não afligisse porque, se lhe comiam a carne, sua alma ia para outro lugar, aonde vão também as almas da nossa gente, e ali há muita alegria. Então perguntou-me se isso era verdade. Eu respondi que sim, e ele me disse que nunca vira a Deus. Respondi que na outra vida havia de vê-lo; e quando acabei de lhe falar, deixei-o.

Na mesma noite em que com ele falei, levantou-se um forte vento, soprando tão horrorosamente que tirava pedaços das cobertas das casas. Os selvagens zangaram-se então comigo, e disseram na sua língua: “*Apomeiren geuppawy wittu wasu Immou*,⁸⁵ isto é, “o maldito, o santo, fez agora vir o vento, porque olhou hoje no *couro da trovoada*”, que era o livro que eu tinha. E eu alegrei-me com isso, porque o escravo era amigo dos portugueses e eu pensava que o mau tempo impedisse a festa. Orei, então, a Deus e Senhor, dizendo: “Se tu me preservaste até agora, continua ainda porque estão zangados comigo.”

85 A frase tupi é como se segue: *Apomirim jurupary ybytu uaçú omô*, que se traduz por “aquele diabinho é que trouxe o furacão”. O diabinho, para os bárbaros, era o livro que eles chamavam *couro da trovoada*.



O que aconteceu na volta, depois de terem comido o prisioneiro.

Acabada a festa, voltamos outra vez para as nossas casas e os meus senhores trouxeram consigo um pouco de carne assada. Gastamos três dias na volta, viagem que originariamente pode ser feita em um; mas ventava e chovia muito. No primeiro dia, à noite, ao fazermos ranchos no mato onde pousamos, disseram-me que eu fizesse acabar a chuva. Conosco vinha um menino que trazia uma canela do prisioneiro, e nela havia ainda carne que ele comia. Eu disse ao menino que deitasse fora o osso. Zangaram-se então todos comigo e me disseram que isso que era a sua verdadeira comida. Levamos três dias em caminho.

Já à distância de um quarto de milha de nossas casas, não pudemos mais avançar, porque as ondas cresceram muito. Arrastamos as canoas para terra, pensando que no dia seguinte faria bom tempo e poderíamos levar a canoa para casa; mas a tempestade continuava. Pensamos então em ir por terra e voltar a buscar a canoa quando fizesse bom tempo. Antes, porém, de sairmos, eles e o menino comeram a carne do osso e depois o deitaram fora. Fomos por terra, e, com pouco, o tempo ficou bom. “Ora muito bem”, disse eu, “não me queríeis acreditar quando eu disse que o meu Deus estava zangado, porque o menino estava a comer carne do osso”. “Sim”, responderam-me; mas “se ele a tivesse comido sem eu ver, o tempo teria continuado bom”. E nisso ficamos.

De regresso outra vez às cabanas, um dos que tinham parte em mim, chamado Alkindar, perguntou-me se eu agora tinha visto, como tratavam aos seus inimigos; respondi que me parecia horrível que eles os devorassem: o fato de os matarem não era tão horrível. “Sim”, disse ele, “é o nosso costume, e assim fazemos com os portugueses também.”

Esse Alkindar me era muito adverso e estimaria bem que me tivesse morto aquele a quem me tinha dado, porque, como já deves ter lido, Ipperu Wasu lhe tinha dado um escravo para matar como o fim de ele ganhar mais um nome. Então Alkindar lhe prometera, por sua vez, fazer-lhe presente do primeiro inimigo que ele capturasse. Mas, como isso não se dera comigo, ele de bom grado o teria feito; porém o irmão impedira-o, por medo de que lhe acontecesse alguma desgraça.

Por isso, esse mesmo Alkindar, antes que os outros me tivessem levado ao lugar onde tinham devorado aquele outro, me tinha ameaçado de morte. Mas voltando agora, e na minha ausência, tinha ele ficado com dor de olhos, que o obrigou a ficar em repouso e não enxergar por algum tempo; disse-me que eu falasse a meu Deus para que os seus olhos sarassem. Eu disse que sim, mas que ele depois não fosse mau comigo. Disse-me ele que não. Alguns dias depois, estava restabelecido.

Quando o dia nasceu, tornou-se bonito o tempo, e eles beberam e alegraram-se muito. Então fui ter com o prisioneiro e disse-lhe: “O vento forte era o próprio Deus.” No dia seguinte, comeram-no. O que se seguiu, vereis no capítulo seguinte.

*Como outra vez um navio foi mandado pelos portugueses
à minha procura.*

J á no quinto mês da minha estada entre eles, chegou outra vez um navio da ilha de São Vicente. Os portugueses têm costume de ir à terra dos seus inimigos, porém bem-armados, a negociarem com eles. Dão -lhes facas e anzóis por farinha de mandioca que os selvagens têm em muitos lugares, e de que os portugueses, com muitos escravos para as suas plantações de cana, precisam para o sustento dos mesmos.⁸⁶ Chegando o navio, vão os selvagens, reunidos ou a dois nas canoas, e entregam a mercadoria na maior distância possível. Depois, dizem o preço que querem por elas, o que os portugueses lhes dão; mas, enquanto os dois ficam ao pé do navio estão à espera, e, uma vez acabados os negócios, investem muitas vezes e combatem com os portugueses, arremessando-lhes flechas, e retirando-se em seguida.

Disparou o barco referido um tiro de peça, para que os selvagens soubessem que ele ali estava. Aproximaram dele. De bordo

⁸⁶ Esta referência do narrador explica bem uma fase originalíssima da colônia portuguesa de São Vicente nessa época. A cultura nas ilhas, já a esse tempo, fazia-se com caráter exclusivista. Plantava-se a cana para açúcar e aguardente e se descurava o mais, ou pelo menos as terras ali não se prestavam suficientemente para as outras culturas de mantimento. Daí, vinha que, não obstante o estado de guerra entre portugueses e tamoios, o concurso destes não podia ser dispensado por aqueles. Armava-se bem um navio para poder afrontar a sanha do gentio adverso, entrava-se-lhe pelos portos, propondo-lhe negócios ou simples troca de produtos de que reciprocamente uns e outros careciam, e a vida na colônia se equilibrava.

perguntaram por mim e se eu ainda estava vivo. Responderam que sim. Então pediram os portugueses para me ver, porque tinham um caixão cheio de mercadorias, que meu irmão, também francês, tinha mandado e estava com eles no barco.

No navio, com os portugueses, estava um francês, de nome Claudio Mirando, que antes tinha sido meu camarada; a este chamei-lhe “meu irmão”, pois que supunha estivesse a bordo e perguntasse por mim, visto já ter feito essa viagem.

Voltaram do navio para a terra e me disseram que meu irmão tinha vindo, mais uma vez, com um caixão cheio de mercadorias, e queria muito me ver. Eu lhes disse então: “Levai-me para lá, mas de longe, pois quero falar com meu irmão; os portugueses não nos entendem; quero lhe pedir que conte ao nosso pai, quando chegar a casa, e lhe peça que venha com muitas mercadorias para me buscar.” Acharam que era bom assim, mas tinham medo de que os portugueses nos entendessem, pois que estavam preparando uma grande guerra que queriam declarar o mês de agosto, na vizinhança de Brickioka, onde fui capturado. Eu sabia bem de todos os seus planos e por isso tinham medo de que eu falasse sozinho com eles (os portugueses). Mas eu disse que não havia perigo, porque os portugueses não compreendiam a língua de meu irmão e a minha. Levaram-me então até cerca de um tiro de funda do navio e todo nu, como eu sempre andava entre eles. Chamei então os de bordo e lhes disse: “Deus e Senhor seja convosco, queridos irmãos. Que um só fale comigo e não deixe perceber que eu não sou francês.” Então um chamado Johann Senchez, Boschkeyer (Biscaio), que eu bem conhecia, me disse: “Meu querido irmão, é por vossa causa que cá viemos com o barco, não sabendo se estáveis vivo ou morto, pois que o primeiro barco não nos deu notícias vossas. Agora o capitão Brascupas (Brás Cubas) em Sanctus (Santos) ordenou que diligenciássemos por saber se ainda estáveis vivo, e, quando o



soubéssemos, que procurássemos ver se eles vos queriam vender; senão, que tentássemos capturar alguns para trocar por vós.”

Respondi então: “Que Deus vos recompense eternamente, pois estou com muito receio sem saber quais as intenções dessa gente; já me teriam devorado, se Deus não o tivesse impedido milagrosamente.” Continuei, dizendo que eles não me venderiam; que não deixasse perceber que eu não era francês, e por amor de Deus me desse algumas mercadorias, facas, anzóis. Fez-se isso, e um índio foi então ao barco, em canoa, buscá-los.

Visto que os selvagens não me queriam deixar conversar por mais tempo, disse eu aos portugueses que se acautelassem bem, pois que cá se aprestavam para atacar de novo na Brickioka. Responderam-me que os índios seus aliados também se preparavam e queriam atacar a aldeia, exatamente aquela onde eu estava, e que eu tivesse coragem porque Deus havia de levar tudo pelo melhor, pois, do contrário, como eu via, eles não podiam me auxiliar. “Sim”, disse eu; “porque é melhor que Deus me castigue nesta vida do que na outra e rogai a Deus que me ajude a sair desta miséria.”

Com isso me recomendei a Deus, o Senhor. Queriam falar ainda comigo; mas os selvagens não me consentiram ter mais conversa com eles e tornaram a levar-me para as cabanas.

Tomei então as facas e os anzóis e os distribuí entre eles e lhes disse: “Tudo isto, meu irmão, o francês, me deu.” Perguntaram-me o que tinha meu irmão conversado comigo. Respondi “que tinha aconselhado a meu irmão de procurar escapar dos portugueses e voltar para a nossa terra, e que de lá trouxessem embarcações com muitas mercadorias para mim, pois que sois bons e me tratais bem; o que desejo recompensar quando voltar o barco”. Assim, tinha eu sempre o que pretextar, o que muito lhes agradou.

Depois disso, começaram a dizer entre si: “ele, decerto, é francês; vamos, pois, tratá-lo agora melhor”. Eu continuei a dizer-lhes



sempre: “Não há de demorar a vinda de um navio a buscar-me.” Isto para que eles me tratassem bem. Daí em diante, levavam-me, às vezes, ao mato, onde havia o que fazer e me obrigavam a ajudá-los.

Como eles tinham um prisioneiro que sempre me caluniava e que estimaria que me matassem, e como o mesmo foi morto e devorado na minha presença.

Havia entre eles um prisioneiro da nação que se chama *cariós*, inimigos dos selvagens, mas amigos dos portugueses. O mesmo tinha pertencido aos portugueses, de quem tinha fugido. Aos que assim vêm a eles, não os matam, senão quando cometem algum crime grave; conservam-nos como propriedade sua e os obrigam a servir.

Esse *carió* tinha estado três anos entre os *tuppin inbá* contou que me tinha visto entre os portugueses e que eu tinha atirado por vezes contra os *tuppin inbás*, quando iam à guerra.

Havia já anos que os portugueses lhes tinham morto a tiro um dos maiores e esse maioral, dizia o *carió*, tinha sido eu que o atirara. E os instigava sempre para que me matassem, porque eu era o inimigo verdadeiro; ele o tinha visto. Mentia, porém, em tudo isso, porquanto havia já três anos que estava entre eles e havia apenas um ano que eu tinha chegado São Vicente, de onde ele tinha fugido. Orei a Deus para que me guardasse contra essas mentiras. Aconteceu então, no ano 1554, mais ou menos, no sexto mês depois que fiquei prisioneiro, cair doente o *carió*, e o senhor dele me pediu então que eu o tratasse para que ficasse bom e pudesse caçar, para termos o que comer, pois que eu bem sabia que quando ele trazia alguma coisa também me dava a mim. Como, porém me pareceu que ele não mais se curaria, desejava ele (o senhor) dá-lo a um amigo para que o matasse e ganhasse mais nome.

Assim, estava ele doente havia já uns nove ou dez dias. Guardam esses selvagens os dentes de um animal a que chamam *backe* (paca); amolam esses dentes, e, onde quer que o sangue estanque, fazem com um desses dentes uma incisão na pele, e o sangue corre com tanta quantidade como quando aqui se corta a cabeça de alguém.

Tomei então um desses dentes a ver se o paciente lhe abria uma veia mediana. Mas nada consegui porque o dente estava muito cego. Rodeavam-me todos. Como, porém, me retirei vendo que nada valia, perguntaram-me se o doente ficava bom outra vez. Disse-lhes que nada tinha conseguido, pois o sangue não corria, como podiam ter visto. “Sim”, replicaram; “ele quer morrer, vamos pois matá-lo, antes que morra.”

Disse-lhes eu então: “Não, não o matem; talvez possa sarar ainda.” Mas de nada valeu o dizer. Levaram-no para frente da cabana do maioral Vratinge (*Uiratinga*) com dois a sustentá-lo, pois que já estava tão desacordado que não percebia mais o que faziam com ele. Aproximou-se-lhe então aquele a quem tinha sido dado para matá-lo e lhe deu tão grande golpe na cabeça que os miolos saltaram. Deixaram-no assim diante da cabana e iam comê-lo. Disse-lhes eu então que não o fizessem, porque era um homem doente e podiam eles adoecer também. Ficaram sem saber o que fazer. Saiu então um deles da cabana onde eu morava, chamou as mulheres para que fizessem um fogo ao pé do morto e lhe cortou a cabeça, porque tinha um só olho e lhe parecia tão feio da doença que ele deitou fora a cabeça e esfolou o corpo sobre o fogo. Depois o esquartejou e dividiu com os outros, como é de seu costume, e o devoraram, exceto a cabeça e os intestinos, que lhes repugnavam, porque ele tinha estado doente.

Fui de uma para outra cabana. Em uma assaram os pés, em outra, as mãos; e na terceira, pedaços do corpo. Disse-lhes então como o carió, que eles estavam assando e queriam devorar, tinha

sempre caluniado e dito que eu é que tinha morto alguns dos seus amigos, quando estive entre os portugueses; o que era mentira, pois que ele nunca lá me tinha visto. “Sabeis que ele esteve ente vós alguns anos e nunca esteve doente; agora, porém, quando deu de mentir a meu respeito, meu Deus se irritou e o fez adoecer e meteu em vossas cabeças que o matásseis e o devorásseis. Assim é que meu Deus há de fazer com quantos malvados me têm feito mal, ou me fazem.” Atemorizaram-se com essas palavras, e isso agradeço a Deus todo-poderoso, que, em tudo, se mostrou tão forte e misericordioso para comigo.

Peço, por isso, ao leitor que preste atenção ao meu escrito, não que tome eu este trabalho pelo vão desejo de escrever novidades; mas tão somente para mostrar o benefício de Deus.

Aproximou-se o tempo da guerra que durante 3 meses eles vinham preparando. Sempre esperei que, quando saíssem, me deixassem em casa com as mulheres, pois queria ver se, enquanto estivessem ausentes, podia eu fugir.

CAPÍTULO XL

Como um navio francês chegou para negociar com os selvagens algodão e pau-brasil, para o qual navio eu queria ir, mas Deus não permitiu.

Cerca de oito dias antes da partida para a guerra, um navio francês tinha surgido a oito milhas dali, em um porto que os portugueses chamam Rio de Janeiro, e, na língua dos selvagens, *Iteronne*⁸⁷ (Niterói). Ali costumavam os franceses carregar pau-brasil. Chegaram também a aldeia, onde eu estava, com o seu bote, e trocaram com os selvagens pimenta, macacos e papagaios.⁸⁸ Um dos que estavam no bote saltou em terra. Sabia a língua dos selvagens e se chamava Jacob. Negociou com eles e eu lhe pedi que me levasse para bordo. Mas meu senhor disse que não, pois não me deixaria ir assim, sem lhe darem mercadorias por mim. Pedi-lhes então que me levassem eles mesmos a bordo; meus amigos lá lhes dariam então mercadorias bastante. Replicaram que esses não eram os meus verdadeiros amigos.

“Por que é então que estes chegados no bote não te deram uma camisa, apesar de tu andares nu? É que não fazem caso de ti.” (como de fato era). Mas respondi: “Se eu fosse ao barco grande, eles me vestiriam.” Disseram-me então que o navio não sairia tão

87 Verifica-se por aqui que o nome *Iterwenne* ao Cap. XXXV é simples alteração de *Iteron*, ou *Iterô*, que, como já vimos, quer dizer baía, enseada.

88 Vê-se daí que o tráfico com o gentio se reproduzia a bem poucos, além do pau-brasil, isto é, pimenta, macacos e papagaios. Os europeus traziam-lhes em troca, instrumentos de ferro, pentes, guizos, anzóis, pano ordinário, espelhos.

cedo, primeiro tinham de ir à guerra, e quando voltassem é que haviam de me levar ao navio. O bote queria pois voltar, visto já estar ausente do navio uma noite. Quando então vi que o bote se ia embora outra vez, pensei: “Ó Deus bondoso, se o navio sair agora e não me levar consigo, tenho de parecer entre essa gente, porque não são de confiança.” Com esse pensamento, saí da cabana e me dirigi para a água; quando isso viram, correram atrás de mim. Eu corri na frente, e eles queriam me agarrar. Ao primeiro que se chegou a mim bati até me largar, e toda a aldeia estava atrás de mim; assim mesmo escapei deles e nadei para o bote. Quando já estava a entrar no bote, os franceses não me consentiram e me disseram que se me levassem contra a vontade dos selvagens estes se levantariam também contra eles e se tornariam seus inimigos. Voltei então triste, nadando para a terra, e disse comigo: “Vejo que é da vontade de Deus que continue eu ainda na desgraça. Mas se eu não tivesse procurado escapar, teria pensado depois que era isso por minha culpa.”

Quando tornei à terra, ficaram alegres e disseram: “Não, ele volta.” Fiquei então zangado e lhes disse: “Pensáveis que eu queria fugir? Eu fui ao bote dizer aos meus patrícios que se preparem para, quando voltardes da guerra, e me levardes para lá, vos deem, em troca, muitas mercadorias.” Isso lhes agradou e ficaram outra vez contentes.

CAPÍTULO XLI

*Como os selvagens foram para a guerra e me levaram
e o que aconteceu nessa viagem.*

Quatro dias depois reuniram-se algumas canoas que queriam ir para a guerra, na aldeia onde eu estava. Aí chegou o chefe Konyan Bébe, com os seus. Disse-me então o meu senhor que me queria levar. Pedi-lhe que me deixasse em casa. E ele talvez o tivesse feito; mas Konyan Bébe disse que me levassem. Não deixei transparecer que ia contrariado, para que pensassem que ia de bom grado e que eu não desejava fugir uma vez na terra do inimigo e tivessem assim menos cautela comigo. Era, com efeito, minha intenção, se me tivessem deixado em casa, fugir para o navio francês.

Mas levaram-me. Tinham uma força de 38 canoas e cada canoa tripulada com 18 (homens) mais ou menos,⁸⁹ e alguns deles tinham tirado bons augúrios da guerra, consultando os seus ídolos em sonhos e outras superstições, como é seu costume, de modo que estavam bem-dispostos. Sua intenção era dirigirem-se à vizinhança de Brickioka, onde me capturaram, e, escondendo-se nas matas dos arredores, aprisionar todos que lhes caíssem nas mãos.

Ao partirmos para a guerra, era o ano de 1554, cerca de 14 de agosto. Nesse mês (como já foi referido aqui) uma espécie de peixe,

⁸⁹ Eram, na verdade, enormes as canoas dos tamoios, feitas de um tronco inteiriço. A força da esquadra de guerra, como aqui se vê, era respeitável, subia a 684 homens, senão mais.



chamado em português *doynges* (tainha), em espanhol *liesses*, e na língua dos selvagens *brati* (parati), sai do mar para as águas doces, a desovar. Os selvagens chamam a isso *zeitpirakaen*.⁹⁰ Nesse tempo costumavam todos ir à guerra, tanto seus inimigos como eles próprios, a apanhar peixes na viagem e comerem. Na ida, vão muito devagar; mas na volta, com a maior pressa que podem.

Eu esperava sempre que os aliados dos portugueses também estivessem em viagem, pois que estavam também prontos para invadir a terra dos outros, como antes me tinham dito no barco os portugueses.

Durante a viagem perguntaram-me sempre o meu palpite, se haviam de aprisionar alguém. Para os não zangar, disse que sim; também disse que os inimigos nos haviam de encontrar. Uma noite, quando estávamos num lugar da costa chamado *Uwattibi*, apanhamos muitos dos peixes *brati*, que são do tamanho de um lúcio; ventava muito de noite. Conversavam muito comigo querendo saber de muita coisa. Disse-lhes eu então que esse vento estava passando sobre muitos mortos. Uma porção de selvagens encontravam-se também no mar, tendo entrado num rio chamado Paraíbe.⁹¹ “Sim”, disseram, “estes atacaram os inimigos em terra e muitos deles morreram” (como mais tarde soube que tinha acontecido). Quando chegamos à distância de um dia de viagem do lugar onde queriam executar o seu plano, arrancharam-se na mata, numa ilha que os portugueses chamam de S. Sebastian, mas que os selvagens denominam *Meyenbipe*.⁹²

90 Difícil é aqui restaurar a grafia desse vocábulo. Admitindo-se que seja uma alteração de *çoópiracaen*, o sentido do vocábulo, seria: “peixe seco de sustento ou de mantimento”.

91 É o rio Paraíba do Sul.

92 É *Maembipe*, que significa no estreito, mais de referência ao canal que separa a ilha do continente do que a esta.





À noite, o chefe Konyan Bébe, a chamado, passou pelo acampamento na mata, e disse que eram chegados agora perto da terra dos inimigos, e todos se lembrassem do sonho que acaso tivessem durante a noite, e que procurassem ter sonhos felizes. Acabada a arenga, começaram a dançar em honra de seus ídolos e até alta noite e foram depois dormir. O meu senhor ao deitar-se recomendou-me que procurasse ter um bom sonho. Respondi-lhe que não me importava com sonhos, que são sempre falsos. “Então, insistiu ele, “roga assim mesmo a teu Deus, para que aprisione-mos inimigos.”

Ao raiar do dia reuniram-se os chefes ao redor de uma panela de peixe frito, que comeram, contando os sonhos que mais lhes agradaram. Alguns dançaram em homenagem aos seus ídolos, e quiseram nesse mesmo dia ir à terra dos seus inimigos, a um lugar chamado *Boywassukange* (Boisucanga), esperando aí até que anoitecesse.

Ao deixarmos o lugar onde tínhamos pernoitado, chamado *Meyenbipe*, perguntaram-me de novo o que eu pensava. Disse então, ao acaso, que em *Boywassukange* havíamos de encontrar inimigos, e que tivessem coragem. E era minha intenção fugir deles no mesmo lugar *Boywassukange*, logo que chegássemos, porque de lá até onde me tinham capturado havia somente 6 léguas.

Quando perlongávamos a terra, avistamos, por detrás de uma ilha, umas canoas que se dirigiam a nós. Gritaram então: “Aí vêm os nossos inimigos, os *tuppin ikins*”. Quiseram ainda assim esconder-se com as suas canoas por detrás de um rochedo, para que os outros passassem sem os ver. Mas foi debalde, viram-nos e fugiram para a sua terra. Remamos com toda força atrás deles, talvez umas quatro horas, e os alcançamos. Eram cinco canoas, cheias, todas de *Brickioka*. Conheci-os a todos. Vinham seis mamelucos em uma dessas canoas, e dois eram irmãos. Chamava-se um Diego de Praga (Braga), e o outro, Domingos de Praga (Braga).



Defenderam-se estes valentemente, um com um tubo (espingarda), e o outro com um arco. Resistiram na sua canoa, durante duas horas, a trinta e tantas canoas nossas.

Acabadas as suas flechas, os *tuppin inbá* atacaram e os aprisionaram, e alguns foram logo mortos a tiro. Os dois irmãos não saíram feridos, mas dois dos seis mamelucos ficaram muito maltratados, bem como alguns dos *tuppin ikin*, entre os quais havia uma mulher.

Como, na volta, trataram os prisioneiros.

Foi no mar, a duas boas léguas distantes de terra, que foram capturados. Voltaram o mais depressa possível para terra a pernoitarem outra vez no mesmo lugar, onde já tinham estado. Chegamos a *Meyenbipe* à tarde, quando o sol estava entrando. Levaram então os prisioneiros, cada um, para sua cabana; mas a muitos feridos desembarcaram e os mataram logo, cortaram-nos em pedaços e assaram a carne. Entre os que foram assados de noite, havia dois mamelucos que eram cristãos. Um era português, filho de um capitão e se chamava George Ferrero (Jorge Ferreira), cuja mãe era índia.

O outro chamava-se Hieronymus; este ficou prisioneiro de um selvagem morador na mesma cabana em que eu estava e cujo nome era *Parwaa*.⁹³ Assou a Hieronymus de noite, mais ou menos a distância de um passo do lugar onde eu estava deitado. Esse Hieronymus (Deus tenha a sua alma!) era parente consanguíneo de Diogo Praga (Diogo Braga).

Nessa mesma noite, quando já acampados, fui à cabana em que guardavam os dois irmãos, para conversar com eles, pois tinham sido bons amigos meus em Brickioka, onde fui preso. Então perguntaram-me se teriam de ser devorados; respondi que isso entregassem à vontade do Pai Celeste e de seu amado filho Jesus Cristo, o

⁹³ *Parwaa* é certamente *Parauá*, que significa papagaio.



crucificado por nossos pecados, em cujo nome éramos batizados até a nossa morte. “Nele”, disse eu, “tenham fé, pois Ele é que me tem conservado tanto tempo entre os selvagens e o que Deus todo-poderoso fizer conosco, com isso devemos nos conformar.”

Perguntaram-me então os dois irmãos como ia o primo deles, Hieronymus; disse-lhes que fora ele assado ao fogo e que tinha visto já comerem um pedaço do filho de Ferrero. Choraram então. Consolei-os e disse que, decerto, sabiam que eu aqui estava havia cerca de 8 meses e que Deus me tinha conservado. “Fará ele o mesmo convosco também; confiem nele”, disse eu. “Sinto isso mais do que vós, porque sou de uma terra estranha e não estou acostumado aos horrores desta gente; mas vós nascestes aqui e aqui fostes criados.” Responderam que eu tinha coração endurecido por causa da minha própria desgraça e por isso os não estranhava mais.

Estando assim a falar-lhes, chamaram-me os selvagens para minha cabana e me perguntaram que conversa comprida tinha eu tido com eles.

Senti muito ter de os deixar e lhes disse que se entregassem à vontade de Deus, e fossem vendo que misérias havia neste vale de lágrimas. Responderam-me que nunca tinham experimentado isso tanto como agora, e que se sentiam mais animados por eu estar em companhia deles. Saí então da sua cabana e atravessei todo o acampamento, a ver os prisioneiros. Andei assim sozinho e ninguém me guardava, de modo que, dessa vez, podia bem ter fugido, pois que estávamos numa ilha, *Meyenbipe* chamada, cerca de 10 léguas de caminho de Brickioka, mas deixei de o fazer por causa dos cristãos presos, dos quais ainda havia quatro vivos. Assim, refleti eu: “Se eu fugir, ficam zangados e os matam logo; talvez até Deus nos preserve a todos.” Ademais, os selvagens estavam muito contentes comigo, porque eu antes lhes anunciara,



por acaso, que os inimigos viriam ao nosso encontro. E porque eu tinha adivinhado isso, disseram que eu era melhor profeta do que o *maraka*⁹⁴ deles.

⁹⁴ Daqui se depreende que os ídolos dos *tupinambás* de Cunhambebe, a que por mais de uma vez Staden se refere, eram os *maracás*, chocalhos feitos de uns cabaços contendo seixos ou sementes e que o gentio costumava a ornar com as penas multicores de maior preço. Esses maracás, tinham-nos eles em cabana à parte, à guisa de santuário.

*Como dançavam com os seus inimigos, quando pernoitamos,
no dia seguinte.*

No dia seguinte, estávamos não longe da sua terra, ao pé de uma grande montanha, denominada *Occarasu*.⁹⁵ Aí acamparam para passar a noite. Fui então à cabana do chefe principal (Konyan Bébe chamado) e lhe perguntei o que tencionava fazer dos mamelucos. Disse-me que seriam devorados e me proibiu de lhes falar, pois que estava muito zangado com eles; deviam ter ficado em casa e não ir com seus inimigos em guerra contra ele. Pedi-lhe que os deixasse viver e os vendesse aos seus amigos, outra vez. Tornou a dizer-me que seriam devorados.

E esse mesmo Koniam Bébe tinha uma grande cesta cheia de carne humana diante de si e estava a comer uma perna, que ele fez chegar perto de minha boca, perguntando se eu também queria comer. Respondi que somente um animal irracional devora a outro, como podia então um homem devorar a outro homem? Cravou então os dentes na carne e disse: “*Jau ware sche*,⁹⁶” que quer dizer: “Sou uma onça, está gostoso.” Com isso, retirei-me de sua presença.

⁹⁵ Ainda hoje é essa montanha chamada *Ocaruçu* – formando assinalado promotório, à parte de sudoeste da grande baía de Paraty. O nome tupi *Ocaruçu* quer dizer, terreiro ou praça grande e a aldeia de Cunhambebe ficava-lhe para o interior, no recôncavo dessa baía.

⁹⁶ A frase tupi é enfática e está mal-escrita. O narrador quis dizer – *Yauara inchê!*, que se traduz *sou onça!*

Essa mesma noite, ordenou ele que cada um levasse os seus prisioneiros para adiante do mato, ao pé da água, num lugar limpo. Isso feito, reuniram-se, formando um grande círculo e dentro ficaram os prisioneiros. Obrigaram a todos estes a cantarem e chocalharem os ídolos *tammaraka*. Mal os prisioneiros acabaram o canto, começaram, um após o outro, a falar com arrogância: “Sim, saímos como costuma sair gente brava, para aprender a comer os nossos inimigos. Agora vós vencestes e nos aprisionastes, mas não fazemos caso disso! Os valentes morrem na terra dos inimigos; a nossa é ainda grande; os nossos nos hão de vingar em vós.” “Sim”, responderam os outros, “vós já acabastes a muitos dos nossos, por isso queremos nos vingar de vós.”

Acabada essa disputa, levou cada um seu prisioneiro, outra vez, para o alojamento.

Três dias depois, partimos novamente para a terra deles; cada qual levou o seu prisioneiro para sua casa. Os que eram de Uwattibi, onde eu estava, tinham capturado oito selvagens vivos e três mamelucos que eram cristãos, a saber: Diogo e seu irmão e mais um cristão chamado Antônio; este tinha sido aprisionado pelo filho do meu senhor. Dois mamelucos mais que eram cristãos, levaram-nos assados para a casa, para lá os devorar. Tínhamos levado onze dias na viagem, ida e volta.

Como o navio francês ainda lá estava, para o qual me tinham prometido levar quando voltassem da guerra, etc., como ficou referido.

Chegamos outra vez à casa, pedi-lhes que me levassem para o navio francês, pois já tinha estado na guerra com eles e os tinha ajudado a capturar os seus inimigos, aos quais já deviam ter ouvido que eu não era nenhum português.

Disseram-me que sim, que iam levar-me; mas queriam primeiro descansar e comer o *mokaen* (moquéim) isto é, carne assada dos dois cristãos.

CAPÍTULO XLV

*Como foi que comeram assado o primeiro dos dois cristãos, a saber:
Jorge Ferrero, o filho do capitão português.*

Havia um principal numa das cabanas, em frente da em que eu estava. Chamava-se ele *Tatamiri*,⁹⁷ e foi quem forneceu o assado e mandou fazer as bebidas, como era o costume deles. Reuniram-se então muitos para beber, cantar e folgar. No dia seguinte, e depois de muito beberem, aqueceram outra vez a carne assada e a comeram. Mas a carne de Hieronymus estava ainda dentro de uma cesta, pendurada no fumeiro, na cabana onde eu estava, havia mais de três semanas; estava tão seca como um pau por ter estado tanto tempo no fumeiro sem que a comessem. O selvagem que a possuía chamava-se *Parwaa*. Tinha ido algures buscar raízes para fazer bebida que havia de servir por ocasião de se comer a carne de Hieronymus. Assim se passava o tempo e não queriam levar-me para o navio antes de passada a festa de Hieronymus e de acabarem de comer-lhe a carne. Enquanto isso, foi-se embora outra vez o navio francês, sem que eu soubesse, pois havia mais ou menos oito milhas de distância do local onde eu estava.

Ao ter essa notícia fiquei muito triste; mas os selvagens me diziam que era costume geralmente voltar o navio todos os anos,⁹⁸ com o que tive de me contentar.

⁹⁷ *Tatamiri*, ou *Tatá-mirim*, quer dizer *foguinho* ou *lumezinho*.

⁹⁸ Por onde se vê que o comércio dos franceses com o gentio da costa do Brasil era então regular e frequente, e que, naqueles primeiros anos da conquista, a influência francesa entre os selvagens era incontestável.

Como Deus Todo-Poderoso me deu uma prova.

Tinha eu feito uma cruz de um pau oco e a tinha levantado em frente da cabana, onde morava. Muitas vezes aí fiz a minha oração ao Senhor e tinha recomendado aos selvagens de a não arrancar, porque havia de acontecer alguma desgraça; desprezaram, porém, as minhas palavras. Certa vez, em que eu estava com eles a pescar, uma mulher arrancou a cruz e a deu a seu marido, para na madeira que era roliça polir uma espécie de colar que fazem de conchas marinhas. Isso me contrariou. Logo depois começou a chover muito e a chuva durou alguns dias. Vieram então à minha cabana e me pediram que implorasse a meu Deus para que cessasse a chuva, pois que, se não cessasse, impediria a plantação, visto ser já tempo de plantarem. Disse-lhes que a culpa era deles, pois tinham ofendido a meu Deus, arrancando o madeiro; e era ao pé deste que eu costumava falar com ele. Como acreditassem ser essa a causa da chuva, ajudou-me o filho do meu senhor a levantar, de novo, a cruz. Era mais ou menos uma hora da tarde, calculada pelo sol. Tanto que a cruz se ergueu, ficou imediatamente bom o tempo, que tinha estado muito tempestuoso até ali. Admiraram-se todos, acreditando que o meu Deus fazia tudo o que eu queria.

CAPÍTULO XLVII

Como uma noite fui pescar com dois selvagens e Deus fez um milagre por causa de uma chuva e tempestade.

E stava eu com um dos mais nobres dentre eles, chamado Parwaa, o mesmo que tinha assado a Hieronymus. Ele, eu e mais outro pescávamos. Ao escurecer levantou-se uma chuva com trovoadas, não longe de nós, e o vento tangia a chuva para o nosso lado. Pediram-me então os dois selvagens que eu rogasse a meu Deus que impedisse a chuva, porque assim talvez apanhássemos mais peixe. Eu sabia que nas cabanas nada mais tínhamos para comer. As suas palavras me comoveram, e pedi a Deus, do fundo do meu coração, que quisesse mostrar o seu poder, não só por terem os selvagens pedido como para que vissem que tu, oh! meu Deus, estavas sempre comigo. Tanto que acabei de orar, soprou o vento com violência, trazendo a chuva, até mais ou menos uns seis passos de nós, e nem demos por isso. Disse então o selvagem Parwaa: “Agora estou certo de que falaste com o teu Deus.” E apanhamos alguns peixes.

Quando tornamos às cabanas, contaram os dois selvagens aos outros que eu havia falado com o meu Deus e que coisas tinham acontecido. Foi admiração para todos.

*Como foi que comeram assado o outro cristão,
chamado Hieronymus.*

Logo que o selvagem Parwaa teve tudo pronto, como já disse, mandou fazer as bebidas para quando comessem a Hieronymus. Acabado isso, foram buscar os dois irmãos e mais um, que o filho do meu senhor tinha capturado, chamado Antonius. Quando nós quatro cristãos nos ajuntamos, obrigaram-nos a beber com eles; antes porém de bebermos, fizemos a nossa oração a Deus para que salvasse as nossas almas e a nós também quando chegasse a nossa hora. Os índios conversavam conosco e se mostravam alegres; nós, porém, só víamos desgraças! No dia seguinte de manhã, aqueceram de novo a carne, comeram e acabaram logo com ela. Nesse mesmo dia, levaram-me para fazer presente de mim. Ao separar-me dos dois irmãos, pediram-me eles que orasse a Deus por eles; e eu lhes ensinei o meio de fugirem, o lugar para onde deviam dirigir-se na serra sem serem perseguidos, pois que eu já tinha explorado a serra. Isso fizeram, ficaram livres e escaparam, como soube depois; mas ignoro se foram apanhados outra vez.

CAPÍTULO XLIX

Como foi que me levaram para fazer presente de mim.

Levaram-me para o lugar onde me queriam dar de presente, a caminho, num ponto chamado *Tackawara sutibi*,⁹⁹ quando já estávamos a certa distância, voltei-me para as cabanas de onde tínhamos saído e vi que havia uma nuvem negra sobre elas. Apontei para a nuvem e disse que o meu Deus estava irritado com a aldeia porque tinham comido carne de gente. E, uma vez chegados, entregaram-me a um principal de nome *Abbati Bossange*.¹⁰⁰ A este disseram que não me fizesse mal, nem o deixasse fazer, porque o meu Deus era terrível quando me maltratavam. E eles o tinham experimentado quando ainda estava eu entre eles; por minha vez, também o exortei e lhe disse que não demoraria, haviam de vir meu irmão e meus parentes com um navio carregado de mercadorias e, se me tratassem bem, eu havia de lhes dar muitos presentes, pois eu sabia que Deus faria chegar sem demora o navio do meu irmão. O principal chamou-me “seu filho” e fui à caça com os dele.

⁹⁹ *Tackawara sutibi* é aqui o mesmo que *Taquarucutyba*, e significa sítio dos taquaruçus.

¹⁰⁰ *Abbati Bossange* é alteração do tupi *Abati-possanga*, e quer dizer *caldo de milho*, ou *remédio feito de milho*.

*Como os selvagens daquele lugar contaram que o navio francês
tinha-se feito a vela de novo.*

Contaram-me como o navio anterior, *Maria Bellete*, chamado de *Depen (Dieppe)*, com o qual eu tanto queria partir, ali recebera carga completa, a saber: o pau-brasil, pimenta, algodão, penas, macacos, papagaios e muitas outras coisas, que não tinham encontrado em outra parte. No porto do Rio de Janeiro¹⁰¹ tinham aprisionado um navio português e dado um português a um principal dos selvagens, chamado *Itawu*, que o tinha devorado. Também aquele francês que, quando caí prisioneiro, tinha recomendado que me comessem estava a bordo do navio e queria voltar para sua terra. O navio dos franceses, como já contei, daqueles mesmos que não me quiseram recolher quando fugi para o bote deles, tinha naufragado na volta,¹⁰² e quando voltei para a França em outro navio ninguém sabia ainda onde ele parava, como direi mais tarde.

101 A baía do Rio de Janeiro, a esse tempo, estava virtualmente em poder dos franceses. No ano seguinte (1555) ao desta narração, Villegagnon fortificava-se num ilhéu dentro dessa formosa baía.

102 Frequentes eram então os naufrágios em águas do Brasil; esse agora de que nos fala o narrador era já o sexto ocorridos para o sul de Cabo Frio, e mencionados pelo resignado prisioneiro dos tamoios.

CAPÍTULO LI

Como, logo depois de terem feito presente de mim, um outro navio chegou de França, chamado Catarina de Vattauilla, o qual, por providência de Deus, me comprou, e como isso aconteceu.

Depois de mais ou menos quatorze dias de permanência no lugar *Tackwara sutibi* (Taquaruçutiba), em casa de Abbati Bossange, aconteceu virem a mim uns selvagens e me dizerem que tinham ouvido tiros, para os lados de Iteronne, cujo porto também chamam Rio de Jannero. Como julguei que, de fato, um navio lá estava, pedi-lhes que me levassem para lá, porque era, decerto, o meu irmão. Disseram-me que sim, porém me detiveram ainda por alguns dias.

Foi o tempo que os franceses, recém-chegados, souberam que eu estava entre os selvagens. O capitão mandou dois homens de bordo, em companhia de seis dos selvagens, seus amigos no lugar, os quais chegaram à cabana do principal chamado *Sewarasu*,¹⁰³ perto daquelas onde eu estava. Os selvagens me viram dizer que duas pessoas desembarcadas do navio ali estavam. Fiquei contente e fui ter com elas e lhes dei as boas-vindas, na língua dos selvagens. Vendo-me em tão mísero estado, tiveram pena de mim e repartiram suas roupas comigo. Perguntei-lhes a que tinham vindo. Responderam que por minha causa; tinham recebido ordem de me levar para bordo e estavam dispostos a usar de todos os meios para isso. Então meu coração se alegrou reconhecendo a

103 *Sowarasu* ou, antes, *çoóguara-açu*, o “grande comedor de caça” ou o “comilão”.

clemência de Deus. E eu disse a um dos dois que se chamava Perot e sabia a língua dos selvagens que ele devia declarar que era meu irmão e tinha trazido para mim uns caixões, cheios de mercadorias, e que eles me levassem a bordo para buscar os caixões; e acrescentasse que eu desejava ficar ainda com eles para colher pimentas e outras coisas mais, até que o navio voltasse no ano seguinte. Depois dessa conversa, levaram-me para o navio, e meu senhor também foi comigo. A bordo todos tiveram pena de mim e me trataram muito bem. Depois de estarmos uns cinco dias a bordo, perguntou-me o principal dos selvagens, Abbati Bossange, a quem eu tinha sido dado, onde estavam os caixões para me darem e podermos logo voltar para terra. Contei isso mesmo ao comandante do navio. Este me ordenou que eu fosse entretanto até que o navio estivesse com toda a carga, para que se não zangassem ou fizessem algum mal ao verificarem que me retinha no navio, ou não tramassem qualquer traição; tanto mais quanto tal gente não é de confiança. Meu senhor, porém, insistiu em levar-me consigo para a terra. Eu, porém, o entretive com a minha prosa e lhe disse que não tivesse tanta pressa; que ele bem sabia que, quando bons amigos se reúnem, não podem separar-se tão cedo; mas, logo que o navio tivesse de partir, havíamos de voltar para a sua casa; e assim o detive. Finalmente, quando o navio esteve prestes a partir, reuniram-se os franceses todos do navio; eu estava com eles e o meu senhor, o principal, com os que tinha levado, também lá estava. O capitão do barco mandou então o seu intérprete dizer aos selvagens que ele estava satisfeito de me não terem morto, depois de me ter tirado do poder de seus inimigos. Mandou dizer mais (para com mais facilidade me livrar deles) que tinha mandado chamar-me a bordo, porque queria lhes dar alguns presentes por me terem tratado bem. Igualmente era da sua intenção persuadir-me de que eu devia ficar entre eles por estar já familiarizado, e para colher pimenta e outras mercadorias, para quando o navio

voltasse. Tínhamos então combinado que uns dez homens da tripulação, que de algum modo se pareciam comigo, se reunissem e declarassem que eram meus irmãos e que desejavam levar-me consigo. Comunicou-se-lhes isso e mais que os mesmos meus irmãos não queriam que eu tornasse com os selvagens para a terra; e sim que voltasse para o nosso país, pois que o nosso pai desejava ver-me ainda uma vez antes de morrer.

O capitão mandou dizer que era ele ali o superior no navio e desejava muito que eu fosse com os selvagens de novo para terra; mas que ele estava só e os meus irmãos eram muitos, pelo que nada podia contra eles. Esses pretextos todos foram dados para que não houvesse desarmonia com os selvagens. E disse eu também ao meu senhor, o principal, que desejava muito voltar com ele; porém podia ele bem ver que os meus irmãos não me deixavam. Começou então o principal a dizer em voz alta a bordo que eu voltasse no primeiro navio, que ele me considerava como seu filho e estava muito irritado com a gente de Uwattibi, que me queria devorar.

E uma das mulheres do principal que tinha vindo a bordo foi por ele excitada a me gritar nos ouvidos como é costume deles, e eu gritei também, segundo o mesmo costume. Após isso, o capitão deu a todos algumas mercadorias, que podiam valer uns cinco ducados, em facas, machados, espelhos e pentes. Com isso partiram para as suas casas, em terra.

Assim me livrou o Senhor Todo-Poderoso, o Deus de Abraão, Isaac e Jacó, do poder dos bárbaros. A Ele sejam dados louvor, honra e glória, por intermédio de Jesus Cristo, seu amado filho, nosso Salvador. Amém.

*Como se chamavam os comandantes do navio; de onde era o navio;
o que ainda aconteceu antes de partirmos do porto,
e que tempo levamos em viagem para França.*

O capitão do navio chamava-se Wilhelm de Moner e o piloto, Françoy de Schantz. O navio tinha o nome de *Catarina de Wattauilla*, etc. Apresentaram-no para voltar a França, e, um dia de manhã, enquanto ainda estávamos no porto (Rio de Janeiro chamado), aconteceu chegar um pequeno barco português, pretendendo deixar o porto depois de ter traficado com uma casta de selvagens, de sua amizade, chamados Los Markayas (os Maracaiás), cujo país limita diretamente com o dos *tuppin ikins* (tupinambás), amigos dos franceses.¹⁰⁴ As duas nações são grandes inimigas.

Era pequeno o navio (como já contei); tinha vindo para me comprar aos selvagens e pertencia a um *factor* (feitor), chamado Peter Roesel.

Os franceses meteram-me no seu bote com algumas armas de fogo e partiram para aprisioná-lo. Tinham-me levado consigo, para que eu lhes falasse de se render. Mas, ao atacarmos o barquinho, fomos repelidos, e alguns franceses saíram atirados e outros feridos. Eu também fui gravemente ferido de um tiro e muito mais que qualquer dos outros feridos, sobreviventes. Invoquei então nessa angústia o Senhor, porque já sentia a agonia da morte.; e

¹⁰⁴ Os *markaias*, ou melhor, os *maracayás*, ao fundo de baía do Rio de Janeiro, eram vizinhos e inimigos dos *tupinambás* (*tuppin inbás*) e não *tupiniquins* (*tuppin ikins*), como está na narração.

pedi ao bondoso Pai que, uma vez que me livrara do poder dos bárbaros, me conservasse a vida para que ainda pudesse chegar à terra cristã e contar a outros os benefícios que ele me tinha dispensado. E fiquei outra vez completamente bom, louvado seja Deus por toda a eternidade.

No ano *domini* de 1554, último dia de outubro, partimos à vela do porto Rio de Jannero, e fomos de volta para a França. Tivemos no mar sempre bom vento, de que os marinheiros estavam admirados e acreditavam que fosse uma graça de Deus um tal tempo (como na verdade o foi).

Na véspera do Natal, depararam-se muitos peixes em torno do navio, dos que se chamam *meerschweins*. Apanhamos tantos que nos deram para alguns dias. O mesmo aconteceu de tarde no dia de Reis. Deus nos mandou grande fartura de peixes, pois que não tínhamos que comer senão o que Deus nos dava do mar. Mais ou menos a 20 de fevereiro do ano LV (1555), chegamos a França, à cidade chamada *Honflor* (Honfleur), na Normandia. Durante toda a viagem de volta, não vimos terra alguma, durante cerca de quatro meses. Quando foi da descarga do navio, tomei parte. Acabado isso, agradeci a todos os benefícios recebidos e pedi então um passaporte ao capitão. Ele, porém, preferia que eu fizesse mais uma viagem em sua companhia; vendo, porém, que eu não desejava ficar, arranjou-me um passaporte do Moensoral Miranth (Monsieur l'amiral), governador da Normandia. E o capitão deu-me dinheiro para a viagem. Despedi-me e parti de Honfleur para Habelnoeff (Havre Neuf) e de Habelnoeff para Depen.

Como em Depen eu fui levado para a casa do capitão do navio Bellete (Bel'Eté), que tinha deixado o Brasil antes de nós e ainda não tinha voltado.

Fora daqui que havia partido o primeiro navio, *Maria Bellete*, de que era intérprete aquele indivíduo (que tinha recomendado aos selvagens que me devorassem), navio em que ele pretendia voltar para a França. No mesmo é que também estavam aqueles que não me quiseram recolher no bote, quando fugi dos selvagens; também o seu capitão era aquele que, segundo me contaram os selvagens, lhes tinha entregue, para eles devorarem, um português, aprisionado num navio como antes narrei.

Essa gente do *Bellete* não tinha ainda chegado com o seu barco quando ali aportei, apesar de que, segundo o cálculo do navio *Wattauilla*, chegado (*ao Brasil*) depois daquele, e que foi quem me comprou, já devia ter cá chegado três meses antes de nós. As mulheres e os amigos dessa gente vieram me procurar e me perguntaram se eu nada sabia deles.

Respondi: “Sim, sei: há uma parte má dessa gente no navio, esteja lá onde estiver.” E contei então como um deles, que estive na terra dos selvagens e se achava a bordo, tinha aconselhado aos selvagens que me devorassem, mas que Deus, todo-poderoso, tinha-me preservado; e contei como tinham vindo no bote até as cabanas, onde eu estava, a fazerem permutas com os selvagens e nadado até o seu bote; mas que não quiseram receber-me e como fui obrigado a voltar de novo a terra para o poder dos selvagens, que me tinham maltratado tanto. Tinham também entregue

um português aos selvagens para o devorarem, disse-lhes eu, do mesmo modo que não tinham tido compaixão de mim. Por tudo isso via agora como Deus tinha sido tão bom para comigo, pois, louvado seja Ele, tinha eu chegado primeiro para vos dar notícias. Hão de chegar decerto quando for possível; mas quero profetizar que Deus não deixará sem castigo, por mais ou menos tempo, tamanha inclemência e dureza como tinham mostrado para comigo. Deus lhes perdoe; pois estava claro que Deus, no céu, tinha ouvido os meus lamentos e se tinha compadecido de mim. E lhes contei mais como, para os que me tinham resgatado do poder dos selvagens, tudo tinha corrido bem durante toda a viagem, como de fato se deu. Deus nos concedera bom tempo, bom vento e nos dera peixes no fundo do mar.

Ficaram tristes e me perguntaram se eu julgava que eles ainda existiam; para os não desconsolar, disse-lhes então que ainda podiam voltar, apesar de que todos e eu também não podíamos presumir senão que tivessem perecido.

Depois de toda essa conversa, despedi-me e disse que, se voltassem, contassem a eles que Deus me tinha ajudado e que eu tinha estado aqui.

De Depen parti em um barco para Lunden (Londres), em Engellandt (Inglaterra), onde fiquei alguns dias. Dali parti para Seelandt e de Seelandt para Andorff (Antuérpia). Assim é que Deus todo-poderoso, para o qual tudo é possível, ajudou-me a voltar para a pátria. Louvado seja Ele eternamente. Amém.

Minha oração a Deus, o Senhor, enquanto eu estive no poder dos selvagens, para ser devorado.

Oh, tu, Deus Todo-Poderoso, que fizeste o céu e a terra; tu, Deus dos nossos antepassados, Abraão, Isaac e Jacó; tu que tão poderosamente conduziste o teu povo de Israel da mão de seus inimigos

através do Mar Vermelho. A ti, que eterno poder tens, peço que me livres das mãos destes bárbaros, que não te conhecem, em nome de Jesus Cristo teu amado filho, que livrou os pecadores da prisão eterna. Porém, Senhor, se é tua vontade que eu sofra, que hei de sofrer morte tão cruel das mãos destes povos que não te conhecem e que dizem, quando lhes falo de ti, que tu não tens poder de me tirar de suas mãos, então fortalece-me no último momento, quando realizarem os seus desígnios sobre mim, para que eu não duvide da tua clemência. Se tenho de sofrer tanto nesta desgraça, dá-me ao depois repouso e me preserva do mal que horrorizou a todos os nossos antepassados. Mas, Senhor, tu podes bem livrar-me do seu poder; livra-me, eu sei que tu me podes auxiliar, e, quando tu me tiveres livrado, não o quero atribuir a felicidade senão unicamente à mão poderosa que me auxiliou, porque agora nenhum poder de homem pode me valer. E quando me tiveres livrado de seu poder, quero louvar a tua Graça e dá-la a conhecer a todas as nações onde eu chegar. Amém.

*Não posso crer que alguém possa orar de coração
Sem que esteja em grande perigo ou perseguição,
Porque enquanto o corpo vive conforme quer,
Está sempre contra o seu Criador.
Por isso, Deus, quando manda alguma desgraça,
É prova que ele nos quer ainda bem,
E ninguém deve ter disso dúvida,
Porque isso é uma dádiva de Deus.
Nenhuma consolação, nem arma, existe melhor
Que a simples fé em Deus.
Por isso, cada homem de devoção
Nada melhor pode ensinar a seus filhos
Do que a compreensão da palavra Deus,
Na qual sempre podem ter confiança.*

*Para que tu, leitor, não julgues
Que eu tive todos este trabalho para ter fama e honra,
Digo que é para o louvor e honra de Deus,
Que conhece todos os pensamentos do homem.
A Ele, caro leitor, te recomendo,
E peço que Ele continue a me ajudar.
Amém.*

Verdadeira e curta narração do comércio e costumes dos *tupin inbas*, cujo prisioneiro eu fui. Moram na América. O seu país está situado no 24º gradus, no lado do sul da linha equinocial. A sua terra confina com um distrito, chamado Rio de Janeiro.



*Como se faz a navegação de Portugal para o Rio de Janeiro,
situado na América, mais ou menos no
24º gradus do Tropici Capricorni.*

Lissebona é uma cidade de Portugal, situada a 39 graus ao norte da linha equinocial. Quando se parte de Lissebona para a província do Rio de Janeiro, situada no país do *Brasil* (Brasil), que também se chama América, vai-se primeiro a umas ilhas chamadas *Cannarix* (Canárias), que pertencem ao Rei de Espanha. Seis delas mencionarei aqui: A primeira, Gran Canária; a segunda, Lanserutta; a terceira, Forte Ventura; a quarta, II Ferro; a quinta, La Palma; a sexta, Tineriffe. Daí se vai às ilhas que se chamam *Los insules de Cape virde*. O que quer dizer: as ilhas do Cabo Verde,¹⁰⁵ cujo Cabo Verde se acha na terra dos mouros pretos, que se chama também Gene.¹⁰⁶ As supramencionadas ilhas estão debaixo do Trópico de Cancrí¹⁰⁷ e pertencem ao Rei de Portugal. Das ilhas navega-se su-sudoeste para o país do Brasil em um grande e vasto mar, muitas vezes três meses e mais antes de se chegar ao país. Primeiro navega-se passando o Tropicum Cancrí que fica para trás. Depois passa-se a *lineam equinoxialem*. Quando então, nesse navegar, se observa o Norte, não se enxerga mais a estrela polar (chamada também *Polum Articum*). Depois chega-se à altura do Tropici Capricorni; navega-se por baixo do sol, e quando se tem

105 As ilhas de Cabo Verde, do nome do cabo que se acha na costa africana, habitada por mouros negros.

106 O narrador aqui se refere à Guiné.

107 O Trópico de Câncer.

chegado à altura do Tropicis Capricorni, na hora do meio-dia, vê-se o sol para o lado do Norte, e faz sempre muito calor entre os dois Tropicis. O referido país Brasil está, em parte, dentro dos dois Tropicis.

*Como está situado o país América, ou Brasil,
conforme em parte tenho visto.*

América é uma grande terra com muitas nações selvagens, e muita diferença nas suas línguas.¹⁰⁸ Há nela muitos animais estranhos, e é bela de ver-se. As árvores estão sempre verdes, e nenhuma madeira desta terra se assemelha às outras. A gente anda nua, e em nenhuma parte da terra, que está entre os Tropicis, em tempo algum do ano faz tanto frio como aqui em Michalis; mas a parte desta terra, que está ao sul do Tropicus Capricorni, é um pouco mais fria. Ali habita a nação de selvagens que se chama *cariós* (carijós), que usam peles de animais ferozes, as quais eles preparam bem para com elas se cobrirem. As mulheres desses mesmos selvagens fazem, de fios de algodão, uma espécie de saco, aberto em cima e em baixo, que elas vestem e que, na língua deles, se chama *typpoy*.¹⁰⁹ Há neste país frutas da terra e das árvores, de que a gente e os animais se nutrem. A gente tem a pele de cor vermelho-parda, por causa do sol que a requeima. É povo bem parecido, muito ladino no praticar o mal e propenso a perseguir e devorar os seus inimigos.

¹⁰⁸ Inúmeras eram as primitivas nações selvagens do Brasil e as suas línguas muito diferentes umas das outras. A mais espalhada era a língua tupi, falada no litoral.

¹⁰⁹ Espécie de camisa sem mangas e sem talhe, verdadeiro saco com os furos precisos para passar a cabeça e os braços. Chamavam-se *tipoy* no tupi, depois lusitanizado em *tipoi*.

A sua terra América¹¹⁰ tem muitas centenas de milhas para o norte e para o sul no comprimento, das quais naveguei talvez umas quinhentas, tendo tocado em muitos lugares do país.

110 Até a época do cativo de Hans Staden entre os tupinambás, o nome América só era usado para designar a parte do continente que é hoje o Brasil.

Sobre uma grande serra que há no país.

Há uma grande, serra que se estende a 3 milhas do mar, em alguns lugares mais longe, em outros talvez mais perto, e que chega mais ou menos até a altura de Boiga de Todosol Sanctus,¹¹¹ um lugar assim chamado, onde os portugueses edificaram e moram. Essa serra estende-se ao longo do mar exatamente 204 milhas, até a altura do 29º gradus do lado do sul da linha equinocial, onde termina. Em alguns lugares, tem ela oito milhas de largura. Por detrás da serra há um planalto. Descem bonitos rios e há nela muita caça. Na serra há uma casta de selvagens que se chama *Wayganna*.¹¹² Estes não têm habitação fixa como os outros, que moram diante e por detrás da serra. Os mesmos *Wayganna* estão em guerra com todas as outras nações e quando apanham algum inimigo o devoram; os outros também fazem o mesmo com eles. Vão à procura da caça na serra; são peritos no atirar com o arco e hábeis em outras coisas, como em fazer laços e armadilhas com que apanham caça.

111 É a Baía de Todos os Santos, onde já os portugueses, em 1549, tinham edificado a cidade do Salvador para cabeça da sua colônia no Novo Mundo.

112 *Wayganna* – quer o narrador dizer *Guayanã*, nome de uma nação selvagem que habita as matas da serra, entremetida entre tamoios ou tupinambás, tupiniquins e carijós. Anchieta assinala – *Guayanãs* do mato e *Guayanãs* do campo; mas não os tem na conta da ferocidade em que os descreve aqui o narrador. O jesuíta e o autor do *Roteiro do Brasil* divergem de Hans Staden no descreverem a índole e o caráter desses índios.

Há também muito mel silvestre, na serra, servindo de alimento. Sabem também imitar a voz dos animais e o canto dos pássaros, para melhor apanhá-los e matá-los. Fazem fogo com dois paus, como os outros selvagens também o fazem. Geralmente assam as carnes que comem. Viajam com as mulheres e filhos. Quando se acampam junto a terra de seus inimigos, fazem cercas de arbustos ao redor das suas cabanas, para que os não possam surpreender e também por causa do tigrés, e põem espinhos (*Maraga eibe Ju* chamados) ao redor das cabanas, do mesmo modo como aqui se fazem armadilhas. Praticam isso de medo de seus inimigos. Toda a noite, conservam o fogo aceso. Quando raia o dia apagam-no, para que se não veja a fumaça que os denuncia. Deixam crescer o cabelo na cabeça, e também conservam unhas compridas. Usam também um chocalho, chamado *maraka*, como os outros selvagens e têm-no em conta de um deus. Gostam igualmente de beber e dançar. Também se servem de dentes de animais para cortar, e de machados de pedra, como as outras nações selvagens também usaram antes de estar em contato com os navios estrangeiros.

Partem também muitas vezes em busca de seus inimigos. Quando querem aprisioná-los, escondem-se por detrás das tranqueiras que ficam em frente das cabanas destes. Fazem isso para colher alguém que acaso saia das cabanas a buscar lenha.

São também mais cruéis com seus inimigos do que os inimigos com eles. Por exemplo: cortam-lhes os braços e as pernas, enquanto ainda vivem, pela grande gula que os distingue. Os outros, porém, matam primeiro antes de os despedaçar para os comer.

Como os selvagens tuppín inbá, dos quais fui prisioneiro, têm suas moradas.

Têm eles as suas habitações em frente da serra grande, já mencionada, junto do mar. Também por detrás da mesma serra estende-se o seu domínio cerca de 60 milhas. Um grande rio desce da serra e corre para o mar; em um lugar desse rio moram eles e chamam *Paracibe*.¹¹³ A extensão do terreno que eles aí ocupam pode ser de 28 milhas, e estão aí rodeados de inimigos. Do lado do norte confinam com uma casta de selvagens, que se chamam *Weittaka*,¹¹⁴ e são seus inimigos; do lado do sul chamam-se seus inimigos *tuppín ikin*, e do lado da terra a dentro os seus inimigos são chamados *Karaya*.¹¹⁵ Depois vêm os Wayganna, que moram na serra perto deles, e mais uma nação que se chama *Markaya* (Maracaiá), que habita entre estes, e são seus grandes perseguidores. Os outros já mencionados guerreiam-se entre si e tanto que um deles apanha algum dos outros e devora.

Gostam muito de colocar as suas cabanas onde a água e a lenha não fiquem longe. O mesmo quanto à caça e ao peixe, e quando

113 Esse grande rio *Paracibe* é muito provavelmente o nosso Paraíba, cujas cabeceiras confrontam com o trecho do litoral ocupado pelos tupinambás (*tuppín inbá*), de que nos fala o narrador.

114 Refere-se aqui o narrador ao gentio *Guaytacá* que dominava o baixo Paraíba. O nome tupi é contração de *goatacara*, que quer dizer o anejo, o nômade, errante.

115 *Karaya* é, decerto, *Carayá*, gentio do sertão e da raça não tupi de que hoje só temos notícias no vale do Araguaia.

têm devastado um lugar mudam as moradas para outra parte. Para construir as suas habitações, um dos chefes entre eles reúne para isso uns 40 homens e mulheres, quantos pode encontrar, geralmente seus amigos e parentes.

Levantam estes a cabana, que tem mais ou menos 14 pés de largura e uns 150 pés de comprimento, e, se forem muitos, duas braças de altura; o teto é redondo, como uma abóbada. Cobrem depois com uma grossa camada de ramas de palmeira, de modo a não chover dentro. Ninguém tem quarto separado; cada casal de homem e mulher tem um espaço na cabana, de um dos lados, de 12 pés; de outro lado, um outro casal, o mesmo espaço. Assim se enchem as cabanas, e cada casal tem o seu fogo. O chefe tem o seu aposento no centro da cabana. Estas têm geralmente três portinhas, uma em cada extremidade e outra no centro; são baixas de modo a ser necessário a gente curvar-se para sair e entrar. Poucas das suas aldeias têm mais de sete cabanas. No meio, entre as cabanas, deixam um espaço, onde matam os prisioneiros. São também inclinados a fazer fortificações ao redor das suas cabanas; e o fazem assim: erguem, ao redor das cabanas, uma cerca de troncos rachados de palmeiras. A cerca costuma ter braça e meia de altura, e fazem-na tão junta que nenhuma flecha possa atravessá-la. Deixam umas aberturas pelas quais atiram. Ao redor da cerca fazem outra cerca de varas grossas e compridas, porém não as colocam muito perto umas das outras, apenas tanto a não deixar passar um homem. Alguns deles têm o costume de espetar em postes, em frente à entrada das palhoças, as cabeças dos que foram devorados.

Como fazem fogo.

Têm eles um espécie de madeira, chamada *vrakueiba*,¹¹⁶ que secam e da qual cortam dois pauzinhos da grossura de um dedo que esfregam um no outro. Com isso produz-se um pó, que o calor da fricção acende, e assim fazem fogo.

¹¹⁶ *Vrakueiba*, muito provavelmente do tupi *bracyyba*, ou melhor, *ybira-acu-yba*, que se traduz “árvore de madeira quente”, isto é, que dá fogo.

CAPÍTULO VI

Onde dormem.

Dormem em camas a que chamam *inni*¹¹⁷ na sua língua, as quais são feitas de fios de algodão. Amarram-nas em dois esteios, acima do chão, e ao lado conservam fogo aceso durante a noite. Não gostam também de sair das cabanas à noite para satisfazer as suas necessidades, por medo do diabo, a que chamam *ingange*,¹¹⁸ e ao qual veem muitas vezes.

117 *Inni* é a rede de dormir, a maca.

118 *Ingange* é do tupi *inhang*, ou *anhangá*, que outros escrevem “*anham*”, e significa propriamente “o gênio ou espírito vagabundo, o ser errante”.

Como são destros em caçar animais e peixes com flechas.

Por onde andam, quer na mata quer na água, levam sempre consigo o seu arco e as suas flechas. Andando na mata, caminham de cabeça erguida, a examinar as árvores para descobrirem algum pássaro grande, macaco ou outro animal que vive sobre as árvores, para o matar, e o perseguem até que o matam. Raras vezes acontece ir alguém à caça e voltar sem trazer coisa alguma.

Do mesmo modo perseguem os peixes à beira-mar e têm uma vista muito penetrante. Mal aparece um peixe, atiram, e poucos tiros erram. Se acaso ferem algum, atiram-se na água e nadam atrás dele. Certos peixes grandes quando feridos vão para o fundo, mas eles seguem atrás, mergulham até 6 braças e os colhem.

Usam também de pequenas redes, feitas de fibras, que tiram de umas folhas agudas e compridas *tochaun* (tocum); e quando querem pescar com redes, reúnem-se alguns e cada qual ocupa o seu lugar na água. Quando esta não é funda, entram uns poucos, formando círculo, e batem na água para o peixe afundar e cair então na rede.¹¹⁹ Quem mais apanha divide com os outros.

Muitas vezes vêm à pescaria aqueles que moram longe do mar. Apanham muito peixe, secam-no ao fogo e o moem num

¹¹⁹ Esse modo de pescar do gentio ainda hoje é usado pela população do interior.

pilão, fazendo uma farinha, que se conserva por muito tempo. Levam-na consigo e a comem com farinha de raiz, pois que se levassem o peixe apenas frito não durava nada, por não o salgarem; ademais a farinha dá para maior porção de gente do que um peixe inteiro assado.

Que feição apresenta esta gente.

É uma gente bonita de corpo e de feição, tanto os homens como as mulheres, iguais à gente daqui; somente são queimados do sol, pois andam todos nus, moços e velhos, e nada têm que encubra as partes vergonhosas. Desfeiam-se a si mesmos com pinturas e não têm barbas, porque as arrancam pela raiz, logo que lhes nascem. Fazem furos na boca e nas orelhas e neles introduzem pedras, que são seus ornamentos, e se enfeitam com penas.

CAPÍTULO IX

*Com que eles cortam, visto não poderem adquirir ferramentas cristãs,
como machados, facas e tesouras.*

Tinham antigamente, antes de cá virem navios, e ainda a têm em muitos lugares do país, onde navio algum chegou, uma espécie de pedra preto-azulada, a que davam a forma de uma cunha, cuja parte mais larga é malcortante, com mais ou menos um palmo de comprimento, dois dedos de grossura e a largura de uma mão. Umas são maiores, outras menores. Tomam depois um pau fino que vergam ao redor da pedra e amarram com fibras de embira.

Servem-se também de dentes de porco-do-mato, que amolam até ficarem cortantes, e os amarram depois entre dois pauzinhos. Com isto raspam suas flechas e arcos até que fiquem tão roliços como se foram torneados.

Empregam também o dente de um animal chamado paca; aguçam-lhe a ponta e, se sentem alguma doença no corpo que provém do sangue, arranham a parte até sair; e este é o seu modo de sangrar.

Qual é o seu pão. Como se chamam os seus frutos, como eles plantam e como os preparam para comer.

Nos lugares onde querem plantar, cortam primeiro as árvores e deixam-nas secar de um a três meses. Deitam-lhes fogo, e depois queimam-nas e então é que plantam entre os troncos as raízes de que precisam, a que chamam mandioca. É arbusto de uma braça de altura, que dá umas três raízes. Quando as querem comer, arrancam o pé, quebram-lhe as raízes e depois os galhos. A estes colocam-nos outra vez na terra, onde criam raízes de novo, e com seis meses crescem tanto que dão já o que comer. A raiz preparam-na de três modos.

Primeiro ralam as raízes numa pedra, até que fiquem em grãos miúdos; tiram-lhe depois o suco com um aparelho feito da folhagem da palmeira, ao qual chamam *tippiti*, que eles esticam; passam depois tudo numa peneira e fazem da farinha uns bolinhos achatados.

A vasilha em que secam e torram a farinha é de barro cozido e tem a forma de uma grande bacia chata. Também tomam as raízes frescas e as deitam n'água, até apodrecerem, que é quando então as retiram, e põem-nas ao fumeiro, onde secam. A essas raízes secas chamam *keinrima*¹²⁰ e conservam-se por muito tempo, e quando precisam delas secam-nas em um pilão de madeira, onde

¹²⁰ *Keinrima* é do tupi *carimã*, ainda hoje conhecido e empregado pelo vulgo para designar a massa da mandioca puba.

ficam alvas como a farinha de trigo. Disso fazem eles bolinhos a que chamam *byyw*.¹²¹

Também tomam a mandioca apodrecida, antes de seca, e a misturam com a seca e com a fresca, com o que preparam e torram uma farinha que pode conservar-se um ano, sempre boa para comer. Essa farinha chama-na *V. y than*.¹²²

Fazem farinha também de peixe e de carne. Assam a carne ou o peixe ao fogo, ou ao fumo, e deixam ficar bem duro; rasgam-no com a mão em pequeninos pedaços, põem-no mais uma vez ao fogo, em uma vasilha de barro cozido a que chamam *ineppaun*.¹²³ Depois socam-no em pilão de madeira até ficar reduzido a farinha, e passam em uma peneira. Essa farinha conserva-se por muito tempo. Não têm o costume de salgar o peixe ou a carne. Comem então a tal farinha com a de raízes, e tem gosto bem regular.

121 *Byyw* é do tupi *mbeyú*, que vale dizer o enroscado, enrolado. Hoje vulgarmente, beiju.

122 *V. y than*, diga-se *uytã*, que significa farinha dura.

123 *Ineppaun* é do tupi *nhaen-puna*, ou *yapuna*, que significa forno, ainda usado para cozer a farinha de mandioca.

Como cozinham a comida.

Há muitas raças de povos que não comem sal. Aqueles entre os quais estive prisioneiro comem, às vezes, sal porque viram usar dele os franceses, com os quais negociam. Mas contaram-me de uma nação, cuja terra se limita com a deles, nação *Karaya*, moradora no interior, longe do mar, que faz sal das palmeiras e o come, sendo que os que se servem muito dele não vivem muito tempo. Preparam-no da seguinte maneira, que eu vi e ajudei a preparar: derrubam um grosso tronco de palmeira e racham-no em pequenas achas; fazem depois uma armação de madeira seca e lhe põem as achas em cima, queimando-as juntamente com a madeira seca até ficarem reduzidas a cinza. Das cinzas fazem então decoada, que fervem, e assim obtêm o sal. Eu julgava que era salitre e o experimentei ao fogo; mas não era. Tinha gosto de sal e era de cor parda. A maior parte da gente porém, não come sal.

Quando cozinham alguma coisa, seja peixe ou carne, põem-lhe em geral pimenta verde, e, quando está mais ou menos bem cozida, tiram-na do caldo e a reduzem a uma sopa rala a que chamam mingau e que bebem em cascas de *purungas*,¹²⁴ que servem de vasilhas. E quando querem guardar alguma comida por mais tempo, carne ou peixe, penduram-na uns quatro palmos acima

124 São as nossas cuias, feitas dos cascos das cabeças ou cuités.

do fogo, em varas, e fazem bastante fogo baixo, Deixam-na então secar e enfumaçar, até ficar bem seca. Quando querem comê-las, aferventam-na outra vez e se servem. A carne assim preparada chamam-na *mockaein*.¹²⁵

125 *Mockaein*, do tupi *mbocaen*, que quer dizer *tostar, secar ao fogo*. Chamavam os selvagens *mocaen* ao aparelho feito de varas que servia de grelha. A carne assada no *mocaen* tomava-lhe assim o nome. Hoje é vulgar o nome *moquém* com o mesmo sentido.

Que regime e ordem seguem em relação às autoridades e à justiça.

Não têm regime especial, nem justiça. Cada cabana tem um chefe, que é o seu principal. Todos os seus chefes são de uma mesma raça, com mando e regime, e podem fazer tudo o que quiser. Pode porventura um deles ter se distinguido mais na guerra do que o outro; esse então é sempre mais ouvido, quando se trata de novas guerras, como o já referido Konyan Bébe. No mais, não vi direito algum especial entre eles, senão que os mais moços prestam obediência aos mais velhos, como é dos seus costumes.

Quando alguém mata ou fere a outrem, os amigos deste se dispõem logo a matar, por sua vez, o ofensor, o que, porém, raras vezes acontece. Prestam obediência também aos chefes das cabanas, e o que estes mandarem fazer executam sem constrangimento nem medo, e somente por boa vontade.

CAPÍTULO XIII

Como se fabricam os potes e as vasilhas que usam.

As mulheres é que fazem as vasilhas de que precisam. Tiram o barro e o amassam; dele fazem todas as vasilhas que querem, deixam-nas secar por algum tempo, e sabem pintá-las bem. Quando querem queimá-las, emborcam-nas sobre pedras e amontoam ao redor grande porção de cascas de árvores, que acendem, e, com isso, ficam queimadas, pois que se tornam em brasas, como ferro quente.

*Como fabricam as bebidas com que se embriagam
e como celebram essas bebedeiras.*

As mulheres é que fazem também as bebidas. Tomam as raízes da mandioca, que deitam a ferver em grandes potes, e, quando bem fervidas, tiram-nas e passam para outras vasilhas ou potes, onde deixam esfriar um pouco. Então as moças assentam-se ao pé a mastigar as raízes, e o que fica mastigado é posto numa vasilha à parte.

Uma vez mastigadas todas essas raízes fervidas, tornam a pôr a massa mascada nos potes, que então enchem d'água, e misturam muito bem, deixando tudo ferver de novo.

Há então umas vasilhas especiais, que estão enterradas até o meio e que eles empregam, como nós, os tonéis para o vinho ou a cerveja. Aí despejam tudo e tampam bem; começa a bebida a fermentar e torna-se forte. Assim fica durante dois dias, depois do que bebem e ficam bêbedos. É densa e deve ser nutritiva.

Cada cabana faz sua própria bebida. E quando uma aldeia inteira quer fazer festas, o que de ordinário acontece uma vez por mês, reúnem-se todos primeiro em uma cabana, e aí bebem até acabar com a bebida toda; passam depois para outra cabana, e assim por diante até que tenham bebido tudo em todas elas.

Quando bebem assentam-se ao redor dos potes, alguns sobre achas de lenha e outros no chão. As mulheres dão-lhes a bebida por ordem. Alguns ficam de pé, cantam e dançam ao redor dos potes. E no lugar onde estão bebendo, vertem também a sua água.

O beber dura a noite inteira; às vezes, também dançam por entre fogueiras e, quando ficam bêbedos, gritam, tocam trombetas e fazem um barulho formidável. Raro ficam zangados uns com os outros. São também muito liberais, e o que lhes sobra em comida repartem com outros.

Qual o enfeite dos homens, como se pintam e quais são os seus nomes.

Rapam uma parte da cabeça e deixam ao redor uma coroa de cabelos, como os frades. Muitas vezes lhes perguntei onde tinham aprendido essa moda de cabeleira. Responderam-me que seus antepassados a tinham visto num homem que se chamara *Meire Humane*,¹²⁶ e que tinha feito muitos milagres entre eles; e entendiam que tivesse sido um profeta ou apóstolo.

Perguntei-lhes mais com que cortavam os cabelos antes dos navios lhes trazerem tesouras. Respondiam que para isso tomavam uma cunha de pedra, e pondo uma por baixo dos cabelos batiam até cortá-los. A coroa no meio da cabeça faziam-na com uma raspadeira, fabricada de uma pedra cristal que usam muito para cortar.

Têm mais um ornato de penas vermelhas, a que chamam *kanittare*¹²⁷ e que amarram em roda da cabeça.

Usam também trazer no lábio inferior um grande orifício que fazem logo na infância. Furam o beíço com um pedaço de osso de veado aguçado e no orifício introduzem depois uma pedrinha ou pedacinho de pau e untam isso com os seus unguentos; o orifício

126 *Meire Humane*, muito provavelmente *Mair Zumane*, nome de misteriosa personagem que é tradição ter aparecido entre os selvagens e lhes serviu de legislador e mestre. O gentio do Brasil chamava-o *Sumé* ou *Zumé*. No Paraguai, *Pay Zomé*.

127 *Kanittare* é do tupi *acanitara*, ou *acangatara*, que quer dizer ornato da cabeça.

continua aberto. Quando ficam homens e aptos para as armas, fazem esse orifício maior e enfiam nele uma pedra verde, que tem esta forma: a ponta superior e mais fina fica para dentro dos lábios e a grossa para fora, deixando o lábio sempre pendido pelo peso da pedra. Nas faces têm eles ainda, de cada lado da boca, uma pequena pedra.

Alguns têm-nas de pedra de cristal, estreitas sim, mas compridas. Usam ainda um enfeite que fazem de grandes búzios marinhos, e que chamam *matte pue*,¹²⁸ da forma de uma meia-lua. Penduram-no ao pescoço, é branco, como a neve, e o chamam *bogessy*.¹²⁹

Fazem também colares brancos, de caracóis marinhos, que trazem no pescoço, da espessura de uma palma e que dão muito trabalho para se fazer.

Amarram também feixes de penas nos braços; pintam-se de preto e também com penas vermelhas e brancas misturadas sem ordem, estas, porém, grudadas no corpo com substâncias que tiram das árvores e que passam nas partes onde querem pôr as penas, aplicando então estas de modo a ficar aderentes. Pintam também um braço de preto e outro de vermelho, e do mesmo modo as pernas e o corpo.

Usam eles mais um enfeite de penas de avestruz, enfeite grande e redondo, que amarram na parte de trás, quando vão à guerra contra os seus inimigos, ou fazem alguma festa. Chama-se *enduap*.

128 *Matte pue*, do tupi *uatapí*, nome com que o gentio designava um búzio grande e de grande boca, que furado pelo fundo dava para se tanger com ele e que soava muito mais do que uma buzina. Da casca desse búzio fabricava o selvagem um ornato em forma de meia-lua.

129 *Bogessy* é provavelmente do tupi *mbojacy*, que quer dizer feito lua, ou à imagem da lua.

Tiram seus nomes de animais ferozes e tomam muitos nomes, mas com certas particularidades. Logo que nascem dá-se-lhes um nome. Conservam-no somente até ficarem aptos para manejar armas e matar inimigos. A quantos depois matam, outros tantos nomes tomam.

Quais são os enfeites das mulheres.

As mulheres pintam-se por baixo dos olhos e por todo o corpo, do mesmo modo como dissemos que os homens o fazem. Deixam, porém, crescer os cabelos, como todas elas, e não têm enfeites especiais. Abrem orifícios nas orelhas, nos quais penduram uns objetos do comprimento de um palmo, mais ou menos, roliços e da grossura de um dedo polegar, a que chamam na sua língua *nambibeya*. Fazem-nos também de conchas do mar, a que chamam *matte pue*.

Seus nomes são de pássaros, peixes e frutas das árvores, e têm um só nome desde crianças; porém quantos escravos os seus maridos matam tantos nomes dão eles as suas mulheres.

Ao catarem os piolhos uma da outra, vão comendo-os. Perguntei-lhes muitas vezes por que assim faziam, e me responderam: “São nossos inimigos que nos comem a cabeça, e por isso nos vingamos deles.”

Também não há parteiras; quando uma mulher está para dar à luz, o primeiro que estiver perto, homem ou mulher, a acode logo. Vi algumas que se levantavam, comumente, no quarto dia depois do parto.

Carregam os seus filhos às costas envolvidos em panos de algodão, e assim com eles trabalham. As crianças aí dormem e andam contentes, por mais que elas se abaixem ou se movam.

Como dão o primeiro nome às crianças.

A mulher de um selvagem, dos que ajudaram a me capturar, tinha dado à luz um filho. Alguns dias depois, convidou o marido os seus vizinhos das cabanas próximas e com eles conferenciou a respeito do nome que havia de dar à criança, para que esta fosse valente e temível. Deram-lhes muitos nomes, que não lhes agradaram. Deliberou então dar-lhe o nome de um de seus quatro antepassados, e disse que crianças que têm três nomes vingam bem e ficam destras em fazer prisioneiros. Os seus quatro antepassados se chamam: o primeiro, Krimen; o segundo, Hermittan; o terceiro Koem;¹³⁰ o quarto nome não retive na memória. Pensei ouvi-lo falar de Koem, que podia ser Cham; mas Koem quer dizer na língua deles amanhã.

Disse-lhe que desse esse nome à criança, porque tinha sido o de um dos seus antepassados. A criança ficou com um desses nomes. É assim que dão nomes aos seus filhos, sem batismo, nem circuncisão.

130 Krimen, Hermittan, Koem são três nomes de procedência tupi, mas alterados. É possível que se identifiquem respectivamente com *Kirimá*, *Eiramitã*, *Coema*, que se traduzem na mesma ordem: Corajoso, Abelha-menina, Manhã.

CAPÍTULO XVIII

Quantas mulheres cada um tem, e como vive com elas.

A maior parte deles tem uma só mulher; outros têm mais. Mas alguns dos seus principais têm 13 ou 14 mulheres. O principal a quem me deram da última vez, e de quem os franceses me compraram, chamado Abbati Bossange, tinha muitas mulheres, e a que fora a primeira era a superiora entre elas. Cada uma tinha o seu aposento na cabana, seu próprio fogo e sua própria plantação de raízes; e aquela com quem ele vivia, e em cujo aposento ficava, é que lhe servia o comer, e assim passava de uma para outra. As crianças que lhes nascem, enquanto meninos e pequenos, educam-nas para a caça; e o que os meninos trazem, cada qual dá a sua mãe. Elas então cozinham e partilham com os outros; e as mulheres se dão bem entre si.

Também têm o costume de fazer presentes de suas mulheres quando aborrecidos delas. Fazem do mesmo modo presentes de uma filha ou irmã.

Como eles contratam os casamentos.

Contratam os casamentos de suas filhas, ainda crianças, e logo que elas se fazem mulheres cortam-lhes o cabelo da cabeça; riscam-lhes nas costas marcas especiais e lhes penduram ao pescoço uns dentes de animais ferozes. Uma vez crescido o cabelo de novo, as incisões cicatrizam-se, deixando ver ainda o sinal desses riscos, pois que misturam certas tintas com o sangue, para ficar preto quando saram, coisa que é tida como uma honra.

Quando terminadas essas cerimônias, entregam as filhas a quem as deve possuir e não celebram nenhuma outra cerimônia especial. Homem e mulher procedem decentemente e fazem os seus ajuntamentos às ocultas. Consegui ver que um dos seus chefes em certa ocasião, cedo pela manhã, ao visitar todas as suas cabanas, riscava as pernas das crianças com um dente afiado de peixe; isso só para lhes fazer medo, de modo que, quando choravam com manha, os pais as ameaçavam: “Aí vem ele!”, e elas se calavam.

CAPÍTULO XX

Quais são as suas riquezas.

Não há divisão de bens entre eles. Nada sabem de dinheiro. Suas riquezas são penas de pássaros; e quem tem muitas é que é rico. Quem traz pedras nos lábios, entre eles, é um dos mais ricos.

Cada casal, homem e mulher, tem sua plantação de raízes, das quais se alimentam.

Qual é a sua maior honra.

A sua maior honra é prender e matar muitos inimigos. Costume entre eles é que, quantos inimigos cada qual tiver morto, tantos nomes pode tomar.

E o mais nobre entre eles é aquele que conta mais nomes dessa espécie.

Em que creem.

Têm a sua crença em um fruto que cresce como uma abóbora e de tamanho de um meio pote. Oco, como é, atravessam-lhe um pau. Fazem-lhe depois um orifício à guisa de boquinha e lhe deitam umas pedrinhas dentro, para que chochalhe. Com isso tangem quando cantam e dançam, e lhe chamam *tammaraka*, cuja forma é como segue:

Esse instrumento é só dos homens, e cada um tem o seu. Há entre eles alguns indivíduos a que chamam *paygi*¹³¹ e que são tidos por adivinhos. Estes percorrem uma vez por ano o país todo, de cabana em cabana, asseverando que têm consigo um espírito que vem de longe, de lugares estranhos, e que lhes deu a virtude de fazer falar todos os tammarakas que eles queriam e o poder de alcançar tudo que se lhes pede. Cada qual quer então que esse poder venha para o seu chocalho; faz-se uma grande festa, com bebidas, cantos e adivinhações, e praticam muitas cerimônias singulares. Depois marcam os adivinhos um dia para uma cabana, que mandam evacuar, e nenhuma mulher nem criança pode ficar lá dentro. Ordenam em seguida que cada um pinte o seu tammaraka de vermelho, enfeitando com penas, e o mande para eles lhes darem o poder de falar. Dirigem-se então para a

¹³¹ *Paygi*, do tupi *payê* ou *pagé*, que é como o gentio chamava os seus feiticeiros ou adivinhos.



cabana. O adivinho toma assento, em lugar elevado, e tem junto de si o tammaraka fincado no chão. Os outros então ficam os seus. Dá cada qual os seus presentes ao adivinho, como sejam flechas, penas e penduricalhos para as orelhas, a fim de que o seu tammaraka não fique esquecido. Uma vez todos reunidos, toma o adivinho cada tammaraka, de per si, e o defuma com uma erva, a que chama *Bittin*.¹³² Leva depois o tammaraka à boca; chocalha-o e lhe diz: “*Nee kora (nheen coire)*, fala agora e deixa-te ouvir; estás aí dentro?” Depois diz baixo e muito junto uma palavra, que é difícil de se saber se é do chocalho ou se é dele, e todos acreditam que é do chocalho. Na verdade, porém, é do próprio adivinho, e assim faz ele com todos os chocalhos, um após o outro. Cada qual pensa então que o seu chocalho tem grande poder. Os adivinhos exortam-nos depois a que vão para a guerra e apanhem inimigos, porque os espíritos que estão nos tammarakas têm gana de comer carne de prisioneiros; e com isso, se decidem ir à guerra.

Mal o adivinho *paygi* tem transformado em ídolos todos os chocalhos, toma cada qual o seu; chama-o seu querido filho e lhe levanta uma pequena cabana, na qual deve ficar. Dá-lhe comida e lhe pede tudo o de que precisa, tal como nós fazemos com o verdadeiro Deus. São esses os seus deuses.

Com o Deus verdadeiro, que criou o céu e a terra, eles não se importam e acham que é uma coisa muito natural que o céu e a terra existam. Também nada sabem de especial do começo do mundo.

Dizem que houve, uma vez, uma grande enchente em que se afogaram todos os seus antepassados e que alguns se salvaram em uma canoa, outros em árvores altas, o que eu penso deve ter sido o dilúvio.

132 *Bittin* é do tupi *petym*, que quer dizer tabaco, fumo.



Quando me achei pela primeira vez entre eles e me contaram essas coisas, pensei que se tratava talvez de algum fantasma do diabo, pois que me contaram diversas vezes como esses ídolos falavam. Penetrando nas cabanas, onde estavam os adivinhos que deviam fazê-los falar, notei que todos se assentavam. Mas, logo que vi a esperteza, saí da cabana e disse comigo: “Que pobre povo iludido!”

Como eles tornam as mulheres adivinhas.

Entram primeiro em uma cabana e pegam todas as mulheres, uma após a outra, e as defumam. Depois, tem cada uma de gritar, pular e correr em roda, até que fique tão cansada que caia no chão, como desfalecida. O adivinho diz então: “Vejam, agora está morta; mas eu quero fazê-la viver de novo.” Logo que ela volta a si, diz ele: “Agora está apta para falar do futuro.” Assim, quando partem para a guerra, obrigam essas mulheres a adivinhar o que há de acontecer na luta.

Uma vez a mulher de meu senhor (aquele a quem eu tinha sido entregue para me matar) começou de noite a vaticinar e disse ao marido que um espírito de terra estranha se tinha dirigido a ela e lhe perguntara quando era que eu devia ser morto e onde estava o pau com que me deviam matar. Ele respondeu: “Não demorará, tudo está pronto; porém desconfio de que não é ele português, mas francês.”

Quando a mulher acabou a sua adivinhação, perguntei-lhe por que desejava tanto a minha morte, visto que eu não era inimigo, e se ela não temia que o meu Deus lhe mandasse algum castigo. “Eu não devia incomodar-me com isso”, disse ela, “mas eram os espíritos estranhos que queriam saber.” Tais cerimônias celebram eles muitas.

Como navegam nas águas.

No país há uma espécie de árvores a que chamam *yga ywera*,¹³³ cuja casca os selvagens destacam de cima a baixo, fazendo uma armação especial ao redor da árvore para tirá-la inteira.

Depois, tomam a casca e a transportam da serra até o mar; aquecem-na ao fogo, dobram-na por diante e por detrás e lhe amarram dois paus atravessados no centro para que não se achate, e fazem assim uma canoa, na qual cabem 30 pessoas, para irem à guerra. A casca tem a grossura de um dedo polegar, mais ou menos 4 pés de largura e 40 de comprimento; algumas mais compridas e outras mais curtas. Nelas remam apressados e navegam longe tanto quanto querem. Quando o mar está bravo, puxam as canoas para a terra até o tempo ficar bom. Não vão mais de duas milhas mar afora; mas, ao longe da terra, navegam muito longe.

133 *Yga Ywera*, do tupi *yga*-*ybyrá*, que quer dizer pau ou madeira de canoa.

Por que um inimigo devora o outro.

Não o fazem por fome, mas por grande ódio e inveja; e quando na guerra combatem, gritam um para o outro por grande ódio: “*Dete immeraya schermiuramme beiwoe*”,¹³⁴ “a ti sucedam todas as desgraças, minha comida”. “*De Kange Juca cypota kurine*”,¹³⁵ “eu quero ainda hoje cortar a tua cabeça”. “*Sche innam me pepicke keseagu*”,¹³⁶ “para vingar a morte de meus amigos, estou aqui”. “*Yande soo sche mocken sera quera ossarime rire*”,¹³⁷ etc., “tua carne será hoje antes que o sol entre, o meu assado”. Tudo isso fazem por grande amizade.

134 *Dete immeraya schermiurama beiwoe*, frase que se restaura pela forma seguinte: “*ndê t’mbaerabva che remiú-rama mae amboe*, que se traduz literalmente: “a ti suceda, oh! comida minha, coisa má!” Apóstrofe com que se ameaça de fazer do inimigo a sua comida, isto, é de devorá-lo.

135 *De kange yuca cypota kurine*, que vale dizer: *ndê canga jucá c’ypotá curinê*, que se traduz: “tua cabeça cortar quero já!”

136 *Sche innam me pepicke keseagu*, que vale dizer no tupi: *che y wama pepike ki chaikú*, – e se traduz ao pé da letra: “os meus parentes vingar aqui estou eu”.

137 *Yande soo sche mocken sera quera ossarime rire*, que vale dizer no tupi: *Rendê, coó che mocaen será coaracy eyma rirê*, e se traduz: “tua carne moquearei, de certo depois do sol posto”.

*Como fazem seus planos quando querem ir à terra
de seus inimigos para os guerrear.*

Quando se dispõem a levar a guerra à terra de seus inimigos, os chefes se reúnem e conferenciam como o devem fazer. Isso comunicam a todas as cabanas para que se preparem, e dão o nome de uma fruta cujo amadurecimento marcará o tempo da partida, pois que não conhecem a diferença do ano e do dia. Também determinam o tempo da partida pelo tempo da desova de um peixe a que chamam *prati*,¹³⁸ na língua deles, e o tempo da desova chamam *pirakaen*.¹³⁹ Para essa época aprontam as suas canoas, suas flechas e farinha dura de raízes, que chamam *vythan* (*uytã*), para mantimento. Depois consultam os *pagy*, os adivinhos, se alcançarão vitória. Estes, em geral, dizem que sim, mas lhes ordenam que tomem sentido nos sonhos que têm a respeito dos inimigos, e quando a maior parte deles sonha que veem assar a carne dos inimigos, quer isso dizer que terão vitória. Mas se veem assar a sua própria carne, não é de bom presságio e devem ficar em casa. Quando os seus sonhos lhes agradam, aprestam-se em todas as cabanas; fazem muita bebida, bebem e dançam com os ídolos *tammaraka*, e cada um pede ao seu que o ajude a

138 *Prati* é o mesmo *bratti* como o escreveu o narrador anteriormente, nome do peixe a que o gentio chamava *paraty*, isto é, a tainha.

139 *Pirakaen* é o tupi *pirá caen*, que significa peixe seco. Como a época da desova era também o tempo da pescaria e da seca do peixe, o narrador usa o termo *pirá caen* nos dois sentidos.



apanhar um inimigo. Depois partem. Ao chegar perto da terra dos seus inimigos, ordenam os chefes, um dia antes daquele em que vão invadir a terra daqueles, que reparem bem nos sonhos que tiverem durante a noite.

Tomei parte com eles numa expedição perto da terra dos seus contrários, e, na noite anterior àquela em que a pretendiam invadir, o chefe percorreu o acampamento todo a dizer que atentassem bem nos sonhos que tivessem e ordenou mais que os moços, logo que raiasse o dia, fossem caçar e pescar. Isso feito, mandou o chefe preparar tudo. Depois convidou os outros chefes a que viessem para a cabana dele. Assentaram-se todos no chão e fizeram roda. Mandou-lhe servir a comida. Acabada esta, contavam-lhe os sonhos, mas somente os que lhes agradaram; depois dançaram de alegria com os tamarakas.

Fazem o reconhecimento das aldeias dos seus inimigos durante a noite e, ao raiar do dia, investem.

Se apanham algum que esteja gravemente ferido, matam-no logo e levam-lhe a carne depois de assada para casa; mas se está são o prisioneiro, levam-no vivo. Depois matam-no na cabana.

Atacam com grande vozeria; pisam duro no chão; tocam trombetas feitas de cabaças, e levam todos cordas enleadas ao redor do corpo, para amarrar os inimigos; pintam-se e enfeitam-se com penas vermelhas, para não se confundirem com os outros, e atiram com presteza. Arremessam também flechas acesas sobre as cabanas de seus inimigos para incendiá-las. E quando algum dos deles recebe um ferimento, aplicam-lhe ervas próprias com que se cura.



Qual é o seu armamento para a guerra.

Têm eles os seus arcos, e as pontas das flechas são de ossos que aguçam e amarram; também fazem-nas de dentes de peixe a que chamam *tiberaum*¹⁴⁰ e que apanham no mar. Usam também algodão, que misturam com cera, amarram nas flechas e acendem; são estas as suas flechas de fogo. Fazem também escudo de casca de árvores e de couros de animais ferozes. Enterram também espinhos, como aqui as armadilhas de tesoura.

Ouvi também deles, mas não vi, que, quando querem, expulsam os seus inimigos das cabanas fortificadas, como empregarem a pimenta que cresce no país, desta forma: fazem grandes fogueiras e, quando o vento sopra, põem-lhe grande porção de pimenta, cuja fumaça, atingindo as chamas, os obriga a fugir; e eu o creio. Estava uma vez com os portugueses numa localidade da terra de *Brannenbucke* (Pernambuco) chamada, a que já me referi, e aí aconteceu-nos de ficar num rio com o barco em seco, porque a maré baixara. Vieram muitos selvagens para nos atacar; mas, como não o puderam, amontoaram então muita lenha e galhos secos, entre o navio e a margem, para nos obrigar a sair, por efeito da fumaça da pimenta; mas não lograram pegar fogo na lenha.

140 *Tiberaun*, do português tubarão, alterado; é o peixe a que chamam no tupi *yperú*.

*Com que cerimônia matam e comem seus inimigos.
Como os matam e como os tratam.*

Quando trazem para casa os seus inimigos, as mulheres e as crianças os esbofeteiam. Enfeitam-nos depois com penas pardas; cortam-lhes as sobancelhas; dançam em roda deles, amarrando-os bem, para que não fujam.

Dão-lhes uma mulher para os guardar e também ter relações com eles. Se ela concebe, educam a criança até ficar grande; e depois, quando melhor lhes parece, matam-na a esta e a devoram. Fornecem aos prisioneiros boa comida; tratam assim deles algum tempo, e ao começarem os preparativos fabricam muitos potes especiais, nos quais põem todo o necessário para pintá-los; ajuntam feixes de penas que amarram no bastão com que os hão de matar.

Trançam também uma corda comprida a que chamam *messurana* (mussurana) com a qual os amarram na hora de morrer. Terminados todos os preparativos, marcam o dia do sacrifício. Convidam então os selvagens de outras aldeias para aí se reunirem naquela época. Enchem todas as vasilhas de bebidas e, um ou dois dias antes que as mulheres tenham feito essas bebidas, conduzem o prisioneiro uma ou duas vezes pela praça e dançam ao redor dele.

Reunidos todos os convidados, o chefe da cabana lhes dá as boas-vindas e lhes diz: “Vinde ajudar agora a comer o vosso inimigo.” Dias antes de começar a beber, amarram a mussurana ao

pescoço do prisioneiro. No mesmo dia, pintam e enfeitam o bastão chamado *iwera pemme*, com que o matam.

Tem este mais de uma braça de comprimento, e o untam com uma substância que gruda. Tomam então cascas pardas de ovos de um pássaro chamado *mackukawa* e moem-nas até reduzi-las a pó, que esfregam no bastão. Uma mulher então risca figuras nesse pó aderente ao bastão, e, enquanto ela desenha, as mulheres todas cantam ao redor. Uma vez pronto o *iwera pemme* com os enfeites de penas e outras preparações, penduram-no em uma cabana desocupada e cantam ao redor dele toda a noite.

Do mesmo modo pintam a cara do prisioneiro, e, enquanto uma das mulheres o está pintando, as outras cantam. E logo que começam a beber levam o prisioneiro para lá, bebem com ele e com ele se entretêm.

Acabando de beber, descansam no dia seguinte; fazem depois uma casinha para o prisioneiro, no lugar onde ele deve morrer. Ali fica ele durante a noite, bem guardado.

De manhã, antes de clarear o dia, vão dançar e cantar ao redor do bastão com que o devem matar. Tiram então o prisioneiro da casinha e a desmancham, para abrir espaço; amarram a mussurana ao pescoço e em redor do corpo do paciente, esticando-a para os dois lados. Fica ele então no meio, amarrado, e muitos deles a segurar a corda pelas duas pontas. Deixam-no assim ficar por algum tempo; dão-lhe pedrinhas para ele arremessar sobre as mulheres que andam em redor ameaçando devorá-lo. Então elas estão pintadas e prontas para, quando o prisioneiro estiver reduzido a postas, comerem os quatro primeiros pedaços ao redor das cabanas. Nisso consiste o seu divertimento. Isso pronto, fazem um fogo a cerca de dois passos do prisioneiro para que este o veja.

Depois vem uma mulher correndo com o *iwera pemme*, vira os feixes de penas para cima; grita de alegria e passa pelo prisioneiro, para que este o veja.



Feito isso, um homem toma da clava; dirige-se para o prisioneiro; para na sua frente e lhe mostra o cacete para que ele o veja. Enquanto isso, aquele que deve matar o prisioneiro vai com uns 14 ou 15 dos seus e pinta o próprio corpo de pardo, com cinzas. Volta então com os seus companheiros para o lugar onde está o prisioneiro, e aquele que tinha ficado em frente deste lhe entrega a moça. Surge agora o principal das cabanas; toma a clava e a enfia por entre as pernas daquele que deve desfechar o golpe mortal.



Isso é por eles considerado uma grande honra. De novo aquele que deve matar o prisioneiro pega na clava e diz: “Sim, aqui estou, quero matar-te, porque os teus também mataram a muitos dos meus amigos e os devoraram.” Responde-lhe o outro: “Depois de morto, tenho ainda muitos amigos que decerto me hão de vingar.” Então desfecha-lhe o matador um golpe na nuca, os miolos saltam, e logo as mulheres tomam o corpo, puxando-o para o fogo; esfolam-no até ficar bem alvo e lhe enfiam um pauzinho por trás, para que nada lhes escape.

Uma vez esfolado, um homem o toma e lhe corta as pernas, acima dos joelhos, e também os braços. Vêm então as mulheres; pegam nos quatro pedaços e correm ao redor das cabanas, fazendo um grande vozerio.

Depois abrem-lhe as costas, que separam do lado da frente, e repartem entre si; mas as mulheres guardam os intestinos, fervem-nos, e do caldo fazem uma sopa que se chama Mingau, que elas e as crianças bebem.

Comem os intestinos e também a carne da cabeça; os miolos, a língua e o mais que houver são para as crianças. Tudo acabado, volta cada qual para sua casa levando o seu quinhão. Aquele que foi o matador ganha mais um nome, e o principal das cabanas risca-lhe o braço com o dente de um animal feroz. Quando sara, fica a marca, e isso é a honra que tem. Depois tem ele, no mesmo dia, de ficar em repouso, deitado na sua rede, e lhe dão um





pequeno arco com uma flecha para passar o tempo atirando em um alvo de cera. Isso é feito para que os braços não fiquem incertos, do susto de ter matado.

Tudo isso eu vi e presenciei.

Eles não sabem contar senão até cinco. Se querem contar mais, mostram os dedos da mão e do pé. Em querendo falar de um número grande, apontam quatro ou cinco pessoas, indicando quantos dedos da mão e do pé elas têm.

Descrição de alguns animais no país.

Há no país veados e porcos-do-mato, de duas qualidades. Uma espécie é como a daqui. As outras são pequenas, como porcos novos, e se chamam *taygasu, datu*;¹⁴¹ são difíceis de cair nas armadilhas com as quais os selvagens costumam apanhar caça. Há também macacos de três espécies. Uma espécie chama-se *key*¹⁴² e é a que vem para cá.

Há mais uma espécie a que se chama *acka key*¹⁴³ e geralmente anda em grandes bandos, saltando nas árvores e fazendo grande gritaria no mato.

E há mais uma espécie a que se chama *pricki*;¹⁴⁴ são vermelhos, têm barbas como os bodes e são do tamanho de um cão regular.

Também há uma espécie de animal a que chama *dattu*;¹⁴⁵ tem mais ou menos um palmo de altura, e couraça no corpo todo, exceto na barriga onde não a tem. A couraça é como chifre

141 *Taygasu, Datu*, do tupi *taytibu, tatu*, que hoje se chama vulgarmente *caietetu e tatu*.

142 *Key* é do tupi *cay* ou *cahy*.

143 *Acka Key*, do tupi *aca cay*, ou *aca cahy*, que quer dizer macaco de algazarra ou de bando.

144 *Pricki*, do tupi *buriki*, nome de uma espécie de macaco vermelho, donde Frei Gaspar da Madre de Deus fez derivar a palavra *Bertioga*, que para o autor das *Memórias para História da Capitania de São Vicente* é uma corruptela de *buriquioca*, refúgio de macacos.

145 *Datú*, do tupi *tatu*.

e fecha com articulações como uma armadura. Tem focinho longo e pontudo e cauda comprida. Gosta de andar por entre as pedras; a sua comida são formigas e tem carne gorda, que muitas vezes comi.

Serwoy.

Há também uma espécie de caça a que se chama *serwoy*,¹⁴⁶ do tamanho de um gato branco, de pele par-da, também cinzento, e tem rabo como o gato. Quando pare, pare um ou seis filhos e tem uma fenda no ventre de perto de palmo e meio de comprido. Por dentro da fenda há mais uma pele, pois que o ventre não lhe é aberto e por dentro estão as tetas. Por onde quer que vá, leva consigo os filhos dentro do saco, entre as duas peles. Muitas vezes, ajudei a apanhá-la e lhe tirei os filhos da bolsa.

¹⁴⁶ *Serwoy*, do tupi *seriguê*, ou *çooó-r-iguá*, que quer dizer animal de saco, ou do-tado de bolso. Em outros lugares diz-se *sarué*, *seruê*.

Há também muitos tigres no país, que matam gente e causam muitos prejuízos.

Há também uma espécie de leão, a que chamam *Leopardo*,¹⁴⁷ isto é, Leão Pardo, e outros muitos animais singulares.

Há um animal chamado *caziuare*,¹⁴⁸ que vive em terra e também na água. Alimenta-se da tabua que se encontra nas águas doces. Quando se amedronta, foge para o fundo d'água. São maiores do que um cordeiro, e têm a cabeça parecida com a de lebre, porém maior, e as orelhas curtas. A cauda é pequena, e as pernas são um pouco altas. Correm muito em terra, de uma água para outra. Têm o pelo pardo escuro, têm três unhas em cada pé, e a carne tem o gosto da de porco.

Também há uma espécie de grandes *lagartos* na água¹⁴⁹ e em terra; estes são bons para se comer.

¹⁴⁷ *Leopardo*, isto é, “leão pardo”, como diz o narrador, não é aqui nome dado pelo gentio, mas pelos portugueses. O nome tupi é *çôô-assú-arana*, ou *sussuara*, que vale dizer tirando a veado, nome dado à onça-parda.

¹⁴⁸ *Catiuare*, do tupi *capiuara*, hoje *capivara*, que significa comedor de capim, ou herbívoro.

¹⁴⁹ O autor quer aqui se referir aos sáurios brasileiros; ao lagarto d'água chamava o gentio *yacaré* e o de terra, *teyúassú*.

De uma espécie de insetos pequenos como pulgas pequenas que os selvagens chamam “attun”.

Há insetozinhos parecidos com pulgas, porém menores, que se chamam *attun*,¹⁵⁰ na língua dos selvagens. Criam-se nas cabanas, da sujeira da gente. Entram nos pés, só produzindo uma cocegazinha quando entram, e vão penetrando na carne de modo que quase não se percebe. Não se reparando e não os tirando logo, põem eles um saco de ovos, redondo como uma ervilha. Uma vez, porém, percebidos e retirados, fica na carne um buraco do tamanho de um grão de ervilha. Eu vi, quando cheguei a este país, pela primeira vez, os espanhóis e alguns dos nossos ficarem com os pés estragados por descuido.

150 *Attun*, do tupi *tum* ou *tung*, “o bicho-de-pé”, que também se diz *tumbyra*.

CAPÍTULO XXXIII

De uma espécie de morcego do país e como de noite, durante o sono, ele chupa os dedos do pé e a cabeça da gente.

Há também uma espécie de morcegos que são maiores do que os da Alemanha. Voam de noite para dentro das cabanas, ao redor das redes, em que dorme a gente. Tanto que percebem que alguém dorme e os não inquieta, pousam-lhe nos pés e os sugam até se encherem, ou mordem-lhe a cabeça, e se vão embora.

Enquanto estive entre os selvagens, sugaram-me muitas vezes os dedos do pé. Ao acordar é que via então os dedos ensanguentados. Mas, aos selvagens, mordiam-lhes, em geral, a cabeça.

Das abelhas do país.

Três espécies de abelhas há no país. As primeiras são semelhantes às daqui. As segundas são pretas e do tamanho de moscas. As terceiras são pequenas, como mosquitos. Todas essas abelhas fabricam o mel no oco das árvores, e muitas vezes tirei mel com os selvagens, de todas as três espécies. As pequenas têm, em geral, melhor mel que as outras. Também não mordem como as abelhas daqui. Vi muitas vezes, ao tirarem mel os selvagens, que ficavam cheio de abelhas e que a custo as tiravam à mão do corpo nu. Eu mesmo tirei mel, nu; mas da primeira vez fui coagido pela dor a meter-me na água e tirá-las ali para me livrar delas.

Dos pássaros do país.

Há também muitos pássaros singulares ali. Uma espécie chamada *uwara pirange*¹⁵¹ tem seus pastos perto do mar e se aninha nas rochas, junto à terra. Tem o tamanho de uma galinha, bico comprido e pernas como as da garça, mas não tão compridas. As primeiras penas que saem nos filhotes são pardacentas e com elas voam um ano; mudam então essas penas e todo o pássaro fica tão vermelho quanto possível, e assim persiste. As suas penas são muito estimadas pelos selvagens.

151 *Uwara pirange* é do tupi *uirá-piranga* isto é: “o pássaro vermelho”. (íbis rubra).

Descrição de algumas árvores do país.

Há ali árvores a que os selvagens chamam *juni-pappceywa*.¹⁵² Essas árvores dão uma fruta semelhante à maçã. Os selvagens mastigam essa fruta, espremem o suco em uma vasilha e se pintam com ele. Quando o passam pela primeira vez na pele é como a água; mas dali a pouco ficam-lhes a pele tão preta como tinta; isso dura até o nono dia e só então é que se desmancha, e nunca antes desse tempo, por mais que se lave.

¹⁵² *Junipappceywa*, do tupi *genipapayba*, a árvore do jenipapo.

CAPÍTULO XXXVII

Como crescem o algodão e a pimenta do Prasil, e também outras raízes mais, que os selvagens plantam para comer.

O algodão dá em arbustos da altura de mais ou menos uma braça; tem muitas ramas, e, quando floresce, dá botões, que, uma vez maduros, se abrem, e o algodão se vê então dentro dos casulos, ao redor de uns carocinhos pretos, que são as sementes, as mesmas que se plantam. Os arbustos estão cheios desses casulos.

A pimenta da terra é de duas qualidades, uma amarela e outra vermelha, mas ambas crescem da mesma maneira. Enquanto verdes, são como o fruto da roseira de espinhos; são pequenos arbustos mais ou menos de meia braça de alto e têm florinhas. Ficam muito carregados de pimenta, das que ardem na boca. Quando maduras, colhem-nas e secam-nas ao sol. Há também uma espécie de pimenta miúda, não muito diferente da já mencionada, e que seca do mesmo modo.

Há também umas raízes a que chamam *jettiki*,¹⁵³ que tem bom gosto. Quando plantam estas, cortam-nas em pedaços pequenos, e as enterram no chão, onde brotam e se estendem pela terra, como as ramas do lúpulo, enchendo-se de tubérculos.

153 *Jettiki*, do tupi *getica* a nossa batata indígena.

Ao leitor deseja Hans Staden a graça e a paz de Deus.

Bondoso leitor: Propositalmente descrevi esta minha viagem e navegação com a maior brevidade, somente para contar como, pela primeira vez, caí no poder dos povos bárbaros. E para mostrar como, poderosamente e contra toda expectativa, o Salvador nosso Senhor e Deus, todo-poderoso, ainda maravilhosamente protege e encaminha os seus fiéis entre os povos ímpios e pagãos, como ele sempre tem feito. E também para que cada um seja grato a Deus e confie nele na desgraça, porque ele mesmo diz: “Invoca-me no tempo da necessidade, para que eu te salve, e tu me louvarás”, etc.

Agora muitos poderão dizer que, se eu quisesse mandar imprimir tudo que experimentei na minha vida e vi, teria de fazer um grande livro. É verdade; desse modo, teria eu também ainda muito que descrever; mas, esse não é o caso. Eu estou certo de que o que me fez escrever este livrinho, já tenho suficientemente demonstrado, é que somos todos obrigados a louvar e agradecer a Deus que nos preservou desde as primeiras horas do nascimento até a hora presente da nossa vida. Ainda mais: posso também pensar que o conteúdo deste livrinho pareça estranho a alguns. Quem tem culpa disso? Não sou o primeiro e não serei o último a ter conhecimento de tais navegações, nem daqueles a quem ainda pode acontecer.



Mas pretender que aquele que se quer libertar da vida para a morte esteja no mesmo estado de espírito que aquele que está longe e só vê ou ouve dizer, isso cada qual que julgue melhor por si.

E se todos os que navegam para a América tivessem de cair nas mãos de inimigos bárbaros, quem desejaria lá ir?

Mas disto estou certo, que muita gente honesta em Castela, Portugal, França e alguns de Antdorff, em Brabant, que tenham estado na América, hão de dar o testemunho de que tudo é como eu aqui o descrevo.

Para aqueles, porém, que não conhecem essas coisas, chamo em primeiro lugar o testemunho de Deus.

A primeira viagem que fiz à América foi em navio português, cujo capitão se chamava Pintyado, e éramos três alemães a bordo. Um era de Bremen e se chamava Heinrich Brant; o segundo chamava-se Hans von Bruchhausen, e eu.

A segunda viagem fi-la eu de Sevilha, em Espanha, para o Rio de Plata, província situada na América e assim chamada. O capitão dos navios chamava-se Dom Diego de Senabrio. Nenhum alemão havia nessa viagem. E depois de muitos labores, angústias e perigos, tanto no mar como em terra, durante dois anos, como já disse, naufragamos numa ilha chamada São Vicente, perto da terra firme do Prasil, habitada por portugueses. Aí encontrei um patrício, filho do bem-aventurado Eobani Hessi, que me recebeu bem. Havia lá mais um de nome Peter Rösel, que era *factor* de negociantes de Antdorff, que se chamam os Schetz.¹⁵⁴ Esses dois podem dar testemunho de como cheguei e como fui capturado por bárbaros inimigos.

¹⁵⁴ Já nesse tempo o primeiro engenho de açúcar mandado construir pelo donatário de São Vicente e que por essa razão, em alguns velhos documentos, se chamou *engenho do Senhor Governador* ou *fazenda do trato*, era propriedade da família de Jorge Erasmo Schetzen, que aí se fazia representar por um feitor. Desde então começou a denominar-se *engenho dos armadores* ou de *São Jorge dos Erasmos*.



Ainda mais. Os marinheiros que me resgataram dos selvagens eram de Normandia, em França. O capitão do navio era de Wattailla, chamava-se Wilhelm de Moner. O piloto chamava-se Françoy de Schantz e era de Harflor.¹⁵⁵ O intérprete era de Harflor e se chamava Perott. Essa gente honesta (Deus lhes pague na vida eterna) auxiliou-me, depois de Deus, para voltar à França. Arranjaram-me um passaporte, vestiram-me e me deram de comer. Estes podem dar testemunho de onde me acharam.

Embarquei depois em Dippaw,¹⁵⁶ em França, e fui para Lunden¹⁵⁷ na Inglaterra. Ali agentes de holandeses souberam do capitão tudo o que me dizia a respeito. Convidaram-me para ser seu hóspede e me deram dinheiro para a viagem. Depois naveguei para a Alemanha.

Em Antdorff, fui à casa de von Oka ter com um negociante chamado Jaspas Schetzen, do qual é *factor* em São Vicente o supramencionado Peter Rösel, como já foi referido. A ele dei-lhe a notícia de como os franceses atacaram o barquinho do seu *factor* em Rio de Janeiro mas que tinham sido repelidos. O mesmo negociante fez-me presente de dois ducados imperiais. Deus lhe pague, por isso.

Se agora alguém houver que não fique contente com este escrito, e para que não continue a alimentar dúvida, peça o auxílio de Deus e emprenda a mesma viagem. Dei-lhe já bastante ensino. Siga as pegadas.

A quem Deus ajuda o mundo não está fechado.

Ao Deus todo-poderoso, que todo está em tudo, sejam a honra, a glória e o louvor, de eternidade à eternidade. Amém.

155 *Harflor*, isto é, Honfleur.

156 Dieppe.

157 Londres.





© 2012, Fundação Darcy Ribeiro
Direitos desta edição pertencentes à Fundação Darcy Ribeiro
Rua Almirante Alexandrino, 1991
20241-263 - Rio de Janeiro – RJ
www.fundar.org.br

1ª Edição. 1ª Impressão. 2014.

BIBLIOTECA BÁSICA BRASILEIRA – CULTIVE UM LIVRO

Curadoria

Paulo de F. Ribeiro – Coordenação Geral
Godofredo de Oliveira Neto
Antonio Edmilson Martins Rodrigues

Comitê Editorial

Eric Nepomuceno – Fundação Darcy Ribeiro
Oscar Gonçalves – Fundação Biblioteca Nacional
Norberto Abreu e Silva Neto – Editora Universidade de Brasília
Anibal Bragança – Fundação Biblioteca Nacional
Lucia Pulino – Editora Universidade de Brasília

Produção

Editora Batel

Coordenação editorial

Carlos Barbosa

Projeto gráfico

Solange Trevisan zc

Diagramação

Solange Trevisan zc

Ilustrarte Design e Produção Editorial

Tratamento de textos da coleção

Clara Diamant

Edmilson Carneiro

Cerise Gurgel C. da Silveira

Carina Lessa

Léia Elias Coelho

Maria Edite Freire Rocha

Projeto de capa

Leonardo Viana

Assessoria de Comunicação Fundar

Laura Murta

Texto estabelecido segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S776v

Staden, Hans, ca. 1525-ca.1576

Viagem ao Brasil / ans Staden. – 1. ed. – Rio de Janeiro:Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 234 p.; 21 cm.
– (Coleção biblioteca básica brasileira; 12).

ISBN 978-85-63574-23-7

1. Índios da América do Sul – Brasil. 2. Índios tupinambá. 3. Brasil – Descrições e viagens – Obras anteriores a 1800. 4. América – Narrativas anteriores a 1600. I. Fundação Darcy Ribeiro II. Título. III. Série.

CDD-981

Roberta Maria de O. V. da Costa – Bibliotecária CRB7 5587



Patrocínio:



Realização:

Ministério da
Cultura



Impressão e acabamento :





FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO

Instituidor

Darcy Ribeiro

Conselho Curador

Alberto Venancio Filho

Antonio Risério

Daniel Corrêa Homem de Carvalho

Elizabeth Versiani Formaggini

Eric Nepomuceno

Fernando Otávio de Freitas Peregrino

Gisele Jacon de Araujo Moreira

Haroldo Costa

Haydée Ribeiro Coelho

Irene Figueira Ferraz

Isa Grinspum Ferraz

Lauro Mário Perdigão Schuch

Leonel Kaz

Lucia Velloso Maurício

Luzia de Maria Rodrigues Reis

Maria de Nazareth Gama e Silva

Maria Elizabeth Brêa Monteiro

Maria José Latgé Kwamme

Maria Stella Faria de Amorim

Maria Vera Teixeira Brant

Paulo de F. Ribeiro

Paulo Sergio Duarte

Sergio Pereira da Silva

Wilson Mirza

Yolanda Lima Lobo

Conselho Fiscal

Eduardo Chuahy

Mauro Justino da Costa

Trajano Ricardo Monteiro Ribeiro

Alexandre Gomes Nordskog – Suplente

Diretoria Executiva

Paulo de F. Ribeiro – Presidente

Haroldo Costa – Vice-Presidente

Maria José Latgé Kwamme – Diretora Administrativo-Financeira

Isa Grinspum Ferraz – Diretora Cultural

Maria Stella Faria de Amorim – Diretora Técnica





